

Luciano Lugori

ENQUANTO

Livro-reportagem sobre os ditos "doidos" de Curaçá

ENLOUQUEÇO



PAISAGENS HUMANAS

As cidades são compostas por existências diversas, algumas anônimas outras se metamorfoseando. As pessoas vão sendo conformadas pelos espaços físicos e afetivos que tecem e molduram tipos, que ressignificam o lugar com suas singularidades, seu modo de ser e de existir. Capturar essas paisagens humanas pode ser uma agradável travessia ao humano, ao sensível.

Enquanto Enlouqueço é uma aventura jornalística em busca de personagens da cidade de Curaçá, que são estigmatizados no círculo social e tidos como “doidos”. Mais do que uma narrativa jornalística, esse livro-reportagem-perfil nos traz um questionamento sobre a experiência do jornalismo de dar visibilidade aos acontecimentos, situações e trajetórias de vida que estão cotidianamente à margem.

Afinal, por que precisamos nomear as pessoas por um determinado tipo? Aliás, tentar nomeá-los é parte do controle social de uma sociedade marcada por distinções de classe, gênero e étnicas, como se precisássemos classificar e distinguir pessoas singulares do que se convencionou classificar como um tipo ideal, ou dito “normal”. Em uma pequena cidade, como Curaçá, em que as regras sociais de convivência são entremeadas por relações interpessoais mais intensas do que outros espaços urbanos, eles são personagens com dupla visibilidade e invisibilidade. Podem ser exóticos, extravagantes, sofrer de



Luciano Lugori

2015



ENQUANTO

Livro-reportagem sobre os ditos "doidos" de Curaçá

ENLOUQUEÇO

Copyright © Luciano Lugori

ORELHA:
Andrea Cristiana Santos

REVISÃO DE TEXTO:
Isabel Pereira Martins e Luciano Lugori

PROJETO GRÁFICO:
Ricardo Alves

IMAGEM DA CAPA:
Yuri Kauan Lugori

PREFÁCIO:
João José de Santana Borges

MESOFÁCIO (OU IMÓLOGO):
Omar Dias Torres

EPÍLOGO
Walter Araújo Costa

LUGORI, Luciano, 1984-

Enquanto Enlouqueço: livro-reportagem sobre os ditos “doidos” de Curaçá / Luciano Lugori. Prefácio de João José de Santana Borges. Juazeiro-Bahia, 2014. 184 p.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia, Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Multimeios, 2015.

1. Livro-reportagem 2. Perfil


Permitida a reprodução total ou parcial dos textos sob as seguintes condições: indicar o nome da obra e do autor; indicar claramente que se trata de uma reprodução; usar estritamente para fins não comerciais. Do contrário, os infratores serão punidos na forma da lei.



DOIDO

O doido passeia
pela cidade sua loucura mansa.
É reconhecido seu direito
à loucura. Sua profissão.
Entra e come onde quer. Há níqueis
reservados para ele em toda casa.
Torna-se o doido municipal,
respeitável como o juiz, o coletor,
os negociantes, o vigário.
O doido é sagrado. Mas se endoia
de jogar pedra, vai preso no cubículo
mais tétrico e lodoso da cadeia.

Carlos Drummond de Andrade



*Ao povo de Curaçá, especialmente,
aos seus “doidos” e “loucos”.*

*E à memória das estudantes Adinair
Oliveira da Silva e Thaisa Caroline.*

SUMÁRIO

Prefácio – João José de Santana Borges	09
Numa “zona de perigo”.....	11
Capítulo I – “A loucura”.....	18
1.1. Breve colóquio sobre o conceito de loucura	20
1.1.1. Alerta sobre as diferenças entre o “doido” e o “louco”	26
1.2. O surgimento e o papel do CAPS em Curaçá.....	29
1.2.1. Caracterização do ambiente e experiência cotidiana	33
1.2.2. Evolução médica de alguns pacientes	37
1.3. Rastros da loucura em Curaçá: caminhos e descaminhos	40
1.3.1. José Porfírio e as reminiscências de Trasíbulo, Pedro Fogoso e outros “doidos”	43
1.3.2. Pelas trilhas de José Codó e Anselmo Vital	45
1.3.3. Juscelita Rosa, a história de Zebu e outros casos	47
1.3.4. Os doidos na Enciclopédia “Babá”: o registro de memórias do povo curaçaense	49
Mesofácio (ou Imólogo) – Omar Babá Torres	57
Capítulo II – “Os loucos” (Perfis Jornalísticos)	60
2.1. “Loucos” entre aspas: os “bailarinos nietzschianos”	62
2.1.1. “Seu cu”: o palavrório de Domingos	65
2.1.2. “Sai da minha porta, peste!”	73
2.1.3. Lalá e a inconveniência de sua loucura	79

2.1.4. A loucura de um artista em mutação: a história de Kekê di Bela	87
2.1.5. José de Jesus: de restaurador de livros a Jorge “Doido”.....	97
2.1.6. Bosco: uma figura erudita e fantasmagórica	101
2.1.7. TTF: a sigla de um doido	109
2.1.8. Tal Valmir, tal Macacuí: o rei do palavrão	115
2.1.9. Neco e os “mistérios” da sua loucura.....	123
2.1.10. “Nasci pedindo desculpas ao mundo”: o anti-heroísmo de Paulinho Carandiru	129
Capítulo III – “O enlouquecimento”.....	138
3.1. Enquanto enlouqueço: a loucura em volume máximo	140
3.2. A loucura em traje de gala.....	143
3.3. A loucura e suas derivações artísticas	148
Uma “invenção” da loucura	151
Epílogo – Walter Araújo Costa	153
Conversações - Encontros e desencontros.....	157
Referências	171
Agradecimentos.....	175
Apêndice.....	177

PREFÁCIO

Enquanto Enlouqueço é um livro-reportagem *sui generis*. Ao tratar dos personagens tomados como loucos em Curaçá, nos leva a questionar nossa própria sanidade mental e os seus padrões. Mais que isso, nos faz acolher o louco dentro de nós e desconfiar das normoses que nos acometem em nosso desprezo pelo diferente. *Enquanto Enlouqueço* é uma declaração de amor às pessoas pouco amadas, pouco respeitadas, pouco compreendidas.

Esse esforço de compreender, de legitimar-lhes a existência, é também uma luta pela comunicação radical: o compartilhar sentidos muito diferentes sobre o mundo. Aqui o trabalho revela um dos seus fundamentos: um exercício jornalístico que rompe padrões e se ousa compor-se com híbrida formatação. Temos, em certa medida, um produto literário, um experimento sociológico, uma aventura antropológica: humanamente enriquecido pela vivência junto aos loucos, Luciano Lugori assume os riscos. Em um dos capítulos finais, ele flerta com a loucura “nossa de cada dia”. Experimenta sentir na pele o drama e a alegria de ser o que se propõe a estudar. Algo nessas páginas me faz lembrar a figura de Raul Seixas, ao menos algumas de suas canções. Ao ler *Enquanto enlouqueço* me vi cantarolando “Eu devia estar contente, pois sou dito cidadão respeitado e ganho quatro mil cruzeiros por mês (...)eu me pergunto e daí?”

Pode-se até mesmo dizer que o livro traz certo desconforto, porquanto nos expõe a própria vulnerabilidade. Embora pareça chamar a atenção para as diferenças entre nós e eles, os loucos de Curaçá, o texto acaba por nos fazer vasculhar algumas semelhanças. O título por si só é provocador: revela o processo de alguém que admite compartilhar o enlouquecimento que a vida social nos induz. Alguém que compreende, por exemplo, que a diferença radical ente nós e eles está fundamentalmente na rotulação. Enquanto nós podemos regular nossos graus de loucura, controlando "a maluquez misturada com a lucidez", eles quase não podem portar outras identidades para além dos estigmas. Como se a sociedade lhes dissesse: você é louco: trate de comportar-se como tal.

Um dos aspectos mais expressivos do livro está no modo de ensaiar uma reflexão que articula saberes das áreas de conhecimento sobre a loucura, com os relatos mais prosaicos, colhidos no mais visceral trabalho jornalístico de narrar histórias e de contribuir para a memória do povo de uma cidade, seu fluxo identitário, a prosa algo genuína das ruas de Curaçá. Nesse sentido, e em muitos outros, o livro aqui apresentado se expõe como um trabalho de comunicação: o esforço de mediar discursos, de compor diálogos por vezes inusitados, explorando controvérsias e desafiando consensos, eis a tônica desse modo próprio de operar temas sob a ótica da comunicação.

Mas, para além da reportagem e dos perfis que o livro nos traz, a humanidade grita em suas páginas, e como disse antes, o amor fraterno aos loucos é escandalosamente noticiado pelo autor.

João José de Santana Borges

NUMA “ZONA DE PERIGO”

De tantas coisas que tinha em minha cabeça, desde o dia que comecei a fazer o curso de jornalismo, uma delas foi – e sempre que pude o fiz – inserir nas atividades acadêmicas algo relacionado com a minha cidade. Sempre busquei incluir de alguma forma aquilo que eu vivia em Curaçá nos assuntos discutidos em cada disciplina e nas atividades dos projetos de extensão, especialmente na aplicação prática do que aprendia em sala de aula. Foi assim em Mídia e Cultura quando escrevi sobre as principais manifestações culturais de Curaçá; em Fotojornalismo quando registrei a Feira de Curaçá, o Serrote Velho Chico¹ e a Gruta de Patamuté²; em Redação Jornalística com reportagens sobre o carnaval curaçense, Bloco das Virgens³ e matérias sobre o G-DECC⁴; em Movimentos Sociais com visita à Rádio Comunitária Curaçá FM; em Entrevista e Reportagem com o perfil de Nega do Doce⁵ e em Seminários Avançados I quando apresentei a atuação e a importância do Conselho do FUNDEB. Ainda falei e

¹ Sítio arqueológico onde foram encontradas pinturas e gravuras, lascas para a produção de instrumentos de pedras, restos de alimentação, como ossos de animais caçados, uma fogueira e restos de um sepultamento. A pesquisa foi realizada entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009 por pesquisadores do Projeto Mata Branca, do Governo do Estado, em parceria com a UFBA.

² Um dos maiores atrativos turísticos de Curaçá e região, a Gruta de Patamuté, localizada a 68 km da sede, recebe todos os anos milhares de turistas e fiéis que se encantam pelo misticismo e beleza natural.

³ Tradicional “grupo carnavalesco” de Curaçá.

⁴ Grupo de Dança Educativa Caminho da Cidadania. Além das atividades de dança, o grupo trabalha com teatro, música, eventos culturais, oficinas artísticas, apresentações temáticas etc.

⁵ Benedita Rodrigues do Nascimento, uma “famosa” doceira da cidade.

escrevi sobre a SCAB⁶, o INOVE⁷, a Sociedade dos Vaqueiros⁸, o Teatro Raul Coelho e sobre o futebol amador local, que quase foi o tema deste livro-reportagem. Parecia estar de dever cumprido, mas não! Ainda faltava mais uma coisa. Talvez a mais importante de todas as etapas na universidade: o trabalho de conclusão de curso. E o tema? Tinha que ser, assim como a produção do TCC, algo perturbador, excitante, inédito no curso, relevante para a sociedade e, acima de tudo, desafiador. A essa altura eu já estava decidido: vou falar de loucura. E claro, sobre os “doidos” de Curaçá.

Mas, afinal de contas, eu conseguiria mesmo dar conta do assunto? Tive mais um motivo para permanecer firme e forte na escolha, embrenhar-me na pesquisa, mergulhar em livros e esmiuçar seus conceitos. E mesmo assim, diante de tanto conhecimento produzido sobre o objeto desse estudo, centenas de perguntas ainda perambulavam na minha cabeça e uma delas era: o que realmente é a loucura? Foi tentando responder isso que me empenhei mais ainda na leitura, fui a campo, conversei com familiares, visitei o CAPS e convivi com alguns dos ditos “loucos”. Quase enlouqueci. E conforme fui entrevistando as pessoas, mais fascinado ficava com o tema e futucava ainda mais o negócio. “Cuidado, você está numa zona de perigo”, alertou-me Esmeraldo Lopes. E esse perigo não me afastou, pelo contrário, foi o combustível que me fez querer ir mais longe. Em certos momentos cheguei a ficar encabulado e tocado com as histórias, com as que eu lia durante os estudos e com as que eu escutava durante a pesquisa. E se antes em Curaçá os doidos

⁶ Sociedade Curaçaense Artística e Beneficente. A instituição é responsável pela gestão do Teatro Raul Coelho.

⁷ O Instituto Opara de Visão Ecosófica é uma ONG local que trabalha com os segmentos cultura e meio ambiente.

⁸ É uma das entidades que representam os vaqueiros em Curaçá.

andavam por aí, entravam em nossas casas, faziam parte do convívio na sociedade, hoje, talvez vítimas duma agressividade coletiva, parece que “sumiram”, descambaram mundo afora, como no caso de Domingo Doido, que, segundo teoriza Wilson Sena, um artista local, voou para longe junto com a Ararinha Azul. Mistério?!

Curaçá é cheia de histórias assim e de personagens que se transformaram em verdadeiras “lendas urbanas”. É comum encontrarmos pessoas falando das presepadas de Macacuí ou contando que morria de medo de Zé Doido. E o que essas pessoas têm em comum? Segundo o povo, elas são “doidas” de pedra. Hoje, seus causos fazem parte do imaginário popular e podem até, numa rodada de amigos ou numa mesa de bar, ser um motivo de gargalhadas, mas, quando decidi escrever sobre isso, eu quis ir além desse escárnio para descobrir de que forma eles “realmente” eram/são vistos pela sociedade. E, por que não, como eles veem a sociedade. Que loucura é essa que marcou essas pessoas? Dorian Leader, em *“O que é Loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana”* (2013), afirma que a “loucura é definida em nossa cultura pela visibilidade”. E eu também acredito que isso é uma verdade, apesar de não ser tão somente isso. Existe aí um emaranhado de coisas que ainda precisam ser explicadas - e descomplicadas. Por isso procurei durante a pesquisa compreender quem é esse “louco social”, o que o define como tal e quais as consequências dessas significações. Também busquei estabelecer as diferenças entre ele e o “louco clínico”, aquele que, segundo parecer médico, apresenta determinados surtos neuróticos e psicóticos, que precisa de cuidado e tratamento, ou seja, ser remediado.

Embora seja um tema comumente visto como médico, e atrelado à psiquiatria, vou tratá-lo de um modo mais leve, mas sem fugir, evidentemente, do caráter e rigor científico, na busca de respostas para minhas indagações e na comprovação das minhas hipóteses. É importante ressaltar que tratarei o assunto pelo viés da comunicação, das rotulações, dos estigmas. É claro que fui instigado pelo interesse pessoal e pela curiosidade aguçada, no entanto, falar sobre loucura e loucos é colocar – pela sua relevância social – em debate alguns valores impregnados na sociedade e enraizados dentro de muitas famílias como preconceito, vergonha, exclusão, silenciamento, entre tantos outros.

Não quero aqui reafirmar que Jorge Doido é doido mesmo ou que Lalá, que se faz de doido, e mesmo tendo comprovação clínica e um atestado médico, não o é. Não é objetivo meu estigmatizar pessoas, eternizar rótulos, consolidar o que a sociedade já fez, muito menos, atestar e diplomar loucos, mesmo sabendo que corro grande risco de cometer esse equívoco. Por isso, em muitos momentos, também me coloquei no meio deles.

Para melhor desenvolver o tema, dividi o livro em três capítulos. No primeiro faço uma breve discussão sobre os conceitos de loucura e apresento umas significações colhidas das narrativas dos entrevistados, um olhar de pessoas comuns na sociedade curaçense sobre o tema. Provoco um debate com grandes pensadores e “formulo” a ideia, através desses pontos de vista, de como a loucura é produzida socialmente. Ainda nesse capítulo discutirei sucintamente as possíveis diferenças e analogias entre o que é ser “doido” e o que é ser “louco”. O surgimento do CAPS de Curaçá e o seu papel nos quase dez anos de existência aparece

registrado nesse capítulo, bem como trechos de falas e dos prontuários de três de seus personagens. Será também traçada a trajetória dessa loucura em Curaçá, que preferi chamá-la de “rastros”, com o resgaste e registro de algumas memórias quase adormecidas.

A segunda parte do livro será a mais literária. Nela estarão os perfis de alguns personagens, escolhidos pelas suas particularidades. São os “doidos”, digamos assim, mais “famigerados” da cidade. São dez figuras emblemáticas: seis já falecidas e outras quatro ainda vivas e presentes no cotidiano da cidade. Na abertura deste capítulo terá um breve texto de apresentação dos perfilados. Trata-se de uma espécie de “cerimonial”, onde muito rapidamente exibo algumas das características desses “loucos” que estão tatuados no imaginário popular dos curaçaenses. O tópico intitulado “Loucos em aspas”, que a princípio seria o título deste livro, abordará – para novamente evitar tachamentos – os “doidos” como se fossem “bailarinos”, criados a partir de um pensamento do filósofo Nietzsche⁹ hibridado com uma poesia de Wilson Senna¹⁰.

O terceiro e último capítulo é o mais curto. Nele eu dou um mergulho na minha própria loucura e traço o caminho de volta ao meu passado a fim de descobrir as motivações que me levaram a escolher esse tema. Apresento nesse capítulo a relação da loucura com as artes, citando alguns exemplos. E para finalizar essa parte, foi feita uma provocação à sociedade com o texto a “loucura em traje de gala”. Também faço um registro das entrevistas e conversas informais realizadas ao longo da pesquisa, daquilo que mais chamou

⁹ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor alemão do século XIX.

¹⁰ Ator, músico e poeta local.

atenção durante os colóquios. “Enquanto enlouqueço”, título escolhido para este livro-reportagem, pretende levar o leitor ao mundo dos ditos “doidos” de Curaçá e fazê-los refletir sobre a loucura, especialmente a deles. Vale frisar que as pessoas que foram escolhidas para compor este livro, os chamados “loucos”, permanecerão entre aspas, uma vez que a nossa sociedade ainda não os compreende e não consegue ouvir a música que faz os “loucos” bailarem.





“A loucura”



Enquanto você se esforça pra ser um sujeito normal e fazer tudo igual. Eu do meu lado aprendendo a ser louco, um maluco total na loucura real.”

Raul Seixas

CAPÍTULO

1

I.I BREVE COLÓQUIO SOBRE O CONCEITO DE LOUCURA

Mesmo com centenas de publicações a respeito do tema, o conceito de loucura ainda é algo contestável ou, pelo menos em algumas comunidades, controverso e confuso. E se antes, por um bom tempo, discutir o assunto era tarefa para filósofos e matéria de controle absoluto da igreja; hoje, mesmo com um estudo mais aprofundado e com comprovações científicas, avaliar e detectar alguém com algum sintoma de loucura e diagnosticá-lo, numa atividade fundamentalmente médica, como louco ou algo semelhante, não é tarefa simples. Haja vista que vivemos numa sociedade, cujo termo “loucura” é designado pela visibilidade e, em muitos casos, mesmo sem a comprovação clínica, às vezes até de forma antecipada a isso, muitas pessoas são vistas como “doidas” e assim proclamadas pela coletividade. Das duas, uma: ou não sabemos o que de fato é loucura ou a oportuna concepção sobre esse objeto ainda é buraco negro.

Numa pesquisa simples pelas páginas da internet é fácil encontrar um leque de informações e um grande portfólio sobre o assunto. Alguns conceitos são mais complexos e científicos, outros são mágicos, poéticos e até proféticos. De modo geral, os diversos significados falam numa mesma língua. A enciclopédia livre Wikipédia¹¹, muito polemizada no meio acadêmico, reproduz que “loucura ou insânia é, segundo a psicologia, uma condição da mente humana caracterizada por pensamentos considerados anormais pela

¹¹ A Wikipédia é um projeto de enciclopédia coletiva universal e multilíngue estabelecido na Internet sob o princípio wiki. A Wikipédia tem como objetivo fornecer um conteúdo reutilizável livre, objetivo e verificável, que todos possam editar e melhorar.

sociedade. Os dicionários *onlines* Dicio, Priberam e Informal a descrevem, entre tantas coisas, como “qualidade ou caráter do que é louco”, “alienação mental” e “atitude imprudente”, respectivamente. É claro que o teor de veracidade e legitimidade dessas definições é discutível. No entanto, não deixa de ser interessante citá-los e discuti-los à luz dos grandes nomes que dedicaram tempo em estudos e pesquisas sobre a temática.

Filósofos, teólogos, sociólogos, médicos (psicólogos, psiquiatras, psicanalistas etc.), romancistas, poetas, historiadores, cantores, atores, artistas, loucos e pessoas comuns, sem titulação acadêmica ou social, já escreveram, a partir do que entendiam e à sua época, algo sobre a loucura. Ou vivenciaram uma situação íntima que se revelada podemos considerar anormal e por que não, maníaca ou psicopata. Esse capítulo foi construído basicamente dessa forma, partindo, evidentemente, de acepções mais bem elaboradas até as significações mais simplórias. Para entender muitas coisas, é importante realizar esse debate entre o conceito médico e científico e o conceito popular e social, não para chegar a denominador comum, mas para estabelecer relações entre ambos e compreender como pessoas, aparentemente normais, são tachadas pela sociedade como loucas no meio cotidiano. Esse diálogo possibilitará perceber como a loucura é produzida socialmente e se ser louco ou doido é um ser visível e audível ou se ainda estamos distantes dessa compreensão, seja na teoria ou na prática.

Como bem se sabe, a conceituação da loucura foi - e é - historicamente construída. Atualmente ela está intimamente atrelada à psiquiatria. No entanto, desde os tempos imemoriais até os dias de hoje, o contexto histórico sempre foi decisivo para sua compreensão

e constituição. Em virtude disso, não dá para afirmar que a definição do que é ser louco está clara, pois ela ainda está sujeita a transformações. Como foi dito anteriormente, vivemos numa sociedade que define as pessoas de acordo com o que se vê: é pobre porque se veste mal; é drogado porque escuta rock; é louco por isso e por aquilo; e assim, sucessivamente. E se a loucura não se manifesta? E se ela estiver embrenhada no mais completo silêncio? Como descobri-la e entendê-la?

No livro “A história da loucura na Idade Clássica”, de 1978, o filósofo francês Michel Foucault reproduz algumas definições sobre o que é a loucura. Na Enciclopédia o verbete significa “afastar-se da razão com confiança e na firme convicção de que segue seus ditames”. Para Sauvages, médico do século XVIII, os loucos são “os que estão de fato privados da razão ou que persistem em algum erro notável”. Foucault chamou isso de “círculo de uma consciência errônea” e disse que a loucura começa “onde se perturba e se obnubila o relacionamento entre o homem e a verdade”. É a partir desse relacionamento que a loucura assume seu sentido geral e suas particularidades (de demência, delírios e alucinações).

Noutras palavras, Michel Foucault disse que antes que a loucura seja vista como uma anomalia, é preciso entender o seu conceito como uma construção social, cultural e histórica. E se durante a Idade Média a loucura era tida como parte da vida cotidiana, no século XVII ela se fixou nos hospitais que à época não possuíam o mesmo valor de hoje e eram como se fossem “depósitos” de pessoas indesejadas. O pensamento moderno, atrelado à razão, aprisionou a loucura nos campos filosóficos e a religião se apropriou

dos loucos para ampará-los e, concomitantemente, castigá-los, numa “tentativa de salvação” da condição de insanidade.

Carlos Roberto Aricó, em “Reflexões sobre a loucura”, obra publicada em 1986, comenta que durante séculos a Igreja dificultou abordagens científicas sobre a loucura e que “indivíduos vitimados por enfermidades estranhas” não eram reconhecidos como doentes. Estes “fenômenos sobrenaturais” eram explicados somente sob a “égide dos preceitos religiosos”. Aricó ainda revela que os primeiros médicos interessados no estudo das doenças mentais foram ameaçados e perseguidos. Cita-se o exemplo de Reginald Scot que, em 1584, teve seu trabalho totalmente destruído por meio de “agentes da demonologia oficial”.

No início do século XVI, Erasmo de Rotterdam¹², de modo literário e satírico escreveu o “Elogio da Loucura¹³”, que embora não seja um livro científico, possui uma importância singular. O autor, que foi ordenado padre, faz na obra provocações a dirigentes políticos e autoridades eclesiásticas de sua época, sempre utilizando a máscara da loucura. De modo simples e criativo, a loucura aparece em quase todos os títulos do livro, sempre relacionada com outros temas. Logo nas primeiras páginas, Erasmo, que se apresenta como a própria loucura, diz ser “a única capaz de alegrar os deuses e os homens” e que ainda é capaz de livrá-los das preocupações.

¹² Erasmo de Rotterdam, Roterdão ou Roterdã foi um teólogo e um humanista neerlandês. Sábio e estudioso, ele foi um dos primeiros autores de grande vendagem no mundo.

¹³ O Elogio da Loucura é um ensaio escrito em 1509 por Erasmo de Roterdão e publicado em 1511. A obra é considerada um dos mais influentes livros da civilização ocidental e um dos catalisadores da Reforma Protestante.

Foram muitos os conceitos criados em cada período histórico e eles variam de sociedade para sociedade. E, como alude Foucault, essas significações da loucura são determinadas por parâmetros culturais de cada época. Jacques Lacan¹⁴, por exemplo, anunciou que “todo mundo é louco”. Sua filha Judith Miller¹⁵, durante uma recente entrevista disse “que cada um de nós tem um grão de loucura¹⁶”. O médico Philippe Pinel, um dos mais célebres da área de saúde mental e considerado por muitos o pai da psiquiatria, considerou a loucura como “sinônimo de desequilíbrio das funções mentais e afetivas” e que “há sempre um resto de razão no mais alienado dos alienados”. Já o filósofo alemão Hegel¹⁷ disse que “a loucura é um simples desarranjo, uma simples contradição no interior da razão, que continua presente”.

O psicólogo brasileiro Isaías Pessotti em “Os nomes da loucura” (1999) percorre aos séculos, desde a antiguidade até a contemporaneidade, para tratar as classificações e denominações da loucura. Ele expõe os modos de produção de seu conhecimento de maneira epistemológica e metodológica. A loucura, que já foi considerada como mania e melancolia, está presente na nossa sociedade e exerce um certo fascínio, não apenas para médicos e filósofos. Hoje a sua exploração é realizada por diversos profissionais, seja para divergir ou convergir de suas significações,

¹⁴ Jacques-Marie Émile Lacan foi um psicanalista francês. Formado em Medicina, passou da neurologia à psiquiatria, tendo sido aluno de Gatian de Clérambault.

¹⁵ Filha de Lacan.

¹⁶ Entrevista realizada por Deborah Berlinck, em Paris, e publicada no site do jornal O Globo em 04/06/2011.

¹⁷ Filósofo alemão, um dos criadores do “idealismo absoluto”.

mas acima de tudo, para descobrir-se enquanto ser humano, sujeito às “punições” produzidas pelo olhar da sociedade: silenciamento, invisibilidade e preconceito.

A concepção acerca da loucura varia na sociedade e o seu discurso assume vários universos. Durante a pesquisa, na narrativa dos entrevistados, o significado do termo surge para explicar as mais diversas situações. Dentre os seus usos, a significação da loucura se apresenta, na maioria das vezes, como um vocábulo polissêmico. Alguns entrevistados quando indagados sobre o assunto responderam o seguinte: “... é uma doença...”, “... é gente agoniada e sem paciência...”, “... são alucinações...”, “... é quando a pessoa faz coisas sem pensar nas consequências...”, “... é um problema de saúde mental...”, “... são desequilíbrios mentais...”, entre outros.

O mesmo acontece se a pergunta “O que é loucura?” for feita noutros ambientes da sociedade. Essa experiência apontou que as pessoas praticam uma espécie de reprodução dos seus usos e acepções. Um dito “doido” disse que loucura “é quando a lua passa”, um outro revelou que “é quando um quer matar outro, mas pensa em Deus e desiste”. Já um dito “normal” anunciou que loucura “é uma pessoa que não tem o juízo certo”. Isso é o que pensa e diz a maioria das pessoas consideradas “normais”. A loucura e o louco, em muitos casos, são vistos pela sociedade como um tipo de “ferida”. E apesar de os tempos serem outros e mesmo com tantas mudanças ocorridas nos modos de “tratar” as pessoas que sofrem com alguma psicose, o preconceito parece estar enraizado.

O conceito social (ou antissocial) do que é loucura para a coletividade, elaborado a partir das entrevistas realizadas durante investigação realizada para este livro, distancia-se um pouco daquilo

que já foi dito nos parágrafos anteriores, do que dizem os teóricos e pesquisadores. No entanto, são válidos, pois é por meio deles que a sociedade rotula as pessoas, ou seja, o estigma surge a partir dessa incompreensão do que é loucura. No caso dos “doidos” de Curaçá, boa parte foi estigmatizada, principalmente, pela visibilidade. É evidente que existe um ou outro caso em que as explicações do povo não são suficientes e ainda são discutíveis, como veremos mais adiante. Alguns loucos perfilados neste livro adquiriram a titulação de doido perante a comunidade curaçaense e, às vezes, são vistos, com um olhar tortuoso da ignorância e da arrogância.

I.I.I ALERTA SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE O “DOIDO” E O “LOUCO”

O sociólogo Esmeraldo Lopes disse numa entrevista que existem diferenças entre o “doido” e o “louco”, embora ambas as palavras sejam utilizadas como sinônimos na maioria das vezes. “O doido é agressivo”, “Doido é aquele que joga pedra”, “Doido é quem rasga dinheiro”, são exemplos daquilo que as pessoas enxergam nesse tipo de sujeito. Geralmente a “doidice” está associada, pelo menos nos discursos dos entrevistados, a algum tipo de violência. E esses “doidos” causam medo, justamente por representar um perigo iminente.

Já o “louco” é visto como uma pessoa sociável e que vive entre os “normais”. “O louco tem emprego, tem família e filhos”, “O louco é aquele que comete loucura e qualquer um pode fazer isso”, “Somos todos loucos”. Essas são apenas algumas das narrativas sobre a loucura que facilmente se escuta e se reproduz nos espaços sociais.

É claro que essa discussão é bem ampla e não dá para afirmar – não nesta pesquisa nem neste livro – que existem diferenças e/ou

semelhanças conceituais entre o “doido” e o “louco”. Até mesmo porque, normalmente, utilizamos dessas palavras quando nos referimos às pessoas que possuem um distúrbio psicótico, àquelas que perderam o contato com a realidade, que perderam a razão e também às que possuem “razão” demais.

É comum alguém ser tachado como doido, como louco ou ainda como um aglomerado de adjetivos, num verdadeiro emaranhado conceitual. Junta-se aqui: insano, alienado, maluco, demente, insensato, desajuizado, desequilibrado, perturbado mental, doente mental e outras designações menos usuais. Pelo menos uma dessas palavras já deve ter sido proferida por nós a alguém ou alguma pessoa já nos chamou disso em determinado momento de nossas vidas, brincando ou não.

Para este livro escolhi, desde a capa - no subtítulo -, utilizar mais o termo “doido”, mesmo “significando” agressividade e violência para uma boa parte da sociedade. Em muitos momentos vai aparecer a palavra “louco” - que também aparece conjugada no título da obra - justamente não concluir (nem é meu objetivo) se existem ou não discrepâncias no campo conceptual de ambos. Outro pretexto por optar mais pelo “doido” deve-se ao fato de alguns perfilados serem assim conhecidos (Domingo Doido, Zé Doido, Jorge Doido são alguns exemplos disso).

Em Curaçá, os mais velhos quando se referem a essas pessoas sempre empregam a expressão “os doidos de Curaçá”. Um apelido que foi historicamente acrescentado ao nome de batismo e que hoje, é muito raro, quando alguém fala de Jorge e Zé, não chamá-los também de Doido. Isso será percebido nos próximos tópicos, quando irei tratar da história da loucura em Curaçá, na discussão do papel do

CAPS na sociedade curaçense e, especialmente, no Capítulo 2, durante a construção dos perfis.

I.2 O SURGIMENTO E O PAPEL DO CAPS EM CURAÇÁ

No dia 6 de outubro de 2005 foi publicada pela Assessoria de Comunicação no site¹⁸ da Secretária de Saúde do Estado da Bahia uma matéria com o título ***“Reforma psiquiátrica ganha impulso com inauguração de CAPS em Curaçá”***. O texto anunciava “avanços na área de saúde” em todo o Estado como “preconizado pela Organização Mundial de Saúde”. Na mesma notícia, o então Coordenador de Saúde Mental da Sesab, Paulo Gabrielli, afirmou que a proposta era “devolver às pessoas a possibilidade de reintegração na comunidade”. Para a psicóloga Gina Loureiro, uma das primeiras diretoras, o advento do Centro de Atenção Psicossocial foi um marco para Curaçá. “Foi um marco divisor da saúde mental no Município. Antes do CAPS, os portadores de transtornos mentais não tinham atendimento psicossocial, apenas consultas ambulatoriais”, afirma a ex-diretora.

Essa história começa em 9 de outubro de 2005. De lá pra cá são quase nove anos de serviços prestados à comunidade curaçaense, especialmente aos denominados “doentes mentais”. Foi uma transição não somente de períodos históricos, mas também na nomenclatura dos sujeitos (de “doido” para “doente”) que, a partir dali, começaram a frequentar o espaço. O CAPS tornou-se a “casa” onde os “doidos” são “cuidados”, o lugar aprazível de muitos pacientes, que antes perambulavam pelas ruas sem nenhuma atenção especial ou ficavam isolados em suas casas. Essa mudança de paradigma, bem verdade, não excluiu o preconceito da sociedade, no entanto, introduziu novas possibilidades no tratamento das chamadas “pessoas com transtornos mentais”.

¹⁸ <http://www.saude.ba.gov.br/>

Três anos antes da inauguração do CAPS 1, o povo de Curaçá estava à procura de Domingos Rodrigues dos Santos (um dos perfilados deste livro) que sumiu sem deixar rastros. Domingão, como era conhecido, foi um dos “doidos”, digamos assim, mais badalados da cidade. Ele desapareceu no dia 20 de novembro de 2002 e jamais regressou. Até hoje não se sabe notícias dele e o seu paradeiro ainda é um mistério. De tão querido que era, o pessoal responsável pela gestão da Secretaria de Saúde na época, optou em batizar o espaço com o seu nome. No folder comemorativo, um pequeno trecho dizia o seguinte sobre Domingos: “... sempre foi tratado com carinho por seus familiares e por toda sociedade curaçãense. Deficiente mental e mudo, é uma pessoa de natureza calma. Em sua homenagem inauguramos nosso primeiro CAPS...”.

O CAPS de Curaçá foi - e continua sendo até então - o único equipamento público (prédio) a colocar o nome de um dito “doido” para designá-lo. Além desse tributo, existem apenas dois logradouros que levam nomes de “loucos”, o Beco de Zé Pretinho e o Beco de Macacuí. Fora isso, nada mais. Muitos “doidos de Curaçá” continuam vivos somente na memória, que a cada dia se apaga um pouco, de alguns curaçãenses. Por essa razão, a história do CAPS fica ainda mais interessante. E Domingos, que foi abraçado pelo seu povo, até hoje provoca dúvidas sobre sua existência, se ainda está vivo e perambulando por aí, como costumava fazer, ou se terá sucumbido diante da crueldade humana.

O CAPS de Curaçá desde sua fundação já atendeu quase cinco mil pacientes entre semi-intensivos, intensivos e ambulatoriais - aqueles que realizam apenas consultas pontuais e/ou visitam o espaço para “pegar remédios”. Atualmente existem 25 pacientes

intensivos que, de acordo com a CID¹⁹ diagnosticada, geralmente por um especialista, foram clinicamente qualificados como esquizofrênicos, epilépticos, bipolares, dependentes químicos e depressivos. Existem ainda pessoas com o Mal de Alzheimer, com retardo mental e com transtornos somatoformes. Alguns pacientes apresentam mais de um quadro da CID, chegando a ser diagnosticado com até três doenças.

No dia 24 de outubro de 2005 foi realizado o cadastro do primeiro paciente intensivo. Edna Maria Pereira Martins - com 54 anos à época - foi atendida pelo psiquiatra Antonio Plauto Oliveira Lima que a diagnosticou, segundo os parâmetros da CID-10, como uma F-71 e colocou no seu prontuário as seguintes observações: *“Cefaleia + agonia na cabeça. Não faz uso de medicamento (nega). Familiar refere agitação agressiva. Usa Gardenal sem respostas positivas. Modificando conduta. CD Fenobarbital 100mg 0 + 0 + 1”*. Um mês depois, o mesmo médico anotou avanços no tratamento e registrou, entre outras coisas, que Dona Edna “estava mais calma”, “dormia bem” e “tinha um bom relacionamento com outros pacientes internos”. Na terceira vez que foi atendida, ela disse o seguinte ao psiquiatra: “Não tô mais jogando pedra na rua”.

Edinha, como é conhecida na comunidade, antes do CAPS foi vítima de muitos curaçaenses que, para irritá-la, repetiam frases insultuosas na sua presença. Dizer que “O terreno é de Jó”, por

¹⁹ A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, frequentemente designada pela sigla CID ou ICD (do inglês International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems) fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças. A CID-10, como é conhecida, foi desenvolvida em 1992 para registrar as estatísticas de mortalidade

exemplo, era uma das coisas que mais a chateava e a tirava do sério. Foi assim por muitos anos e talvez isso tenha agravado ainda mais a sua doença. Hoje, com 66 anos, Edinha é a paciente mais antiga, é bastante ativa, cuida do jardim do espaço e sempre participa das atividades terapêuticas. Ela não está curada, mas o seu prontuário aponta melhorias e um certo controle. Noutro registro, o médico anotou: “paciente sentindo-se bem, mas com delírios de grandeza”.

O CAPS de Curaçá dá ares de ter desenvolvido um trabalho social importante para a comunidade e tem cumprido com o objetivo de “prestar atendimento à população através do acompanhamento clínico, reabilitação psicossocial, atividades produtivas de lazer”, além de “propiciar o fortalecimento dos laços familiares, a reinserção social e melhoria da qualidade de vida através do exercício da cidadania”. Durante os nove anos de existência, o CAPS já realizou dezenas de atividades com os seus pacientes. Do início até o fim de ano, os frequentadores mais assíduos são envolvidos nas mais diversas comemorações: Carnaval, Semana Santa, Dia das Mães, São João, Dia dos Pais, Confraternização de Natal e Fim de Ano, além das festividades de aniversário da instituição e do Dia da Luta Antimanicomial – este último, geralmente com caminhada pelas ruas da cidade e em parceria com outras instituições do Município).

A instituição, até os dias de hoje, já foi gerida por seis pessoas. Como o cargo de Coordenador do CAPS é uma indicação política, ou seja, é um “cargo de confiança”, sempre há mudanças na coordenação. A primeira gestora foi a enfermeira Vaníria Valquíria que ficou no cargo poucos meses. Depois dela quem assumiu a chefia do centro foi a psicóloga Gina Loureiro. O terceiro, que também é psicólogo, foi Ricardo Gila, único homem que assumiu essa função. A

quarta coordenadora foi Ângela Pereira, técnica em enfermagem. A penúltima foi Edvânia Bezerra, que ficou à frente do CAPS por apenas três meses, durante uma transição de governo. Desde 2013, a assistente social Rosa Amélia Rodrigues é a responsável pela gestão do espaço.

Atualmente o organograma do CAPS de Curaçá está dividido da seguinte forma: Coordenação Geral, Equipe Médica (com um psiquiatra, um psicólogo e um geriatra), Equipe de Enfermagem (com um enfermeiro e dois técnicos de enfermagem), Equipe de Terapia e Assistência Social (com uma assistente social, uma técnica de oficinas terapêuticas e uma artesã), Equipe Administrativa (com uma recepcionista, uma auxiliar de serviços gerais e duas cozinheiras) e Equipe de Segurança (com quatro vigilantes). Ao todo são 18 pessoas envolvidas nas atividades gerenciais da instituição, naquilo que eles se autodenominam “Família CAPS”.

1.2.1 CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE E A EXPERIENCIAÇÃO COTIDIANA

O CAPS de Curaçá fica localizado no centro da cidade, numa avenida cheia de pingos-de-ouro e caralbeiras que, em época de primavera, têm suas folhas tomadas pela cor amarela, formando uma bela vista, naquelas coisas da natureza. Do lado de dentro, num espaço de aproximadamente 2.000m², mangueiras, laranjeiras, pinheiras, maracujazeiros, cajueiros, coqueiros, umbuzeiro e aceroleiras, além de algumas plantas medicinais, como capim-santo, malvão, pata-de-vaca completam o cenário paisagístico do ambiente. A chácara onde funciona a instituição recebe “pessoas comuns” que

frequentam o lugar diariamente. Elas se dividem em atividades socioeducativas e artesanais e são repletas de histórias.

- Gente, este aqui é Luciano Lugori. Ele vai ficar uns dias aqui com vocês. Ele é jornalista e está fazendo um livro. Ele quer ouvir suas histórias.

Dona Josenita, uma das responsáveis pelas oficinas com os pacientes, tratou de apresentar-me ao pessoal e eu logo dei meu cartão de visita.

- Bom dia, gente! Pois é, não se preocupem comigo, pois sou como vocês. Estou aqui porque também quero me compreender enquanto ser humano.

Desde então, sempre que chego ao CAPS, sou bem recebido por todos. Os funcionários e, especialmente, os pacientes, param um tempinho, dão-me atenção e revelam um pouco suas vidas.*

- Bom dia primo!

- Bom dia Edinha!

- Hoje quero ouvir sua história

- Pois não!

Disse-me educadamente Edinha²⁰, que é uma das pessoas mais carismáticas que frequentam o espaço. Ela tem uma memória vivaz, é alegre e muita ativa nas atividades que são desenvolvidas

²⁰ Edna Maria Pereira Martins nasceu em Curaçá em 20 de maio de 1948. É a mais velha dos 12 filhos de Otacílio Rodrigues Martins e Zenaide Pereira Martins. Veio ao mundo pelas mãos da parteira Sérgia Maria da Conceição, conhecida como Mãe Sérgia. Sempre morou em Curaçá. É mãe de um filho, Iraso Martins do Nascimento. Estudou até a 4ª série no Colégio Municipal Dr. Scipião Torres. Foi aluna da professora Excelda do Nascimento.

cotidianamente. Ela me revelou que parou de estudar ainda no primário, quando adoeceu e se afastou da escola. “Acho que o vento me pegou. Foi numa época que choveu muito aqui”, justifica. Dona Edna durante anos sofreu com os “malandros”, como ela mesmo os definiu, que a aborreciam nas ruas.

- O povo me aperreava muito. Diziam que eu era doida e eu não gostava. Também me chamavam de cabritinha. Eles é que são doídos.

Jogar pedra era a sua resposta contra os aperreadores, principalmente por causa de um “tal” terreno que era seu, mas que haviam lhe tomado e vendido. Isso já foi superado e a sua atitude agora é outra. Segundo a própria, o CAPS a tornou numa pessoa mais calma e compreensiva. “No CAPS tudo é bom. Gosto de todo mundo aqui, pois sou tratada com respeito”. Edinha insiste em dizer – até briga se alguém duvidar – que foi a primeira paciente da instituição e que frequenta o ambiente desde o dia da sua fundação. Dentre as diversas atividades diárias, ela gosta de pintar, fazer flores de fuxico, pontos cruz, além de realizar algumas “continhas de matemática” num pequeno caderno, já quase todo rabiscado. E revela:

- Faço isso pra mente não ficar pensando em coisas ruins e pra distrair a minha vida.

Seu Faustino²¹ é exímio carpinteiro. Toda vez que ele confecciona um artefato, faz questão de mostrar aos colegas. Ele

²¹ Faustino Gomes da Silva é pai de quatro filhos. Nasceu na Fazenda Umbuzeiro, Curaçá-Bahia, no dia 20 de Abril de 1944. Morou durante 14 anos em São Paulo, onde trabalhou como ajudante de almoxarifado.

guarda numa caixa de papelão vários modelos. São patinhos, porta-lápis, porta-chaves e objetos que ele ainda não nomeou, todos feitos com sobras de madeiras.

- Por que o senhor está aqui?

- Por causa de uma voz que ouvia e me assustava muito.

- O que dizia essa voz?

- Não lembro, mas toda vez que ia fumar um cigarro eu ouvia a voz, como se fosse me matar e eu saía correndo pra dentro do mato. Por isso me entocaram aqui. Disseram que eu estava ficando doido.

A misteriosa voz o fez pensar que o seu problema estava relacionado ao “giro da terra”. Ele contou que uma pessoa lhe disse que “toda vez que a terra girava, devido o seu contato com a lua e com o sol, ele fica avexado e tresvariava”. Já um padre lhe falou: “você tem sentinela com Deus”. Essas são suas revelações.

Uma psicóloga, segundo Seu Faustino, assegurou que ele não precisa frequentar mais o CAPS, pois ele já estava “curado”. Então, perguntei:

- E por que o senhor ainda está aqui?

- Sei lá porque diabo eu estou aqui.

- O senhor mora sozinho?

- Não. Só eu e Deus!

Ensimesmado. Amante do silêncio. Seu Agenor diz não lembrar mais o próprio nome. Nem a data de seu nascimento. Talvez até saiba, mas é um homem de poucas palavras. Mas conta que gostava de pescar e de jogar bola. No CAPS faz atividades artesanais, cria uns canudinhos de papel e faz com perfeição as flores fuxico, além de varrer cuidadosamente o espaço. Mas ele é uma pessoa surpreendente.

- Ele canta, sabia? Muita gente não acredita. Cante aí Seu Agenor - pediu uma das assistentes.

Depois de permanecer compenetrado por mais uns minutos, ele soltou a voz e cantou trechos de “Mamãe estou tão feliz”, imitando o timbre de Agnaldo Timóteo.

- Mamãe estou tão feliz, porque voltei pra você, alguma coisa me diz, que hoje eu volto a viver, penso feliz ao seu lado...

Agenor começou a manifestar a doença ainda na adolescência. Ele, no início da doença, cantava o sucesso de Antonio Marcos "menina de trança" em uma versão sua.

Uma das funcionárias mais antigas do CAPS afirmou que ele evoluiu muito, mas ainda prefere ficar maior parte do tempo calado.

1.2.2 A EVOLUÇÃO MÉDICA DE ALGUNS DOS PACIENTES

O primeiro prontuário de Seu Faustino apontou “alucinações visuais” como as principais queixas do paciente. Uma amiga, que o acompanhou na sua chegada ao CAPS, relatou que essas alucinações o deixaram sem sono, com inapetência e depressivo. O paciente foi diagnosticado com “transtornos delirantes persistentes”, segundo a

CID, um quadro de F22. Depois de alguns anos frequentando a instituição, Seu Faustino já não se lamuria mais das vozes que ouvia, permanece tranquilo e é sempre colaborativo nas oficinas terapêuticas. Entre as diversas observações registradas no seu formulário de evolução médica, uma psicóloga escreveu que o *“usuário apresenta-se permanentemente compensado, sem apresentar conflitos psíquicos ou desestabilidade de humor. Muito empenhado nas oficinas terapêuticas. Segue sendo observado”*.

Conforme avaliação médica, Seu Agenor é considerado um esquizofrênico, classificado como um F20. Seu primeiro surto psicótico ocorreu aos 12 anos de idade, mas ele ainda continua ouvindo vozes e conversando sozinho. *“Agenor evolui bem, é tranquilo, participa das atividades, sem queixas e é consciente. Comunica-se pouco com os colegas”*, registrou uma enfermeira no seu prontuário. Seu Agenor, assim como os demais pacientes, também apresentou melhoras e evolução no seu quadro clínico. Uma avaliação recente apresenta o seguinte: *“O senhor em pauta comparece para o seu tratamento no CAPS I lúcido, lembrando de coisas do seu passado, canta alegre, orientado, calmo e participativo”*.

Dona Edinha é portadora dos quadros G40 e F06.8, epilepsia e transtornos mentais especificados, respectivamente. Uma psiquiatra registrou em atestado médico que a paciente é inapta a desenvolver atividades laborativas permanentemente. *“Edinha está aborrecida porque perdeu dois reais”*, *“Edinha diz ter batido a cabeça em uma parede por distração”*, *“Edinha diz ter tropeçado e caiu por cima do antebraço”*, são alguns depoimentos da paciente anotados em sua ficha de acompanhamento médico. Além destes registros, o prontuário de Edinha aponta que a paciente não apresentou mais

episódios convulsivos, que está evoluindo bem e respondendo satisfatoriamente ao tratamento.

Seu Faustino, Seu Agenor e Dona Edna são alguns dos pacientes que frequentam diariamente o CAPS I de Curaçá, cada um com as suas particularidades. Em comum mesmo só o “preconceito” que ambos sofreram. Uma das funcionárias mais antigas revela que, no início, sempre que saíam do espaço para realizar atividades, costumava ouvir as pessoas na rua falarem coisas do tipo: “lá vão os doidos”. Ainda hoje, quase dez anos depois da chegada do CAPS à cidade, muitos ainda têm uma imagem errônea do papel da instituição e, prontamente, a associam à loucura.

I.3. RASTROS DA LOUCURA EM CURAÇÁ: CAMINHOS E DESCAMINHOS

A literatura curaçense, de um modo geral, ainda é escassa. Se levarmos em consideração os quase 200 anos de existência do Município, os registros históricos são bastante pontuais. Destacam-se: Descrição Histórica e Geográfica do Município de Curaçá (1926), de João Mattos; Revista (uns chamam de Livro) do Centenário de Curaçá (1953), organizado por um “grupo de intelectuais” da época; Caminhos de Curaçá (1999), do sociólogo e professor Esmeraldo Lopes e História da Imprensa de Curaçá (2008), do jornalista e pedagogo Maurício Bim e Herdeiras de Feliciano – Perfis de mulheres de Curaçá (2012), da jornalista e historiadora Alinne Suanne Torres.. O próprio Jornal Asa Branca, veiculado no início dos anos 80, é rico de informações desse período. Existem ainda algumas monografias sobre os Marujos, a Festa dos Vaqueiros, o São João de Barro Vermelho, dentre outros temas curaçenses que já foram abordados por estudantes em suas graduações. São trabalhos específicos e, praticamente, em nenhum deles se fala de “loucura” ou dos “doidos”, com exceção, claro, de pequenos trechos registrados por Esmeraldo, no seu livro e também em seu site²² pessoal. Talvez ele tenha sido o primeiro a se preocupar, resgatar e publicar parte das histórias desses doidos.

Zé Pretinho rua acima, rua abaixo. Um bastão na mão, um coité pendurado no passador da calça. Homem de todas as casas, sem pedido de licença para entrar [...]. Zebu fumando o

²² www.esmeraldolopes.com.

tempo todo na luta para não deixar o cigarro apagar, falando sem ligança para os ouvidos dos outros, contando casos de Lampião [...]. Coruja no seu quebra-jaca e dizendo: “Cachaça ainda mata um peste”, [...] e Domingão soltando “porraaaaa...”, jogando pedra nos meninos aperreadores. Turite (Maria Quitéria), afogada na cachaça, rezando nos doentes, clamando aos céus, pedindo socorro ao povo e gritando [...]. João Pescocinho em suas pregações, preparando a volta de Jesus. Zé Doido futucando nos sacos de farinha, na feira, beliscando a bunda das mulheres. Gozinho trocando dinheiro por dinheiro, cuidando da origem das pessoas, com nojo do povo. Macacuí se enchendo de cachaça, jogando pedra, falando putaria, carregando uma galiota, fugindo da mãe para beber escondido e a mãe atrás dele com uma vara na mão. Neném de Zé Pitaca caminhando no seu caminhar, se botando em intimidade com todo mundo, comendo nos conformes de sua querença. Os doidos do povo, da rua toda na intimidade de chegada em qualquer lugar, na entrança das casas sem estranhamento dos donos. (LOPES, 2009)

Traçar a trajetória da loucura em Curaçá é/foi um desafio enorme. Talvez não seja mais possível reconstruir - de forma rigorosa - todo o percurso e trazer de volta o seu passado por uma série de razões (ou desculpas). Ainda assim, como sugere o título

acima, usei-me em percorrer, através da memória dos mais velhos, os “caminhos e descaminhos” dessa insanidade. Por meio das lembranças – de um e de outro – listei e organizei alguns “causos” interessantes. É evidente que, como explicado nos tópicos anteriores, o conceito de loucura, contextualizado historicamente, tem conotações e denotações diferentes, ou seja, cada entrevistado relata história das pessoas “tantãs” de sua época (àqueles que o olhar da sociedade o julgou como “doido”). Em Curaçá são muitas as histórias e como disse um dos meus entrevistados, “antigamente tinha muitos doidos andando por aí”. Tinha gente “normal” que diante do olhar da sociedade foi transformado em louco, mas eram sociáveis. E outros que, segundo relatos de familiares, possuíam distúrbios e eram agressivos, por isso viveram, a maior parte de suas vidas, confinados até o dia de sua morte, como no caso de Neco.

Não existe, digamos assim, “um marco inicial” ou “um ponto de partida” da loucura nas terras de Pambú²³. Para tanto resolvi começar do “quase nada”, orientado pelos nomes já anotados por Esmeraldo Lopes e pelos que eu os conheci ou ouvi falar e, conforme me aprofundava nas pesquisas, o “caminho” e/ou “descaminho” foi tomando forma. Uma fonte me levou à outra, assim como as histórias que cada um revelava. E descobri que, excluindo os “doidos” mais atuais, existiram “outros” que ainda sobrevivem nas poucas lembranças, especialmente nas dos mais idosos. Nomes que vão de Trasíbulo a Pedro Fogoso, de Clotário (por vezes pronunciado como Colotário) a Zebu, que são mais antigos; e de Zé Doido a Neco ou ainda de Domingão a Jorge Doido, loucos mais recentes.

²³ Refiro-me a atual cidade de Curaçá. Pambú foi o primeiro nome dado ao município, que também já foi chamado de Capim Grosso. Atualmente, o povoado de Pambú pertence à Abaré.

1.3.1 JOSÉ PORFÍRIO E AS REMINISCÊNCIAS DE TRASÍBULO, PEDRO FOGOSO E OUTROS “DOIDOS”

“Trasíbulo vivia amarrado no tronco duma árvore. Sempre o via na Macambira. Ele sofria das faculdades” foi a resposta de Seu Porfírio²⁴, um senhor de 87 anos, quando indagado sobre os doidos de seu tempo. Minha curiosidade por Trasíbulo foi atiçada por Dona Valdelina, atual Secretária de Educação de Curaçá, que durante uma reunião na Biblioteca para falar sobre a programação da Semana da Luta Antimanicomial, citou seu nome. “Salvo engano, era ele que subia nas casas do povo”, contou Delina.

Trasíbulo era membro de umas das famílias mais tradicionais de Curaçá: os Franco. Um de seus netos afirmou recordar pouco dele, mas, das poucas lembranças que tinha, não confirmou essa “mania” de “subir em casas”. Já Seu Porfírio disse que essa característica parecia ser de Clotário, outro “doido” contemporâneo. É assim: até os mais velhos se confundem. O fato é que Trasíbulo, nas palavras de José Pereira, “perdeu as faculdades” (como diziam no seu tempo, pegou uma dessas “doenças da cabeça”). Noutros termos, ele enveredou pelos caminhos da loucura e viveu amarrado dentro dum quarto no seu próprio sítio.

Pedro Fogoso foi outro doido notável dos tempos de Porfírio:

- Quando eu cheguei aqui, Curaçá era tão bem pequena, que Pedro Fogoso, além de cuidar da cidade também zelava do cemitério, limpava e sepultava os defuntos - lembrou.

²⁴ Seu Zé, que nasceu em Macururé em 13/05/1927, era pra se chamar José Fernando - nome tirado de um almanaque - foi batizado como José Pereira da Silva, mas ficou conhecido como José Porfírio, nome herdado do pai Porfírio Pereira. Hoje, com 87 anos, 65 deles vividos em Curaçá, mora numa casa próxima ao Teatro Raul Coelho e gasta boa parte do tempo proseando e jogando baralho com Seu Maroto, quase um “noventão”, e Seu Luizinho Lopes, um homem quase “centenário”.

Pedro Fogoso era negro, funcionário da Prefeitura e o responsável pela limpeza das ruas – serviço realizado com apenas um carrinho de madeira e uma vassoura de palha.

Durante a conversa, seu Zé trouxe outra recordação:

- O povo da época o aperreava por causa da sua aparência e do seu sistema de vida. O apelidaram de “Urubu da Prefeitura”. Arreliaram tanto que ele morreu no mato, fugindo da “molhação da rua”.

Seu José Porfírio disse que Pedro Fogoso não gostava das brincadeiras dos "entrudos" – como eram chamados os carnavais de antigamente – que eram realizadas pelos adultos. E para escapar da agitação da rua, fugiu para o mato, onde se perdeu e morreu.

A história mais interessante de Pedro Fogoso é a do “pé de pimenteira”:

- Nasceu uma pimenteira em cima de uma cova. Pedro, todo zeloso, arrancou os matos aos arredores e tratou de cuidar do pé de pimenta. Depois de um tempo, já carregada e com as pimentas maduras, ele as colhia e as oferecia a Martinha Badeca, que inocente fazia bom uso da especiaria na sua culinária. Num certo dia, Dona Martinha, sem saber a origem do tempero, e sempre grata, solicitou a Pedro por mais algumas unidades. No entanto, devido ao sol escaldante do verão, a pimenteira morreu. Pedro Fogoso então revelou que o tal pé da pimenta ficava no cemitério e que o mesmo havia morrido devido às secas. Dona Martinha, finalmente descobriu donde Pedro arrumava tanta pimenta – recordou Seu Zé.

1.3.2 PELAS TRILHAS DE JOSÉ CODÓ E ANSELMO VITAL

A construção desses rastros se deu - muitas vezes inusitadamente - por diversas maneiras. A medida que eu ouvia, registrava e publicava uma história, ela se repetia e se confirmava noutra conversa. Recebi várias indicações de nomes para serem pesquisados. São pessoas que participaram da vida cotidiana de Curaçá por muitos anos e que hoje irrigam o “inconsciente popular” com memórias que vão e voltam quando menos se espera.

José Codó, que hoje mora em Santa Catarina, me mandou um recado via facebook. “Lugori, estive aí [em Curaçá] duas vezes e não tive o prazer de estar com você. Já me cobraram muito essas histórias, mas estão em boas mãos”, dizia um trecho. Na mesma conversa Codó deu algumas dicas:

- Procure a Tarcísio ou Ivanildo de Aganor sobre Ranulfo de Patamuté. Tem Manoel Pistola que só sabia cantar o “hino das américas”. Aliomar sabe muita história daí. Emílio sabe tudo de mestre Tingo. E por aí vai.

Esses nomes lembrados por Codó se referem a figuras que, talvez nem fossem considerados “doidos”, mas ficaram marcadas por suas histórias pitorescas no cotidiano curaçaense. Procurei mais informações sobre eles e “Babá” glosou o seguinte: “Não creio que Ranulfo tenha sido doido. Manoel Pistola foi durante décadas o sanfoneiro oficial de Curaçá. Seu repertório era vasto. O “Deus Salve a América” era uma música tocada para animar os bailes, já que muitos, inclusive eu, cantavam juntos enquanto dançavam. Só muitos anos depois, eu vim saber que era um hino”.

Sobre Tingo, cujo nome verdadeiro era Tertuliano Pires do Nascimento, de uma reconhecida família de bons vaqueiros em Icozeira, era um ilustre charadista e jogador de gamão. Foi amigo fiel de Dr. Pompílio, com quem trabalhou e absorveu muita sabedoria. Uns afirmam que Tingo jamais foi “desequilibrado”, no entanto, foi personagem de fatos bizarros na Curaçá de então, talvez isso tenha sido a sua “loucura”.

Ainda no bate-papo com Codó, ele também citou o nome de Zebu e contou um caso do tal Elias:

- Elias, de meu avô Fortunato, botava dinheiro em todo bolso, na cueca, na meia e saía bebendo e dizendo que o seu dinheiro era que nem bosta de cabra: pouco, mas não se acabava.

Há quem afirme que Elias de Fortunato não foi “doido” e pode até ter sido louco por causa das suas aventuras mundanas e pela valentia que tinha. Em lugar da cueca, usava calção com um bolsinho e ali também guardava parte do dinheiro que levava para a feira.

Como dizem, “cada doido tem sua mania”. E em Curaçá existiram muitos personagens desse tipo. Recontar suas histórias certamente não caberia em um só livro. Anselmo Vital, filho de Patamuté, comentou o seguinte em um dos meus textos publicados na internet:

- Histórica a sua pesquisa. Os loucos têm façanhas. Muitos dos filósofos foram pessoas chamadas de loucos. Os loucos me atraem pelas suas opiniões que, muitas vezes, achamos “anormais” em um mundo em que os sérios fazem guerras.

E me fez um pedido especial:

- Gostaria, se possível, que incluísse na sua pesquisa os loucos de alguns distritos. Patamuté, por exemplo, tinha um louco chamado Valério que passava dias sem beber ou comer, tinha as pessoas escolhidas de quem ele recebia água e comida. Lembro que uma das poucas casas era a da minha Avó. Pedia comida e água somente a ela, ao receber fazia muita exigência, ela tinha que atender, ora mão esquerda, ora mão direita, recebia por uma janela depois voltava, derramava a água, fazia vários montinhos com a farinha no terreiro da casa, exigia presença de alguma pessoa da casa, depois substituía por outra pessoa. Ele não gostava de criança, não era violento, olhava para o céu e uivava como cão. Foi um jovem que, aparentemente, viveu uma vida normal, morou e trabalhou vários anos em São Paulo. Outro louco que me lembro foi Guimarães. Este viveu como andarilho pela caatinga, se alimentava de mel e frutas e quase não falava.

1.3.3 JUSCELITA ROSA, A HISTÓRIA DE ZEBU E OUTROS CAUSOS

Zebu foi um nome que ouvi tanto da boca de Esmeraldo Lopes quanto da de Seu José Porfírio. E foi justamente a partir de conversações com este último que Dona Juscelita intercedeu para falar sobre ele. São vagas as lembranças, mas importantes no processo de resgate e registro de memórias e de construção dos “caminhos” da loucura em Curaçá.

- Ele era uma figura interessante.

Foi a primeira coisa que Juscelita disse ao indagá-la sobre Zebu. E ela continuou trazendo à tona recordações de quando ainda era criança.

- Eu não sei muita coisa dele, mas lembro que eu o conheci na época que meu pai comprou a Iolanda²⁵. Nesse tempo, ele morava nas ruínas de uma casa.

A lembrança mais curiosa de Zebu é que as pessoas comentavam que ele virava lobisomem e que isso – sendo verdade ou não – dava medo e assustava muita gente. “Essas histórias têm no mínimo uns 50 anos”, revelou.

Como em toda conversa, outros nomes surgiram. Dessa vez foi o de algumas mulheres: Maria Felipe, Isabel Doida, Turite.

- Turite era meio “desmiolada”, mas creio que era por causa da cachaça. Já Maria Felipe vivia torcendo as pontas do cabelo e falava bem apressado.

As crianças gostavam de Turite porque ela sabia fazer bonecas de pano que eram trocadas por arroz, açúcar e feijão.

- Quando eu tinha uns sete anos, também existia Hermínia Doida

Hermínia vivia abrigada no São Vicente de Paula e costumava andar pelas ruas com uma “boiada” de cachorros. Certo dia, um promotor chamado Dantas, mandou prender um rapaz que havia batido nela. Esse caso foi lembrado pelo Soldado Ednor e confirmado por Seu Antonio de Zamor.

²⁵ Fazenda de propriedade da família de José Ferreira Só, popularmente conhecido como Zé de Roque.

Sobre Neco, que era irmão de sua avó, Juscelita disse que ele foi para gruta, não deixou o corpo esfriar para entrar e entrou de vez. Quando saiu de lá, já veio “doido” Ele tinha, aproximadamente, uns 15 anos. Depois disso, ele começou a viver dormindo. Era inofensivo, no entanto após receber tratamento a base de choques em um sanatório, passou a ter crises de alucinação.

Dona Juscelita me perguntou se sabia algo sobre Zé Pintor. E foi logo me indicando quem sabia:

- Converse com Aurino, ele sabe sobre ele e outros doidos também. Inclusive de uma mulher da Rua de Baixo que “xingava” as pessoas de um modo diferente.

Outro entrevistado contou que Zé Pintor era alcoólatra e pintava letreiros em paredes. Era de Recife e casou em Curaçá com Joaquina e que a mulher da Rua de Baixo citada por Juscelita, era Pedrina, irmã de Ciclita, e muito ligada à família de Seu Edgard e Dona Nen. Não era doida, mas era desbocada no falar e no xingar.

1.3.4 OS DOIDOS NA ENCICLOPÉDIA “BABÁ”: O REGISTRO DE MEMÓRIAS DO POVO CURAÇAENSE

Quando decidi escrever sobre os “doidos” de Curaçá, eu sabia que não seria tarefa fácil e para cumprir meus objetivos contei com a ajuda de muitas pessoas que foram aos poucos me ajudando a construir um tipo de *memorandum* sobre esses personagens. Omar Dias Torres, a quem considero uma verdadeira “biblioteca andante”, tem registrado, especialmente na memória, dezenas de histórias, boa parte delas vivenciadas pelo próprio. Resolvi, então, fazer uma

consulta a esse material e sobreveio por sobre a “Enciclopédia Babá”, revirando as páginas do passado de Curaçá, antes, durante e depois dos tempos do Jornal Asa Branca²⁶, o qual Babá foi um dos idealizadores.

- Quer dizer que você resolveu mexer com os doidos de Curaçá?

- Pois é!

- Lascou, vai mexer com a cidade toda. Em Curaçá é difícil destacar só alguns, pois quase todo mundo é.

Omar sempre registrou os causos de Curaçá e revela que tem muita escrita. O amigo Esmeraldo Lopes tem cobrado para que essas memórias sejam publicadas em um livro e brinca sobre essa necessidade, uma vez que a morte imprevisível poderá levá-las para o túmulo. Os escritos variam e apresentam-se sobre os diferentes aspectos, desde situações pitorescas, causos do dia a dia, a coisas mais sérias como os artigos publicados no antigo jornal curaçaense. Dedicado ao estudo e registro do povo sertanejo e de suas vivências, quando voltou do Rio de Janeiro para sua terra natal, no início dos anos 80, segundo o próprio, Curaçá ainda era um arquipélago de minúsculas ilhas soltas pela caatinga e havia um imenso desentrosamento entre elas.

- Por muitos anos a sede de Curaçá ficou isolada do restante do município, distante de seus distritos e povoados. O povo vivia

²⁶ Extinto jornal curaçaense editado no início dos anos 80. Caracterizou-se como o primeiro jornal do município e, segundo os próprios editores, era “uma chama de liberdade” e “um vigilante alerta”.

muito isoladamente, sem sequer conhecer a existência de determinadas comunidades – conta.

Em virtude desse afastamento, os dias em Curaçá eram praticamente mortos e iguais. O grande dia era o “dia da feira”, pois era nele que as pessoas se encontravam e Curaçá tornava-se num espetáculo e toda diversidade cultural se misturava. O envolvimento de Omar com essa cultura se deu quase que forçosamente, pois as coisas aconteciam muito próximas e, involuntariamente, abarcava todo mundo. Os bêbados, os doidos, os valentes e brigões, pessoas da beira do rio e pessoas da caatinga se encontravam e perambulavam no mesmo lugar, cada um com suas características que eram claramente percebidas nas formas de vestir, de caminhar, de falar e de se comportar. Dessas e doutras experiências, Babá montou um acervo invejável.

Elias de Fortunato era uma dessas figuras alegóricas e, apesar de morar do lado da cidade, na Fazenda Barra Grande, só andava em Curaçá no dia da feira. A sua história de vida era muito intensa e quando ele visitava a cidade, por ser muito valente e temido, fazia dela o que quisesse. Elias não era um “doido”, mas fazia de Curaçá um espaço seu: ficava bêbado, entrava nos lugares montado num cavalo ou num burro, batia o chicote nos balcões e dizia: “Estou desmantelando o mundo. Deus que fez e que é o dono dele, amanhã que conserte”.

As reminiscências de Babá são extremamente detalhistas. Babá diz lembrar-se de quando Da Lapa “enlouqueceu”.

- Da lapa ficou “doido” no início dos anos 60, ainda rapazinho. Ele costumava ir correndo a pé do Jatobá²⁷ até Curaçá. Naquela época era comum atribuir aquilo a feitiço e o povo comentava que a loucura dele começou por causa disso. Estive com ele, pouco antes de ele morrer numa visita ao Hospital Dom Malan, onde se recuperava de uma surra que tomou em Santa Maria da Boa Vista.

Uma das características mais interessante de Da Lapa é que ele fumava um cigarro com apenas quatro tragadas. Ele também costumava dizer que queria se casar com a própria irmã, Dona Domingas. “Se é pra eu casar com a irmã dos outros eu caso com a minha, que conhece os meus gostos”, dizia o “doido”.

Nas páginas de seu “livro” de lembranças, existe o caso do Velho Triso.

- O velho Triso também era meio desequilibrado e gostava em dias de feira de tomar umas cachaças. Quando ficava bêbado ficava muito indecente. Certo dia, os filhos estavam tentando levá-lo para casa, quando o velho pediu para parar, pois queria fazer um discurso. Aproveitou o público, umas mulheres que costumavam sentar nas calçadas de suas casas no final da tarde, e pediu aos meninos que o soltassem que ele ia mostrar que era o “grande talento” da Família Possídio. Parou no meio da rua e discorreu em alto e bom tom: “Senhoras e senhores e vocês que estão presentes. Viva a buceta das moças, viva a caceta da gente”.

De acordo com Omar Torres, a loucura em Curaçá parece ter registro nos ancestrais e em algum momento em alguém da família

²⁷ Comunidade distante, aproximadamente, uns 8 km de Sede de Município.

ela se manifesta. Os doidos não aparecem isoladamente nas estirpes. Na Família de Trasíbulo, por exemplo, existe mais de um caso de “loucura”. Clotário também não é o único exemplo nos Possídio. O caso de loucura que mais lhe chamou a atenção foi o de Daru, que era uma doida e no fim da vida ficou normal. “Daru ficou doida mocinha. Ela era muito bonita e os caras a engravidavam sempre. Parece que seu Sérgio Mororó, que morava em frente, no Pernambuco, e que depois que endoideceu viveu em Curaçá, seguiu o mesmo caminho – relembra.

Os doidos de Curaçá, devido à amizade e o respeito entre as famílias, sempre foram aceitos na sociedade. Ele diz não ter registro de nenhuma agressão. Sobre Josiná, o Lalá, Babá diz não o classificar como doido e que o mesmo é o resultado de uma “malandragem política” e conta o intrigante caso de um “doido” conhecido como Dom Moço, um “doido inteligente”.

- Existia nos anos 80, um bar e armazém de um senhor chamado José Alencar, em Cerca de Pedra, próximo a Riacho Seco, onde as pessoas se reuniam aos domingos pra bater papo. Um dia cheguei lá pra conversar com o povo e tinha um homem que toda vez tentava participar da conversa, mas as pessoas o enxotavam e diziam que ele era doido. Como eu não o conhecia, passei a vê-lo como um doido. Às vezes na noite eu o avistava com o farol do carro andando na estrada e correndo para dentro do mato. Certo dia, o dono do bar, me entregou uma carta de quase cinco páginas escrita por Dom Moço. A carta tinha uma caligrafia lindíssima e bastante regular, um vocabulário, que pouca gente em Curaçá tem e um conhecimento de gramática fantástico. Foi escrita em 1984, mas se você a lê hoje irá pensar que foi um jornalista político quem escreveu, pois analisa a

situação política do Brasil na época. Cheguei a seguinte conclusão: ele não era louco totalmente, devia ter algum distúrbio, mas era muito inteligente e bem informado, pois citava situações e nomes que estavam envolvidos no Golpe de 64. Dom Moço vivia no meio de pessoas ignorantes que não alcançavam o que ele dizia. As pessoas não o entendiam e o tacharam como doido e para poder conviver, absorver aquela situação e ser aceito naquela localidade, o Dom passou a se comportar como tal – relata Babá.

Outros doidos são citados em suas páginas memoriais. Cozinho era uma “pessoa da catinga” que tinha época que ficava inquieto e vivia andando montado. Ele levava na loucura dele os princípios que tinha na vida normal: retidão e honestidade. Era brincalhão, branco, careca, tinha parentesco com os Pereira. Zé Pretinho era um doido, parente próximo dos Duarte, que também tinha uns casos pitorescos. Ele gostava de tomar banho no rio e só vestia, basicamente, roupa feita e doada por determinadas pessoas, como, por exemplo, do povo de Sindora. Pra ele trocar de roupa, o pessoal tinha que aproveitar quando ele entrava no rio pra deixar a roupa nova e carregar as velhas. Quando ele não gostava das vestimentas, costumava sair nu até a sua casa. Ele andava com um bastão e com o coité, onde de tudo bebia. Zé Pretinho, quando bebia sentava nas calçadas e cantava: “Quantas vez tracei o seu nome, nas areia da praia do mar. Caso indo e voltando, encontrei lá no chão derribada”.

Em Curaçá existia um doido bem antigo chamado Domiciano que ficou louco por causa de Lampião. Ele não utilizava calçado e no lugar usava um chumaço de caroá, um monte de fitas enroladas no pé. As roupas também eram feitas de coisas do mato. Ele presenciou

uma chacina na Fazenda Carro Quebrado, onde o cangaceiro matou cerca de nove pessoas que trabalhavam na construção de uma estrada e o deixou vivo pra contar a história. O trauma foi tão grande que ele enlouqueceu. Era muito arredo e vivia no mato. Domiciano era de Riacho Seco e por lá viveu até morrer.

Esses e outros doidos estão eternizados na memória e nos escritos de Omar Babá Torres , que insiste em dizer que tem pouco a contribuir, a não ser com as suas próprias loucuras.

MESOFÁCIO (OU IMÓLOGO)

De poeta e louco...

Não se afasta da verdade quem diz que aceitamos naturalmente a afirmação “de poeta e louco, todos nós temos um pouco”, porque é preferível ser visto como poeta e merecer ganhar admiração e prestígio. Efetivamente o poeta é aquele que olha as coisas e o mundo com imensa sensibilidade, aguçado senso crítico e enorme compreensão. É o que vê e mostra a beleza oculta e desprezada, sente e expressa o sentimento que não se mostra e sensibiliza aos não poetas. Mas há também os que veem e sentem o mundo da mesma maneira poética e são chamados de loucos. A separá-los apenas a tênue linha da definição convencional: com juízo e sem juízo.

Foi por ter olhar de poeta/louco que o grande músico Astor Piazzolla enxergou nas ruas da sua Buenos Aires quem lhe disse que “como um acrobata saltarei/ sobre o abismo do teu decote até sentir/que enlouqueci teu coração de liberdade/ você vai ver!” e eternizou em “Balada para un Loco” e Maciel Melo veio mostrar que em Curaçá “ há um louco vencendo o preconceito/Com a inocência de um Macacuí/Pingo d'água de esgoto lava os dedos/De outro doido que passa por ali”. E se o mexicano Chucho Navarro, Trio Los

Panchos, cantou seu “Loco”, “que apenas queria ser Napoleão”, em Curaçá reconhecemos a autoridade de Bigóia, o nosso Ministro da Guerra, que afirmava: “os navios vem aí e quem comanda sou eu”.

“Enquanto enlouqueço” instiga a reflexão sobre os “eus” poetas e loucos que habitam dentro de nós em sufocada coexistência pacífica ou conflituosa, ajuda a aprofundar o olhar sobre os “diferentes” que fizeram ou fazem parte da nossa vida e da nossa história e amplia a compreensão de que os doidos daqui não são simplesmente doidos. Eles são os nossos doidos, poetas de Curaçá. E até alguns que vieram desse vasto mundão sem porteiras ao chegarem aqui foram acolhidos como doidos nossos, de Curaçá.

Foi por essas e outras que o amigo e poeta Eivaldo Macedo disse: “Curaçá por pouco não foi coração”. Como ele, é com coração e alma de irmão que olho os nossos muitos doidos. Por isso que respondi a Lugori (mais um?) quando me pediu participação no seu valioso livro sobre os loucos de Curaçá:

- Lascou, vai mexer com a cidade toda. Em Curaçá é difícil destacar só alguns, pois quase todo mundo é.

Eu também? Não sei. Alguém sabe...?

Petrolina (PE), dezembro de 2014.

Omar Babá Torres





“Os loucos”

“ Não tenho culpa se a minha loucura fura as tripas daqueles que estão prestes a defecar a própria consciência.”

Pinzoh

CAPÍTULO 2

2.1. “LOUCOS” ENTRE ASPAS: OS “BAILARINOS NIETZSCHIANOS”

Existe uma série de regras para o uso das aspas, porém, nesse tópico eu as usarei sem necessariamente empregá-las. As aspas estarão aqui propositalmente em demasia e terão outra função: permitir que os “leitores” reflitam sobre quem são essas pessoas que chamamos de “loucos” e sobre o que é essa “loucura”, inclusive sobre a nossa própria “loucura”. Que esses leitores não leiam apenas suas histórias, mas, acima de tudo, sejam “letores” de suas dores. Continuo acreditando que todos nós somos “loucos”. Ou que alguém, mesmo que não saibamos, sempre nos tachou como um. Não me refiro somente a essa “loucura” que precisa ser “tratada” com “remédios de psiquiatria mental”, mas da “loucura” que não cabe em classificações médicas. Aludo sobre a “loucura” que começa no “olhar do outro”, naquele olhar que condena. O “louco” do Nietzsche disse: “E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”²⁸. Acredito que todos nós estamos vivendo nesse “baile da loucura”, ora dançando e sendo julgado ora julgando a quem está dançando.

Digamos que Curaçá seja uma verdadeira “orgia nietzschiana”. Dezenas de “doidos” fizeram parte de seu passado. Outros tantos estão “dançando” nesse exato momento, enquanto que inúmeros “surdos” estão “julgando” do “palco” os passos dessa dança o tempo todo. O artista curaçaense Wilson Senna disse o seguinte numa de suas “filosóficas” poesias: “uma mesa composta de

²⁸ Frase de autoria do filósofo Friedrich Nietzsche, segundo consta publicada no site www.pensador.uol.com.br.

bosta e ouvidos que não compreendem”²⁹. Esse fragmento “metafórico” nos oportuniza a fazer uma introspecção sobre o que realmente nós somos e sobre a nossa incapacidade de compreender certas coisas. Os “loucos” que compõem esse livro representam apenas um seletivo grupo de “bailarinos”, cada um com as suas particularidades. E nessa rápida apresentação, partes de suas vidas poderão ser contempladas.

O primeiro dançarino será “**Domingos**”. Com um repertório próprio, o título de sua apresentação será o mais original possível: “Seu cu”. Domingos escafedeu-se mundo afora, mas ficou tatuado na memória do povo curaçense. A produção seguinte, intitulada “Sai da minha porta, peste!”, ficará por conta de “**Zé Doido**”, que nos revelará o que uma paixão pode fazer ao homem, sendo ela capaz de extrair toda a sanidade e sugar até a última gota de lucidez. O terceiro bailarino é Josiná, que entrará na festa com a “inconveniência da sua loucura”. “**Lalá**”, como ficou conhecido nesse meio “artístico”, também posará de “político” e exibirá uma eloquente preleção.

O espetáculo “A loucura de um artista em mutação” terá como bailarino “**Kekê di Bela**”. Um “louco” autodeclarado que contará um pouco de sua vida e de sua relação com artes plásticas. Depois de Cleuton, “José de Jesus” entrará em cena pra foliar com o tema: “De restaurador de livros a **Jorge Doido**”. A sexta apresentação trará ao palco **Boscão** em “a loucura de um literato”, que tem como trilha sonora as canções do brasileiro Raphael Rabelo e do japonês Kitaro. João Bosco evidencia a sua estima pela leitura Kardequiana sobre a vida e sobre espiritismo.

²⁹ Trecho da poesia/música “Reunião em dó”, do poeta local Wilson Senna.

O bailarino mais antigo, “**Trasíbulo**”, apresenta-se com o “TTF: o acrograma de um doido”. Sua memória foi resgatada dos labirínticos caminhos do esquecimento e trazida ao anfiteatro da loucura. A dança “Tal Valmir, Tal **Macacuí**”, conta a trajetória de um homem e a sua transformação numa espécie de “rei” do palavrão e putaria, o decurso do “doido marujo” que era devoto de São Benedito. A penúltima apresentação será de Manoel Mesquita com “**Neco** e os espíritos da Gruta de Patamuté”. O homem que mergulhou nas águas profundas da loucura e que não conseguiu retornar à superfície da sanidade. Para encerrar essa festa, “**Paulinho Carandiru**” fala de fé e relata sua experiência de ex-presidiário com a dança “Nasci pedindo desculpas ao mundo”.

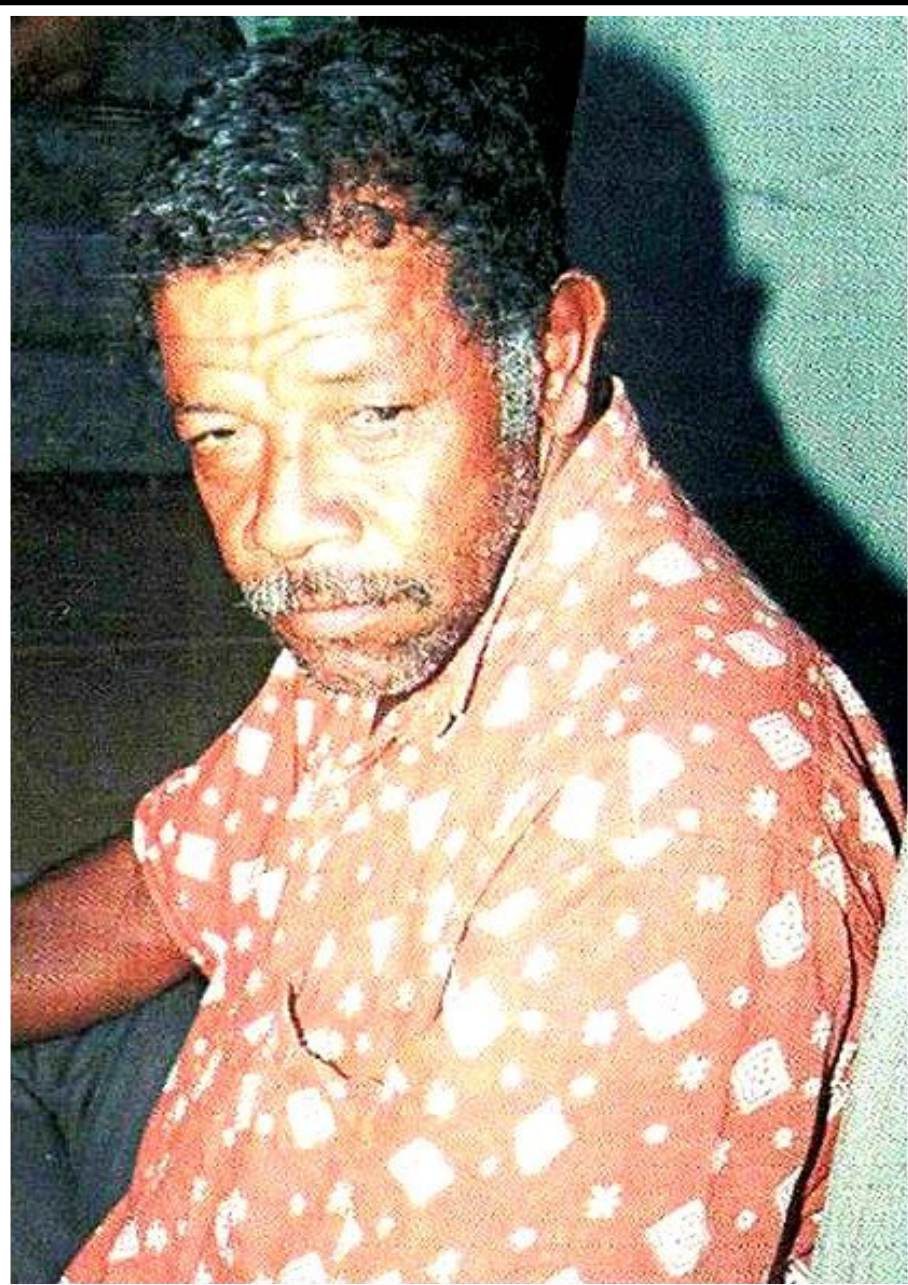
Ao todo serão dez interpretações dos “bailarinos nietzschianos”. A mim, coube organizar o evento. Agora compete ao “jurado” apreciá-lo.

2.1.1 “SEU CU”: O PALAVRÓRIO DE DOMINGOS

*“Domingão soltando porraaaaa,
jogando pedra nos meninos aperreadores”,*

Esmeraldo Lopes





Domingão de todo dia da semana.
Foto: cartaz da época de seu sumiço

No dia 30 de agosto de 2012 eu publiquei num blog, inicialmente intitulado “Perfis Curaçenses³⁰”, um pequeno texto biográfico de Domingão. Ousei colocar o título “Seu cu!”³¹ na matéria que escrevi para lembrar os 10 anos, desde que ele sumiu de Curaçá e jamais se ouviu notícias suas.

Quase dez anos se passaram desde quando Domingos sumiu mundo afora levando consigo a nossa alegria e deixando um monte de saudades. Por onde anda, eu não sei, porém ele vive em mim e em muitos amigos curaçenses. Sempre, quando estamos reunidos, nos deparamos falando de suas presepadas e de seus diálogos.

- Que dia é hoje, Domingos? - perguntávamos.

- É eu! - respondia rapidamente.

Dia de “Domingos” era todo dia! Quem viveu esse tempo vai lembrar-se do sorriso fácil que ele arrancava da gente todos os dias da semana.

- A camisa é de Teco!

- Vá pá porra!

- Raimundinha foi embora.

- Seu cu! - revidava-nos carinhosamente.

O texto se espalhou pelas redes sociais e as pessoas o compartilharam juntamente com sua foto na esperança de ainda encontrá-lo vivo.

E assim encerrei:

³⁰ Hoje o blog se chama “Curaçálicos”. O texto “Seu cu!” está disponível na página www.curacalicos.blogspot.com.br.

³¹ Expressão muitas vezes repetida por Domingão sempre que era aperreado nas ruas.

Esteja onde estiver você sempre estará presente nos corações curaçauenses. Suas histórias sempre serão lembradas por nós que vivemos pertinho de você e, certamente, serão contempladas por nossos filhos e netos, pois cabe a nós manter viva a sua memória. É assim que pessoas ficam eternas, viram heróis e vivem para sempre.

E para cumprir o que eu disse no último parágrafo e perpetuá-lo, Domingos foi um dos meus escolhidos para serem perfilados. Ele, com quem convivi por um bom tempo, foi um dos “doidos” mais estimados pelo povo de Curaçá. Durante a pesquisa, encontrei um vídeo gravado no início dos anos 90. Nele, em imagens raras e talvez únicas, Zito Torres³² diz que Domingos é um “patrimônio cultural” da cidade.

Dois anos se passaram da publicação do texto e nenhuma notícia chegou. Mas, andarilho que era, quem sabe se ele ainda não perambula por aí, pelo mundo afora e distante. Para o escritor e advogado “patamuteense” Walter Araújo Costa³³, ele foi, dentre tantas coisas, um ser humilde e indefeso:

Domingos fez parte daquelas criaturas que nos permite refletir, circunstância tão incomum no mundo de hoje. Impossível esquecer seu jeito sorrateiro, seu sorriso-gargalhada, sua mão estendida. Todavia, o que traz à reflexão era seu olhar humilde, quase uma súplica. E sua condição de indefeso diante de nossas arrogâncias. Em qualquer ambiente chegava acanhado, tímido, como se pedindo permissão para entrar. Se, como

³² Durvaltizo Dias Torres foi um poeta, compositor e cantor curaçauense. Um dos “filhos de Curaçá” mais respeitados, Zito eternizou dezenas de pessoas em suas irreverentes paródias.

³³ Filho de Patamuté, distrito de Curaçá, Walter Araújo Costa é escritor e jornalista. Desde os anos 70 mora em São Paulo, mas tem contribuído, mesmo à distância, na valorização dos filhos de sua terra-natal, com artigos e outros textos onde registra memórias e emite opinião sobre assuntos políticos, de cultura e literatura. Seus textos estão disponíveis no Blog de Walter: www.araujo-costa.blog.uol.com.br

dizem, os olhos são a janela da alma, vi isto muito nítido na humildade do olhar de Domingos.

Domingão emprestou o seu nome para o CAPS de Curaçá, que foi inaugurado em 2005. Já são 12 anos de sumiço. E o pior de tudo é ficar se perguntando sobre o seu fim. Alguém teria a coragem de fazer-lhe alguma maldade? Talvez não! Teria ele morrido de fome e sede ou terá tido uma “morte natural”. Ninguém se arrisca a responder essas questões. Coincidências à parte, há quem diga que ele desapareceu, no mesmo período e juntamente, com a ararinha-azul. “Subiu no pássaro, que bateu asas e voou pra bem longe”. É melhor acreditar nisso do que imaginar uma tragédia.

O “doido” que tinha medo de “doido”

“Pedimos a Deus que nos conceda a graça de passarmos o natal com Domingos”, dizia trecho do cartaz que foi distribuído, em novembro de 2002, em várias cidades próximas a Curaçá. De Petrolina, em Pernambuco, a Paulo Afonso, na Bahia, além da panfletagem, rádios e até TVs locais anunciavam o “desaparecimento” de Domingos Rodrigues dos Santos, um dos “doidos” mais ilustres de Curaçá. Após perceber o seu sumiço, familiares e amigos, mobilizaram-se na sua busca, mas até hoje nada se soube do seu paradeiro. “Há dois anos, um morador do Paraná nos ligou dizendo ter encontrado alguém parecido com o da foto que foi divulgada na época, porém não o era, foi apenas um engano”, comentou Alda Martins Rodrigues, cunhada, a quem Domingos chamava de mãe.

Domingos Rodrigues dos Santos, conforme consta registrado na sua Certidão de Nascimento, é o mais velho entre os oito filhos do casal Rafael Rodrigues dos Santos e dona Julia dos Santos Araújo. Ele nasceu em 4 de abril de 1942, em Curaçá, e, desde rapazote, vivia pelas ruas da cidade, como um andarilho e como um “membro” das famílias curaçaenses. Um dos parentes entrevistados disse, quando perguntado sobre a loucura de Domingos, que ele não era “doido”, mas também não era “certo”. O texto divulgado na época do seu sumiço esboça um pequeno perfil:

Domingos sofre de deficiência mental e não fala. Ele é uma pessoa de natureza muito boa, não é violento e sempre foi tratado com muito carinho pelos seus familiares e por toda comunidade curaçaense. Ele deve estar com a barba e os cabelos crescidos. A família de Domingos e a sociedade curaçaense ficarão muito agradecidas a quem colaborar na sua localização, por este gesto de solidariedade e compaixão.

Curiosamente, apesar de saberem da sua “doença”, Domingos ganhou do “povo da rua” o título de “doido”. Naturalmente, como descrito no trecho acima, ele não era uma pessoa violenta, mas, sempre que era aperreado, ficava furioso e se transformava num “exímio arremessador de pedras”. Durante anos, vários transeuntes foram suas vítimas e, conseqüentemente, “baleadas” por suas pedradas. “Ele tinha uma força descomunal. Seus arremessos atravessam a rua e, incrivelmente, atingiam as pessoas que por lá passavam”, relembra Pedro Rodrigues, irmão de Domingos. Outro detalhe interessante da vida de Domingão que me chamou a atenção foi o fato de ele ter medo de Zé Doido e Macacuí, outros “doidos” de sua época.

Domingos morria de medo dos doidos. Quando ele os avistava, logo mudava de direção para não encontrá-los. Assim como a loucura, a morte era algo que também o assustava muito. Contam que, quando sua mãe faleceu, ele saiu pelas portas do fundo para não vê-la. Ele tinha medo de quem morria, não passava nem perto dos velórios, mas chorava sua dor e, a seu modo, vivia seu pranto e cultuava seu luto. Domingos também não gostava de tomar banho, mas, ainda assim, se arriscava banhar-se nas águas do Rio São Francisco, sempre tarde da noite, longe do olhar dos outros. Durante os entrudos, enchia as mãos de pedras para proteger-se daqueles que tentassem lhe jogar água.

Levantava cedo, saía de casa logo no alvorecer, e só retornava tarde da noite. Passava o dia perambulando pelas ruas, pedindo “trocados”, entrando nas casas para “filar a boia”. Essa era a rotina de Domingos. Às vezes, ele ia a pé, de Curaçá a Santa Maria da Boa Vista, visitar uma irmã. Enigmático, apesar da deficiência, Domingos gostava de arrelhar os outros. Como era uma pessoa do mundo, ele via e sabia de tudo que acontecia na cidade. Não conseguia falar quase nada, mas arriscava algumas palavras. Do seu vocabulário, “*vá pa porra*” e “*seu cu*” destacavam-se e sempre eram proferidas quando lhe tiravam o juízo. Tinha também “*papá*” e “*amã*” para se referir a papai e mamãe, respectivamente. Além de “*arrinha*”, “*acaquinha*” etc. Isso sem contar os sinais, os gestos, às vezes obscenos, e os olhares, facilmente percebidos em Domingos.

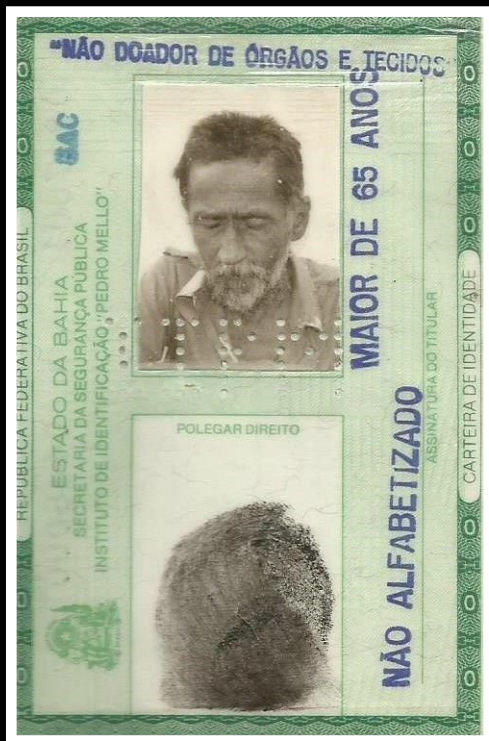
Apesar de todo o esforço para encontrá-lo, até hoje a família não recebeu notícias. A dúvida, se ainda está vivo ou se morreu perdido pelo mundo, permanece presente, bem como a esperança do reencontro. Porém, como ele era uma pessoa muito acanhada e só se

comunicava com quem o conhecia e o entendia, as chances de ele estar vivo são pequenas. “Domingo era mais conhecido que político”, disse a sua cunhada-mãe. A última vez que o viram, ela estava sentado nos barracos da rodoviária de Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco. Já são 12 anos desde então.

Em toda sua trajetória, algumas frases tiravam Domingos do sério. “Raimundinha foi embora”, “A camisa é de Teco” e “Matou gambá” eram as mais clássicas. Repetir isso era a maior ofensa que se podia fazer a um ser tão indefeso.

2.1.2 “SAI DA MINHA PORTA, PESTE!”





Zé Doido no seu “manicômio particular” em 1990.
Foto: capturada de vídeo da Família Monteiro

Ao passar em frente à casa de Zé Doido, na Avenida dos Marujos, ou se ouvia ele pedindo – quase implorando – um cigarro ou pedindo para que saíssemos dali de perto: “Sai da minha porta, peste!”, ordenava o “doido”. Esta frase, que virou um símbolo, é a sua “marca registrada” e até foi citada pela banda local Bichos Escrotos³⁴ na composição “Mundo Virtual”, de autoria de Kekê di Bela e Maurízio Bim, que homenageiam alguns “doidos” de Curaçá:

*Macacuí, Goezinho, dindim
Zé Doido: - Sai da minha porta, peste!
Tantos loucos normais, eu não tô nem aí
Tantos doutores animais, andando por aí
São tantas mentiras, é tudo irreal
Tantas fantasias, é tudo virtual
Fantasias de um mundo real
Você pensa que é sensacional*

Além dos músicos curaçaenses, o pernambucano Maciel Melo³⁵ compôs a música “Um Veio d’água” a partir de uma visita à Curaçá. “Pingo d’água de esgoto lava os dedos de outro doido que passa por ali”, diz trecho da canção, onde o cantor registra uma das características de Zé Doido: tomar banho com água de esgoto. Já o escritor Esmeraldo Lopes registrou em “Caminhos de Curaçá” que José gostava, em dia de feira, de experimentar o gosto da farinha que ficava exposta nas barracas e também de “beliscar” a bunda das mulheres. Pelo visto, Zé Doido foi um “doido” célebre, pelo bem e pelo mal. Foi citado em livro e em músicas. Foi amado e também odiado. Fez medo aos outros e a si próprio. Por isso viveu vários dias de sua vida insana atrás das grades, antes na delegacia, depois no seu

³⁴ Banda de rock de Curaçá criada em 1995.

³⁵ Cantor pernambucano, filho de Iguaraci. É o compositor da canção “Um veio d’água”, inspirada pelos “doidos” de Curaçá. No capítulo-extra “Conversações”, no final deste livro, tem uma pequena entrevista com o artista.

“manicômio particular”, num quarto de sua casa improvisado de prisão.

A história de Zé Doido e a razão da sua loucura ainda é uma incógnita. No entanto, parece existir um consenso geral em afirmar que ele “endoidou” por causa de uma “desilusão amorosa”. E contam que ainda jovem foi deixado pela noiva e, desde então, não foi mais o mesmo. José Monteiro de Brito metamorfoseou-se em Zé Doido.

Em uma gravação feita em 8 de janeiro de 1990 por familiares, Zé Doido já se encontrava aprisionado. A sua prisão ficava na “porta da rua”. Ele de lá assistia as pessoas que passavam e as pessoas que passavam o assistiam. Do lado de fora: o medo da loucura. Do lado de dentro: o desejo de liberdade. Zé Doido se “ajeita” para o mundo. Arruma o cabelo e a barba com uma lata de óleo e os apara com o pedaço de vidro. A calça folgada é atada com uns cadarços e pedaços de pano. Um homem de poucas palavras e de um olhar que grita. Um homem de pés descalços, doido para sair daquele xilindró, zanzar pelas ruas e tomar banho de esgoto.

José Monteiro de Brito nasceu em Curaçá em 1º de agosto de 1926 e foi levado pela morte – ou pela loucura – no dia 21 de outubro de 2006, aos 80 anos de idade. Voltou ao pó e ficou na memória dos curaçaenses.

- Quando jovem era normal. Aí ele noivou com uma moça e quinze dias antes do casamento “inzonou”, ficou doido. Ele tinha uns vinte e poucos anos. A costureira nem chegou a terminar as trajes do matrimônio. Assim tudo começou – disse a irmã.

- Quer dizer que ele ficou “doido” por causa disso? -
questionei.

- Ele ficou tão preocupado em ter uma mulher que perdeu o juízo. Depois disso ele ficou o tempo todo sentado num pé de umbuzeiro na Lagoa da Vargem, sem comer e sem beber nada - lembra Dona Marlene.

Segunda-feira. Dia da feira local. E Zé Doido “doido” para fuçar as coisas por lá. Numa banca pega espelho e lâmina e começa a aparar cabelos e barba. Usa as peças e depois as devolve ao lugar de origem. Por respeito ao mercador que lhe deu licença, segue caminho. Revira a barraca seguinte. Chamam a polícia. Prendam-no que o homem está doido.

Depois de enlouquecer, José passou a dar trabalho aos comerciantes nos dias de feira, sempre aprontando uma com as suas manias.

- Toda segunda-feira Dona Isaura mandava prendê-lo, sempre chamava Seu Agenor pra levá-lo pra delegacia - revela a irmã.

E continua se lembrando de uma coisa e outra:

- E mesmo preso, ele cantava alto o ofício de Nossa Senhora de forma tão bonita que as pessoas ao redor da delegacia choravam. Tinha uma bela voz. Ele também sabia jogar pedra e um dia quase matou a própria mamãe com uma de suas pedradas, mas Deus a livrou.

- E o que ele fazia mais?

- Ele passava bosta na cabeça e tomava banho de esgoto. Ele ia a pé pra caatinga. Teve um dia que ele se socou dentro numa cacimba na Veneza. Tivemos que amarrá-lo pra tirá-lo de lá. E ainda tinha gente que dizia assim: essa peste é doido nada.

- E como foi que ele morreu?

- Se ele não tivesse tomado os remédios que ele tomou, ele ainda estaria vivo, sabia? O remédio era tão forte que ele ficava todo entrevado. Tanto que no dia que ele faleceu, quase não conseguimos esticar suas pernas pra colocá-lo dentro do caixão, pois elas ficaram duras e dobradas.

2.1.3 LALÁ E A “INCONVENIÊNCIA”
DA SUA LOUCURA





Lalá “político”: um sonho antigo. Foto: Luciano Lugori

Seu nome de batismo é Josiná Possidônio da Silva, mas ele atende pelo epíteto de Lalá.

- Lalá, você se acha doido?

Foi a primeira coisa que eu quis saber.

- Às vezes eu fico meio “baruado”.

Esse foi o adjetivo que o próprio se deu. Confesso que foi a primeira vez que escutei essa palavra, que, pela encenação feita com olhos e mãos, ao pronunciá-la, deve significar algo perto de “maluquice”, quem sabe até não seja uma espécie de “neologismo insano”. Mas Lalá, ao contrário de muitos, não se incomoda com rotulações.

E logo começa a me contar sua história:

- Nasci nu e sem luz, só a do candeeiro.

Do nascimento, em 10 de outubro de 1952 pra cá, Lalá teve uma vida cheias de histórias. Começou a “ralar” desde cedo e zanzou - até hoje - por diversas ocupações. De ajudante de pedreiro a mecânico. De garçom a “desentupidor de fossa”. Segue a lista que o próprio perpetrrou: trabalhou na Igreja, onde conheceu e frisou o nome do Padre José Luna; na Pedreira de Quinca Badeça; na Bonfinense, como colaborador; na Rovel, com venda de couros; no Bar e Lanchonete Primavera e também no Vaporzinho, ambos como garçom. Tudo isso pelas bandas de Juazeiro. Ainda trabalhou na pedreira de um tal de delegado Nozinho, em Carnaíba do Sertão. Já em Curaçá prestou serviços na Prefeitura como fiscal das “varredeiras” e, atualmente, é diarista no SAAE, onde executa desobstrução de esgotos.

Josiná continua relatando, com minuciosos detalhes, a sua relação com a loucura.

- Doutor, tô com um sapo na cabeça.

Disse Lalá ao médico em Recife.

- Doutor, só penso em matar a mulher e comer as filhas.

Uma pessoa que pensa, e diz isso, certamente, não é normal. Só um exame de “sanidade mental” comprovaria se essa conversa desconexa de Josiná com médico era um “caso de doidice”. E ele fez uma série de exames. Passou por um bocado de clínicos e especialistas. João Oliveira, Wilson, Djalma, Elias, Juvêncio, Honório e Dewilson, o qual, segundo conta, lhe deu um “choque”. Durante os exames e sessões caiu ao chão, se bateu, virou os olhos. O homem é doido mesmo. E a tal “junta médica” encostou Lalá no início dos anos 80.

- Josiná, deixe-me ver o que médico colocou no seu laudo?

Ele finge nem ouvir a pergunta e continua com seus causos.

- Registre tudo, pode escrever aí.

Sobre a infância ele revelou coisas as quais prefiro não colocar aqui. Não por não ter sido importante para ele, mas por precaução e para evitar o vexame alheio com a exposição de sua memória insana. E pergunto mais uma vez:

- Você é doido?

Ele olha para mim, sai correndo e responde:

- Quem sabe é Deus.

Josiná está com quase 62 anos. Teve duas mulheres, Maria José e Andréa, que ele ainda insiste em dizer que são suas. Tem oito filhos e 15 netos. Às vezes é um tipo de “repórter” e chega todo dia com uma notícia. Outras vezes “dá uma de político” e faz discursos inflamados e comoventes. Enche os olhos de lágrimas quando fala de Patamuté, distrito de Curaçá, de onde tem boas lembranças. Se Lalá é louco ou se faz, eu não sei. E também não é da minha conta. Mas uma coisa eu posso afirmar: ele é uma figura emblemática na cidade.

Para o conterrâneo Walter Araújo, Lalá sempre teve uma qualidade: é absolutamente fiel aos amigos. Sua loucura, ou quase loucura, se é loucura, ou se é quase loucura, assemelha-se mais à sensatez.

- Convivi com ele todos os dias em nossa infância e adolescência em Patamuté. Honesto, trabalhador, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa. O pai Nicolau e a mãe Ana eram pessoas simples, mas respeitáveis. Assim como também Lalá. Comecei falando de sua fidelidade, porque sempre me chamou a atenção. Theodomiro Mendes (o pai) confiava nele cegamente. Se lhe dava uma missão, ele a cumpria seriamente, mesmo que fosse um recado. Hoje Lalá está fragilizado pelo tempo, mas continua sendo um homem de caráter. Sempre “baruado”, mas engraçado.

Dia 10 de outubro é dia do aniversário de Lalá. Este ano, os colegas de trabalho organizam uma “festinha” surpresa com bolo, salgados e refrigerantes. Logo ele chegou, parecia até que estava

adivinhando, com um frango assado nesses fornos “televisão de cachorro” para comemorar os seus 62 anos de vida.

- Parabéns pra você, nesta data querida [...] - cantavam alegremente.

Lalá, que se emociona facilmente, logo começou a chorar. Ele aproveitou a oportunidade e fez mais um “eloquente” discurso de agradecimento:

- Senhores, senhoras, senhoritas, senhores doutores, jovens dessa terra... Vou agradecer a vocês, muito obrigado pelo que vocês “fez”. Quem sabe mais tarde, no meu futuro, eu não ajude vocês. É isso que tenho vontade. Eu como analfabeto, mas os advogados devem saber, se eu posso ou não entrar na política. Por que é que Tiririca foi deputado? Qual a diferença para os outros? Só por que não sabe assinar o nome? Acho que o governo fez uma lei que “analfabetistas” tem direito de votar. E por que o governo não disse assim: o analfabeto também tem o direito de ser vereador? Não, sem direito. Eu não tenho instrução, mas quem sabe mais tarde eu não possa ajudar os pobres. Tenho muita vontade de ajudar os pobres, os mais carentes e as crianças que vejo chorando. Tapear com bombons, sempre eu faço isso com as crianças na rua. Tenho vontade, só isso. Muito Obrigado.

Josiná sempre foi fascinado pela política e o desejo de se tornar uma pessoa pública com um cargo eletivo é antigo. Ele já fez parte do quadro de filiados do PSOL da amiga Dione Felix, inclusive participou da criação do partido na cidade. Atualmente está filiado ao PR, do também amigo Theodomiro Mendes (o filho). E se um dia Lalá

conseguir ser candidato, já tem o *slogan* de sua campanha: “Merda por merda, bosta por bosta, vote Lalá”.

2.1.4 A LOUCURA DE UM ARTISTA EM MUTAÇÃO: A HISTÓRIA DE KEKÊ DI BELA





Kekê de braços abertos para o mundo.

Foto: Luciano Lugori

Ele chega de repente, me abraça forte, pede desculpas e beija os meus pés. E as pessoas ao redor – pelo menos as que ainda não o conhecem, sem nada entender – se perguntam e se espantam com a cena que é uma mistura de loucura, respeito e consideração. Ele é intenso. Aliás, sei lá o que ele é. Acho que ainda não sou capaz de defini-lo nem compreendê-lo totalmente, pelo menos por enquanto. Talvez, nem mesmo o próprio se compreenda.

Nasceu como Cleuton César Ferreira dos Santos, em 13 de janeiro de 1978, sob o signo de capricórnio, mas metamorfoseou-se em Kekê, como é conhecido. Apesar de seus laços familiares estarem enraizados em Curaçá, ele nasceu na cidade vizinha, Juazeiro. Mas é “curaçaense” e assim se apresenta. Desde cedo, logo aos sete anos, enveredou pelas sendas do mundo artístico. O seu nome, segundo o próprio, foi escolhido por sua irmã, a professora Leda Ferreira. Já o apelido “Kekê” foi dado por seu irmão, Cláudio Roberto, conhecido como Kaká.

Cleuton é um artista nato, cheio de codinomes. Kekê, que já foi um “homem-telha”, também conhecido com Kekê Tattoo, devido as tatuagens que faz, e Kekê di Bela. Este último, que lembra sua mãe, Bela de Calango, dona Izabel dos Santos Ferreira, é o que mais tem sido utilizado e difundido pela mídia local na divulgação de suas exposições artísticas, apesar de assiná-las apenas como Kekê.

- Eu vou “roubar” seu rosto.

Cleuton diz isso para todo mundo que ele acha bonito – ou seja, todos! – e solta uma gargalhada sinistra, parecida com a da música “Conde Drácula”, dos Bichos Escrotos. E continua zanzando pelas ruas de Curaçá puxando conversa com um e com outro. E

recorda uma história do passado. É cobrado pelo quadro que prometeu e nem lembrava mais. Tira uma foto aqui, outra acolá. E, para os mais íntimos, pede:

- Me dê uma esmola!

E com o dinheiro em mãos compra uma cerveja. Promete mais quadros. E se ajoelha diante dos amigos. Abraça. Fala. Indaga. E se segue o itinerário. Passa na casa de seu Zé de Inês. No Bar de Zé Ivo pra tomar uma cachaça. Na casa do “ídolo” Jorge Doido. Sai à procura de Galego de Elias. Pergunta por Ricardo Pereira. Dá um jeito de ver todo mundo. E não se cansa. Às vezes, passa a noite em branco, com os amigos ou sozinho. E quando o sol nasce, ele já está de pé e pronto pra mais uma. O homem é um “bruxo”.

Eu, particularmente, já passei e convivi diversos momentos com Kekê. Alguns cômicos, uns de seriedade e outros de exagero, puro exagero. Um dia desses em Juazeiro, durante um trabalho para disciplina Semiótica do professor Cosme Santos, eu e meu grupo, resolvemos fazer uma entrevista com Kekê pra ouvir a sua opinião sobre a simbologia do Nego DÁgua, já que ele sempre reproduzia a imagem da escultura do artista Ledo Ivo – aquela que fica na beira do rio, no Bairro Angari, em Juazeiro – em suas telas, camisas e discos de vinil.

- A carranca levou a fama, mas quem protege os pescadores e o nosso rio é o Nego DÁgua.

Dizia Kekê todo empolgado e cheio de convicção. Então perguntei:

- Quer dizer que você acredita no Nego DÁgua?

Ele, sem pensar duas vezes, respondeu rapidamente:

- É claro que sim! Lá em Curaçá, por exemplo, na pedra do Morcego, até hoje pessoas desaparecem misteriosamente. Acho que sou filho dele.

E quem sou eu para duvidar disso? Se for um mistifório de imaginação com realismo ou ainda de pensamentos irrigados com loucura em demasia, não importa. São coisas dele. E eu acredito.

Teve outra situação que presenciei, desta vez em Petrolina. Durante o show do grupo Capital Inicial, do nada, Dinho Ouro Preto, vocalista e líder da banda brasileira, percebeu a presença de Kekê e gritou seu nome. E no meio da música Fátima, um clássico do lendário Aborto Elétrico, quando Kekê ouviu seu nome ser chamado, saiu em disparada, correndo feito um louco em direção a Dinho. A multidão que lotava o Iate Club abriu caminho. Ele pulou a grade de proteção, subiu no palco, fez gestos como se venerasse um rei, deu um abraço em Dinho, tomou-lhe o microfone, arriscou cantar trechos da canção, mandou um alô para Curaçá e disse:

- Lugori, essa é pra você!

Kekê é isso. Ora é explosivo. Ora é mais contido. Ele é um cara espetacular, destes que são cheios de entrelinhas e labirintos. Vários artistas de renome no cenário nacional - e até internacional, como no caso da banda norte-americana Information Society que perambulou pela região - já foram pintados com as suas mãos e com toda genialidade. No seu portfólio, entre tantos nomes, estão os de Pitty, Pouca Vogal, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Titãs, O Rappa, Lulu Santos, Djavan, Maria Gadu, Zeca Pagodinho, Ivete Sangalo, Charlie Brow Jr.

Kekê di Bela, assim como eu, se manifesta fã de Macacuí, Zé Doido, João Pescocinho, Jorge Doido, Neném Pitaca, Domingão, Zoinho, enfim, de Curaçá e das pessoas de lá. Entre uma cerveja e outra, numa conversa cheia de revelações, quando escuta a canção “Alucinação” de Belchior, Kekê se derrete em lágrimas. É como se a música penetrasse sua alma, o corresse por dentro e destilasse todas suas emoções. Ainda assim, ele pede para que eu repita a canção e aumente o som, insiste em que eu deixe no volume máximo. E, novamente me abraça, e chora como um louco em sua toda frenesi. Ele é um mix de loucura e sanidade.

E da mesma que me encontrou um tempo atrás no show dos Titãs - por acaso e num de repente, com toda sua cultualidade e depois sumiu na multidão - Kekê saiu da minha casa e partiu sem despedida num dia de carnaval, sem nenhum abraço e sequer um “até mais”. E, com a agressividade de um doido num surto psicótico, gritou no meio da rua:

- Lugori, eu sou um tubarão à deriva. Se eu te pegar no meu mar, vou te engolir!

E eu respondi sua provocação:

- Também te amo porra.

O próprio, que se diz louco por opção, escolheu viver no limite desde muito jovem e sempre expressou sua loucura em forma de arte. As suas primeiras produções artísticas foram feitas em 1985 em folhas de caderno, as quais ele expunha nas paredes de seu quarto. No início dos anos 90, no auge das chamadas “galeras”, ele

também criou a sua, os “Ratos de Esgoto”, numa apologia aos esgotos da cidade, e foi o responsável pelas pinturas das camisas que representavam o grupo.

Em 1995 participou do movimento Bichos Escrotos e ajudou a compor as músicas “Conde Drácula”, marcada por sua risada apavorante, e “Mundo Virtual”, que fala de alguns “doidos” de Curaçá, além de fazer o desenho que virou símbolo da banda. Saiu de Curaçá pela primeira vez em 1997 quando foi morar no Projeto Fulgêncio, em Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco. Por lá, conheceu Jaqueline Gomes, com quem teve seu primeiro filho, Cleuton Cezar Ferreira Santos Junior, que nasceu em 12 de janeiro de 1999, um dia antes de seu aniversário. Nesse mesmo período ele conheceu Clécia Maria Jatobá, com quem se casou e vive até os dias de hoje. Clécia é a mãe de mais dois herdeiros: Isabel dos Santos Ferreira Neta, num preito à sua mãe, e João Ezequiel Jatobá Ferreira, o “Dinossauro”. Kekê também é pai de Cleuton Fernando Oliveira Ferreira, filho das suas aventuras.

Em 2001 retornou a Curaçá para trabalhar no Projeto Ararinha Azul. Também trabalhou na Logus Butiá em 2002. Em 15 de janeiro de 2003 partiu para o estado de Alagoas, onde morou durante cinco anos. Em Colônia Leopoldina criou com amigos a banda “Funeral Hell”, cover da banda “Sepultura”. Em Ibateguara trabalhou como monitor do PETI. Já na capital alagoana Maceió, prestou serviços pintando letreiros no Estádio Rei Pelé. Foi também em Alagoas, no ano de 2004, que Kekê começou a tatuar, incentivado pelos amigos Agamenon “Zunho” e Diego “Gel”. A partir dali começou a utilizar o “Kekê Tattoo” como nome artístico.

Kekê tem levado o nome de Curaçá aos quatro cantos do país através de suas pinturas em telas, discos de vinil, telhas etc. Já participou dos programas Mosaico Baiano e Bahia Esporte, ambos da TV Bahia, do Globo Esporte nacional e deu várias entrevistas nas TVs, rádios e jornais locais. Em 2011 recebeu uma Moção de Aplauso da Câmara dos Vereadores de Curaçá - de autoria do vereador Theodomiro Mendes - como reconhecimento do seu trabalho. Já foi perfilado e entrevistado pelos Jornalistas Juliano Ferreira e Maurício Bim, sendo tema de diversos trabalhos acadêmicos para Universidade do Estado da Bahia, a UNEB.

Kekê di Bela já organizou diversas exposições de seus quadros. Dentre elas destacam-se: “Um olhar Veloso”, sobre Caetano Veloso, “Tamo aí na atividade” em alusão a Chorão, ex-vocalista do Charlie Brow Jr., “Ivete Sangalo: maravilhosa, linda e caliente” e “Fruto da Bola” em homenagem ao jogador juazeirense Daniel Alves.

Um artista e um louco na mesma pessoa. Talvez ele não queira ser entendido, muito menos perdoado por sua loucura. Ele prefere ser essa “coisa” em constante mutação. Ontem Cleuton, hoje Kekê, amanhã sabe lá o quê.

Esses dias, como todas as outras vezes, ele apareceu em Curaçá de repente. E me disse:

- Morri. Hoje será a última aparição de Kekê na terra.
- O que houve? Para aonde você vai?
- Vou me redimir. Vou visitar minha mãe e pedi perdão a ela.

Novamente me abraçou, chorou e contou o que fez na última noite. Desabafou. Beijou meus pés. Mordeu minhas havaianas a ponto de arrancar um pedaço. Jogou-se no meio da rua. Novamente chorou. Pediu dinheiro a quem passava por perto. E a mim também:

- Me dê um real.

- Hoje não tenho um centavo, meu amigo. Deixe para a próxima vez.

Kekê levantou-se e saiu dizendo que iria ao cemitério. Bateu saudade da mãe e queria estar perto dela. E por um momento desejou a morte. E morreu. Parte dele morreu naquele dia. Mas sua “loucura” continua viva. Imortal.

- Te amo cara! Até mais tarde.

Essas foram suas últimas palavras. E eu não o esperei mais. Sabia que não voltaria. Não pude acompanhá-lo na ida, mas vou aguardá-lo na próxima chegada. Na próxima esquina. No próximo copo. No próximo abraço. Nos próximos dias. E tomara que não seja tão breve como foi o último encontro.

2.1.5 JOSÉ DE JESUS: DE RESTAURADOR DE
LIVROS A JORGE “DOIDO”





Jorge na Praça Marieta Bahia.

Foto: Luciano Lugori

Ele tinha 14 anos quando chegou a Curaçá. Antes disso morava na capital baiana, onde nasceu no dia 05 de abril de 1963. Filho de Lindaura Maria de Jesus e de pai que nunca conheceu, conta sua mãe que se chamava Amaro dos Santos, foi batizado como José Jorge de Jesus, um nome forte e um tanto curioso. Primeiro, são três nomes que começam com a mesma letra, o “jota” (J), e cujos significados são distintos e ao mesmo tempo ligados – religiosamente falando – um ao outro, talvez isso seja apenas uma mera coincidência. Segundo, José e Jesus, nome e sobrenome, pai e filho, como prega à história bíblica. E terceiro, no meio do nome, Jorge, um dos santos mais devotados na religião católica.

Quem dera Jorge ser chamado de “Santo” ou ter crescido com a presença de um pai. Quem sabe se os caminhos não teriam sido outros. Mas, entre pai e santo, o que ele foi mesmo, foi filho. E ainda jovem, bem adolescente, em Salvador, estudou no Colégio Salesiano de Salvador, em Nazaré, onde aprendeu a restaurar livros, consertando e costurando as capas com fios de nylon. Sobre essa época, Jorge diz:

- Trabalhei uns dois anos arrumando livros para serem reaproveitados pelas escolas. Mas não estudei quase nada – diz ele.

Nesse mesmo período, ele foi avaliado por um psiquiatra que apontou problemas na sua saúde e o diagnosticou como epilético. Foi assim, de acordo com sua própria lembrança, que Jorge ganhou o sobrenome que carrega até os dias de hoje e, certamente, levará para o seu túmulo: Doido. Ele não se incomoda nem um pouco com isso, aliás, Jorge graceja muito toda vez que conversamos sobre loucura, especialmente da sua.

- Tem dias que eu fico meio agitado, meio danado. Penso em coisas que é melhor nem falar. Parei de frequentar o CAPS e de tomar o Gardenal - relewa Jorge, com olhar abatido.

E mesmo ele dizendo isso, eu insisto em perguntar:

- Mas você se acha “doido”?

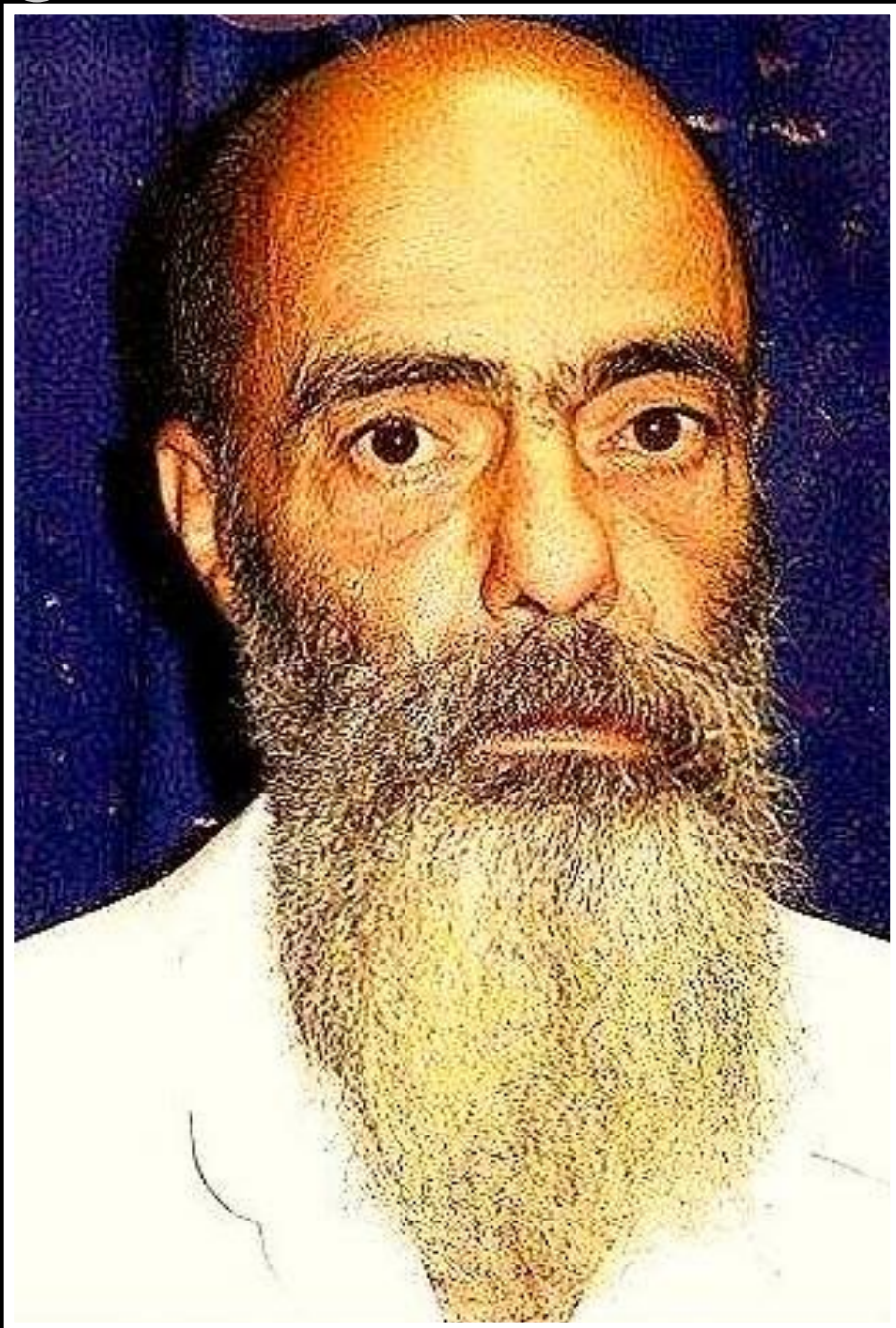
E ele imediatamente me responde:

- Nunca me viram jogando pedra.

Jorge seguramente não é “louco de pedra”, apesar de os olhos da sociedade o observarem sempre de maneira atravessada. Dessa sandice ele não escapa. Mas ele, que é sobrinho de Zé Caiano e neto de Júlia Cangula, sempre foi um labutador. Trabalhou como carroceiro nos tempos de João do Fumo e, desde setembro de 1980, como gari da Prefeitura Municipal de Curaçá, limpando a sujeira do povo curaçaense, o mesmo que o estigmatizou como “doido”. Nos últimos dois anos mudou de setor e agora assume funções de jardineiro, zelando as plantas da Praça Marieta Bahia e da Praça Raul Coelho.

2.1.6 BOSCO: UMA FIGURA ERUDITA E
FANTASMAGÓRICA





Bosco: uma lenda!

Foto: Acervo de Fernadinho Ferreira

Rua Brisas do Rio, também conhecida como Travessa do Cais, em Curaçá. Uma casa pequena e simples, nº 10, localizada entre o centenário Teatro Raul Coelho e o Arco da Orla, abrigou durante vários anos uma figura enigmática: João Bosco Coelho de Possídio, popularizado como Boscão. Eu, particularmente, frequentei o espaço algumas vezes na companhia de um amigo, onde compartilhamos alguns bons momentos.

Ele foi uma das pessoas mais inteligentes que já conheci e se eu tivesse que eleger um “louco” para elucidar sobre as coisas mais abstrusas da humanidade, certamente, meu professor seria Bosco. Era um homem culto, aliás, muito literato, que de tudo sabia um pouco. Ele, assim como os morcegos, era uma criatura da noite. Boêmia, cigarro - ora Hollywood ora Derby -, um bom uísque e uma trilha sonora composta pelo chorinho de Raphael Rabello, outras vezes pelo samba de Chico Buarque, delineiam um bom retrato dessa figura.

- Defina Boscão - pedi a Ricardo Pereira, um amigo em comum

- João Bosco, homem extraordinário, inteligente, culto, sensível, um servo de Deus. Conseguia enxergar as coisas à frente desse tempo e desse povo. Evoluído, inspirador, comovente, homem de compromisso com a vida e com as pessoas, próximo.

- O que ele representava para você? - indaguei

- Foi meu grande amigo. Gostava muito dele. Fez-me enxergar a vida de modo diferente das pessoas em geral. Sou grato a ele por

isso. Ele era iluminado. Na verdade não dá para expressar sua dimensão, ele realmente foi um grande homem.

- E sobre a loucura dele, o que você tem a dizer?

- Ah, loucuras todos nós cometemos, não é verdade? - perguntou-me

E tão logo definiu o que achava ser loucura:

- Aliás, diga-se de passagem, loucura é tudo aquilo que foge à compreensão de muitos ou aquilo que convencionaram como anormal.

- Se lembra de algum ato dele que você considerou como tal?

- Comer um quilo de açúcar e um pote de margarina parece suicídio, não é? E fumar ao lado dum botijão com a mangueira cortada? Boscão fazia isso.

João Bosco cultuava Allan Kardec, aliás, estudava diariamente a obra do fundador do espiritismo. *O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno, O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns* etc. faziam parte da sua rotina de leituras. O livro *O Maior Segredo do Mundo*, do escritor italiano Og Mandino, também o alimentava de sabedoria, além de tantos outros de filosofia. Boscão também praticava Yoga ao som de Kitaro.

- Discutíamos sobre a existência humana, sobre o ser, o “ser ou não ser, eis a questão”, de Shakespeare, sobre a mediocridade e outras coisas pertinentes. Outras vezes não discutíamos nada, não pensávamos em nada, simplesmente, esvaziávamo-nos. E era o que melhor fazíamos.

- E quando não estavam conversando sobre o mundo e seus arcanos, o que vocês faziam?

- Às vezes fumávamos, fumávamos, fumávamos e fumávamos cigarro. Outras bebíamos, bebíamos, bebíamos e bebíamos bebidas alcoólicas. Outras vezes fumávamos maconha e outras misturávamos tudo mesmo. Também cozinhávamos!

- O que mais você aprendeu com ele?

- Ele me adestrou usar meu lado esquerdo. Falou sobre Sócrates, René Descartes, Aristóteles e sobre Meu Mano³⁶ cantando suas canções e me incutiu que nossa missão é estabelecer o reino de Deus aqui na terra. Isso pra mim foi formidável e é em que acredito.

- Ela tinha uma energia positiva, não era?

- Sim! Em alguns momentos sentia que ele tinha poderes sobrenaturais. Às vezes até me surpreendia ao saber o que pensava em dado momento. Tinha grande poder magnético.

- E sobre o seu passado, ele contou alguma coisa?

- Não muita coisa, somente quando namorou Tequinha³⁷, de uma moto que possuía e de uma queda que levou ali onde hoje é o Clube de Mães³⁸.

Boscão gostava de música clássica e ouvia muito Bach³⁹. Desopilava os ouvidos com música erudita, com o choro do violonista

³⁶ José Amâncio Filho, cantor, compositor e poeta local já falecido.

³⁷ Tereza Cristina Gomes de Miranda, “famosa” professora de Curaçá. Faleceu recentemente.

³⁸ Clube fundado pela Associação de Mães de Curaçá.

³⁹ Johann Sebastian Bach, compositor, cantor, maestro, professor e violonista oriundo do Sacro Império Romano-Germânico, atual Alemanha.

Raphael Rabello, com Chico Buarque, além das valsas do contrterrâneo Meu Mano, entre outros. Boscão sempre se fazia presente nos Tributos a Renato Russo e no “Curaçá-Pira”, eventos de rock que aconteciam na cidade.

Normalmente Boscão andava bem vestido. Camisa de botão e calça social nas cores branca, com mais frequência. Às vezes com uma camisa polo vermelha. Entretanto, em dias mais agitados, costumava passear nu nas proximidades de sua residência, exibindo-se e expondo toda a sua indecorosidade. Vergonha alheia? Que nada! Ele “não estava nem aí” pra “porra nenhuma”. Vergonha era uma coisa que não tinha. Certo dia, durante uma reunião política que acontecia no teatro, ele indagou ao prefeito da época, no meio de todo mundo, se ele praticava sexo anal com a esposa. Abriu a boca e, atrevidamente, perguntou:

- Fulano você já comeu o cu de ciclana?

Em outra ocasião, Boscão entrou na Rádio Comunitária Curaçá FM e urinou dentro da instituição. Nesse dia a polícia teve que intervir para retirá-lo do local, de onde saiu se acabando de rir. De vez em quando ele gostava de aprontar uma e outra. É como se cansasse da monotonia cotidiana, daquela vida repetitiva. Ele era um provocador. Vizinhos revelaram que Boscão cagava na rua e saía sacudindo a bunda, gritava pelo amor de uma antiga namorada só para provocar o atual namorado e dizia que ia matar quem lhe desse remédio.

Louco? Para mim não! Pelo menos não o enxergava como um doido, mas como um sábio. E se fosse um louco, o era por sabedoria.

Mas o povo da rua comentava - e insistia em dizer - que ele enlouqueceu devido tanto estudar. João Bosco representa um tipo de figura excêntrica, mas por opção. Ele, pouco antes de morrer, decidiu colocar fogo na própria casa, porém os vizinhos contiveram o incêndio a tempo. Depois disso a família preocupada botou um aviso na parede da frente de seu domicílio com os seguintes dizeres: “Por favor, não deem cigarro nem fósforo a Bosco”. Será que sua mente “insana” tentou “vencer” o fogo? Ou o ateou por descuido, devido o seu tremor parecido com o do Mal de Parkinson, causado pelo uso de remédios controlados? Talvez a tua vontade tenha sido apenas acender mais um cigarro.

Omar Torres, no dia da despedida de Bosco, fez uma homenagem ao amigo desde os tempos de infância. Transcrevo aqui trechos do preito, escritos por quem o conhecia por dentro e o enxergava além dos olhos.

[...] Geralmente somos levados a julgar antes pelos olhos que pelo coração. Cada um pode ver facilmente, mas sentir, poucos são os que sentem. Todo mundo vê bem o que você parece, mas poucos têm o sentimento verdadeiro do que você é. Assim foi com Bosco. Aquela figura fantasmagórica que andava a esmo pelas ruas da cidade, agredindo a alguns, criticando a muitos, incomodando a todos, era um personagem. Sim, aquele foi um personagem criado pela privilegiada inteligência de quem precisava ocultar e proteger o verdadeiro Bosco: intenso, profundo e incompreendido. Poucos foram os que se aproximaram dele. Tinha de ser muito corajoso para se ver desnudado e se submeter às suas análises ácidas, suas críticas cruéis, seus comentários desconcertantes. Eu me orgulho de ter sido um desses privilegiados. Ousei mergulhar na sua profundidade e pude descobrir

uma criatura capaz de amar o próximo como poucos, de uma integridade e honestidade raras neste mundo.

Bosco era extraordinário e não foi só por passar entre duas pedrinhas. Bosco viveu de tal forma que eu diria estar ele na essência do verso de Fernando Pessoa: “Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo”. Por tudo isto eu fui seu amigo e pela sua perda eu choro. É claro que nós que lhe amamos gostaríamos que tivesse conduzido sua vida diferente. Todos nós queríamos por todo o sempre a sua companhia agradável e inteligente. Queríamos poder vibrar mais e mais com a sua bela voz e as magistrais interpretações que passeavam de Catulo a Taiguara com a mesma sensibilidade. Mas nenhum de nós, absolutamente nenhum de nós, tem o direito de julgá-lo e muito menos condená-lo, porque jamais fomos capazes de entender que força o impelia para a vida que viveu ou a morte que escolheu. Só temos que respeitar e lamentar.

Esperamos continuar a tê-lo sempre que ouvirmos as canções que enterneceram nossos corações. Voltaremos a estar juntos sempre quando algo bem “nonsense” nos atingir e eu, particularmente, sempre que ler Vinícius de Moraes clamando que “procura-se um amigo”. [...]

2.1.7 TTF: A SIGLA DE UM DOIDO





Fachada da casa de Trasíbulo.

Foto: Luciano Lugori

As letras TTF grafadas no alto de um casarão, datado de 1910, na rua de baixo⁴⁰ em Curaçá, referem-se a Trasíbulo Teixeira Franco, patriarca de uma numerosa e tradicional família: os Francos. Assim que comecei a fuçar a memória dos mais velhos, onde ainda vivem – tão somente lá – histórias quase apagadas pela atrocidade do tempo, mencionaram o nome Trasíbulo e, por conseguinte, suas aventuras na obscuridade da loucura.

Contam que o velho Trasíbulo passou parte de sua vida preso, dentro de um quarto, na Fazenda Macambira, mas não se sabe ao certo o que teria causado esse enlouquecimento e nem a partir de quando ele perdeu a “noção das coisas”. Um neto revelou que o avô “apertou” por causa de um empréstimo. “Na hora da cobrança o devedor alegou que não o pagaria”, disse Benedito Franco. Porém, em outros depoimentos, essa versão é contrariada, inclusive existe outra de que o velho encabulou-se por causa de uma determinada doença, que o deixou preocupado, talvez por causa da iminência da morte.

- Você se lembra de alguma história de avô? – indaguei ao neto

- Já conheci meu avô louco. Minha mãe dizia que, quando eu ainda era criança de braço, ele já vivia nas grades. Ele ficava isolado num quarto porque ele zoava muito e incomodava minha avó. Depois disso meu pai fez um cômodo distante uns 100 metros da casa.

- E a história da loucura dele?

⁴⁰ A Rua Dr. Possídio Nascimento é um dos logradouros mais antigos de Curaçá, fica localizada, no que o sociólogo Esmeraldo Lopes, em Caminhos de Curaçá, denominou como o “quadrado dos ricos”, próximo à Igreja Matriz. Outras ruas, becos e vielas compõem o que o povo curaçaense convencionou a chamar de “rua de baixo”.

- Acredito que essa loucura era hereditária porque meu avô apertou, um tio meu também apertou, tanto que foi pra São Paulo e ficou no Franco da Rocha por muito anos e ainda tinha um primo que era apertado desde criança e gostava de ficar debaixo dos carros.

- Aquela casa centenária na rua de baixo, sabe algo sobre ela?

- Quem a construiu foi meu avô em 1910. Pra você ter uma ideia o reboco dela foi feito com cal e areia, mas ainda hoje está bem conservado. Na casa de meu avô tinha muitos instrumentos, acho que ele tinha ou tocava em alguma banda. Lá também tinha umas marombas. É o que recordo.

Trasíbulo faleceu em 23 de novembro de 1955 aos 74 anos, conforme consta em Livro de Registro de Óbitos, no Cartório de Curaçá. Das três testemunhas que compareceram ao fórum para assinar o atestado, um filho e dois amigos da família, o senhor Milton Nunes de Araújo, hoje com 88 anos, é o único ainda vivo. E foi através dele que consegui resgatar algumas lembranças. De acordo com sua memória, Trasíbulo faleceu na própria residência e a causa de sua morte foi um problema na uretra, constatado pelo médico Possídio Nascimento.

Seu Milton conta que “seu” Trasíbulo também foi um bom músico e tocava, assim como ele, pistom. Ele fez parte de bandas da cidade e, por volta dos seus 40 e poucos anos, ele “enlouqueceu”. Na época ele já era pai de 10 filhos. Seu Milton confirma que ele ficou “inzonado” por causa de uma doença que ele tinha.

Depois que “enlouqueceu”, o filho mais velho, Donizete Nunes Franco, que já foi Juiz de Paz em Curaçá, assumiu a “chefia” da casa e passou a cuidar do pai. Trasíbulo era um homem de boas condições

financeiras, era comerciante e fazendeiro, dono de cabeças de animais, mas passou a ser agressivo, a gritar e xingar muito, a ponto de ser acorrentado aos pés, longe da cidade e das pessoas.

De vez em quando ele recebia visitas no seu “abrigo”.

- Oi Seu Trasíbulo, tudo bem? - perguntavam as visitantes.

- Quem é? - pesquisou o velho.

- As filhas de Seu Jerônimo Coelho, Nair e Adair - replicaram.

- E cadê a “Daqui”? - respondeu perguntando, ironizando e fazendo um gesto libertino segurando o órgão genital.

Alguns entrevistados repetiram essa história - como sendo uma das mais conhecidas - e a associaram a reação crápula de Trasíbulo como uma “sequela” da sua loucura. Ele enlouqueceu e ficou furioso. Ele ficava dando socos nas grades e desrespeitando todo mundo.

- Toda briga do doido é com a família, sabia? É quem ele mais judia - disse Milton Araújo.



2.1.8 TAL V ALMIR, TAL MACACUÍ
O “REI” DO PALAVRÃO





“Famosa” fotografia de Macacuí.

Foto: Acervo de Zé Ivo

Entre tantas parafernalias expostas nas paredes do Bar de Zé Ivo⁴¹, algumas imagens são históricas. Um pôster do Vasco Campeão Brasileiro de 1989, uma foto do “*scratch*” dos Veteranos de Curaçá e uma fotografia emoldurada de Macacuí – segurando uma coxa de galinha numa mão e uma garrafa de cachaça na outra – destacam-se no ambiente, que é um tradicional “ponto de encontro”. Este é um dos personagens curaçenses mais cultuados quando o assunto é “loucura”. Lendário, eterno, personalidade e “doido” são alguns adjetivos que se ouvem quando se fala de Macacuí. Ele foi figura marcante na infância de muitos curaçenses. “Já me fez rir e já me fez chorar”, “Corri muito dele”, “Morria de medo dele”, “É o rei da putaria” são asseverações contadas por aqueles que o conheceram.

Valmir Coelho dos Santos nasceu em Curaçá, na Fazenda Mãe Maria, em 18 de fevereiro de 1934, mas só foi registrado em cartório no ano de 1949 por sua mãe, Joana Coelho dos Santos, conhecida com Dona Joaninha. O apelido Macacuí surgiu, segundo depoimento de um familiar, devido o seu jeito de caminhar. “Macacuí é porque ele andava com os braços abertos, todo desengonçado”, revela Badinha, um dos sobrinhos mais próximos. A história de Valmir e sua relação com a loucura é um tanto curiosa. De homem trabalhador, Macacuí passou a beber muito e a falar mal de todo mundo.

- Quando a pessoa sai fora de si é problema, não é? - indagou Badinha, que conforme suas lembranças expôs o que acredita ter feito o tio “enlouquecer”.

⁴¹ O Bar de propriedade de José Ivo Moreira, um antigo comerciante, ocupa lugar especial na memória de muitos curaçenses, justamente por ser um “ponto de encontro” de diversos “ícones” da cultura local. Já teve vários endereços. Atualmente está localizado à Avenida Ulisses Guimarães, no centro da Cidade.

E continuou trazendo suas reminiscências à tona:

- O começo dele foi assim: ele era um cara normal, igual a todo mundo. Mas devido ele ter trabalhado na Construtora Valadares⁴², onde mexia com tintas e produtos químicos, ele adoeceu. Ele ficou um tempo cego e a gente nunca descobriu o que tinha causado aquilo, mas se suspeitava desse trabalho dele. Ele ficou assim durante uns três meses. Depois disso ele nunca mais foi o mesmo.

Nessa época, em meados dos anos 70, Badinha, Macacuí, Dona Joanhina e outros familiares, moravam em Juazeiro-Bahia, no Bairro Angari. Depois de passar um tempo por lá, tentando melhorar de vida, resolveram voltar para Curaçá e alugaram um “quartinho” no beco da padaria de Seu Nivaldo⁴³, onde já haviam morado antes e onde viveriam até o fim de suas vidas. Era cena recorrente assistir Macacuí e sua mãe perambulando pelas ruas da cidade. Ele na frente com uma galeota, que utilizava para fazer uns “bicos” e Joanhina atrás, fazendo guarda e o protegendo de si próprio.

A consequência da loucura de Macacuí, assim como a de outros ditos “doidos” de Curaçá, foi a imoralidade. Ele não era agressivo, mas reagia - principalmente com turpilóquios - contra quem o tirasse do sério com aperreações. O que vinha na sua boca ele soltava com veemência: “Filho de uma lascada”, “Filho de rapariga”, “A buceta de sua mãe”, “Eu vou meter e só vou tirar quando chover” eram algumas das expressões proferidas por Macacuí quando arreliado pelas pessoas da rua. Quem o conhecia, já sabendo da

⁴² Antiga empresa que, de acordo com os relatos, tinha sede em Petrolina-PE.

⁴³ Dono de uma antiga e tradicional padaria que ficava localizada na Rua Salvador Pereira Lima, na “Rua de Baixo”.

possível reação, o apelidava só para vê-lo irritado soltando esses palavrões. A doença dele foi se agravando devido à sua dependência alcoólica. Mesmo sendo “vigiado” de perto pela mãe e por outros parentes, que não largavam o seu pé, Macacuí sempre abiscoitava uma forma, às vezes facilitada pelos “colegas de pinga”, de tomar suas doses, que o suprimiram pouco a pouco ao longo dos anos.

Macacuí era descendente dos remanescentes quilombolas⁴⁴ que viveram nos primórdios de Curaçá, no final do século XIX, era negro, de família simples e de classe social considerada baixa. E ele sofreu preconceito por causa disso. Na música “Um veio água”, do cantor pernambucano Maciel Melo, a mesma que faz referência a Zé Doido, há um trecho que retrata isso: “Há um louco vencendo o preconceito com a inocência de um macacuí”. Segundo relatos de entrevistados, o apelido “macacuí”, que foi dado a Valmir num determinado momento histórico, pode ter sido associado ao termo “macaco”, pelo menos como uma palavra derivada. Não se sabe ao certo se a alcunha foi escolhida pelas aparências entre o humano e o animal, mas é provável que esse desígnio tenha sido motivado por essas parecenças.

- Badinha, o que mais chateava Macacuí? - perguntei

- Ah, se assobiasse o tal “macacuí, cuí, cuí” o mundo desabava - respondeu Badinha que, logo em seguida, com os olhos cheios de lágrimas, fez o “famoso” assobio.

- Você se lembra de mais alguma dele? - insistia

⁴⁴ Quilombolas é designação comum aos escravos refugiados em quilombos. Curaçá possui uma comunidade que é remanescente de quilombolas, localizada na Fazenda Jatobá, distante cerca de 15 km da sede do Município.

- Ele gostava de dançar marujada. Dançava todos os anos - recorda

Além de fazer a “alegria” dos outros com seu jeitão pelas ruas da cidade, Macacuí participava todos os anos da Marujada⁴⁵. Como era devoto de São Benedito, ele se arrumava e dançava os cânticos em reverência ao santo padroeiro. Dia 31 de dezembro é dia de festa em Curaçá. É um dos dias mais aguardados pela população. E Macacuí também era adepto dessa manifestação cultural. O apego com o santo era tão grande que na hora de sua morte foi por quem mais apelou. “Ele morreu chamando por São Benedito”, revela o sobrinho.

- Oh meu senhor São Benedito, me ajude! - clamava Macacuí na ânsia da morte.

- E o que você fez? - quis saber

- Eu acendi uma vela e coloquei em suas mãos. Ele segurou firme e, minutos depois, morreu - lembra o enternecido Badinha.

Macacuí faleceu, assim como sua mãe, na própria residência. Pouco tempo depois da partida de Dona Joaquina, Valmir seguiu o itinerário da vida e em 11 de agosto de 1989, aos 55 anos de idade, faleceu “desnutrido” em decorrência de uma “Polineurite Alcoólica”, conforme atestado médico assinado pelo Dr. Antônio Plauto Oliveira Lima. Na Certidão de Óbito consta que Valmir Coelho dos Santos “não deixou bens a inventariar” e que também “não deixou filhos”, porém, Badinha afirmou que, nos tempos que morou em Juazeiro, Macacuí foi pai de uma menina, entretanto nem mesmo a própria família tinha informações sobre a tal “herdeira”.

⁴⁵ Maior manifestação cultural de Curaçá que acontece todo dia 31 de dezembro. É uma homenagem a São Benedito, um dos padroeiros da cidade.

- Um dia desses andou uma mulher aqui em Curaçá procurando sobre Macacuí. Ela disse que ele era o seu pai. Hoje ela deve estar com uns 35 a 40 anos – confirmou Carlos Eduardo.

Macacuí gostava de contar histórias de Lampião, que de vez em quando “pousava” nas terras de seu avô, João Coelho. Certo dia, um tio seu chamado Virgílio, após tomar uma surra do pai, partiu com cangaceiro que peregrinava pela região. Foi servir ao cangaço de Virgulino e nunca mais voltou. Macacuí, que tinha facilidade em fazer “repente”, gostava de cantar uma música, que Badinha assegura ser de autoria do próprio, cujos versos seriam um tributo ao tio que foi embora:

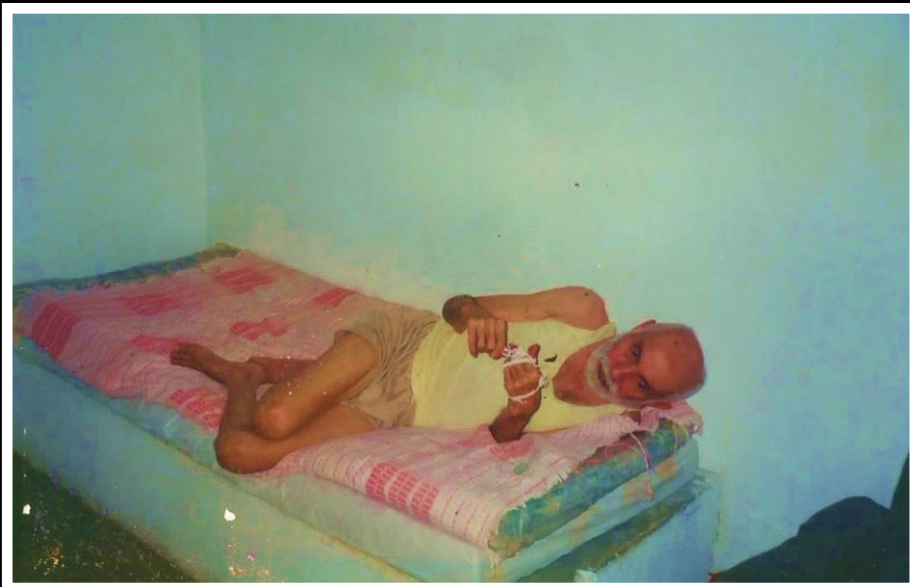
*Quarenta e três pra cinquenta vamos ver
Pai de família descer pra guerra e não voltar mais
Tantas mulher chorando por seus marido
Tantos meninos perdido
Oh mamãe, cadê o papai?*

O legado de Macacuí é cultural e ele se transformou num ícone curaçaense. Hoje suas histórias enriquecem a memória coletiva do povo de Curaçá. E o “doido” que corria como um atleta, que também foi pescador, era marujo, sabia aboiar e narrava histórias de Lampião, agora deve estar zanzando pelas bandas do céu na companhia de sua mãe. E o homem que nasceu Valmir, feneceu Macacuí, que dizer, ainda vive – pelo menos na lembrança – como o eterno Macacuí.



2.1.9 NECO E OS “MISTÉRIOS” DA SUA
LOUCURA





Neco em seu quarto.
Foto: Acervo de Rafael Torres

Curaçá, 5 de agosto de 1921. Nasce Manoel Mesquita da Silva, um dos cinco filhos do casal João da Cunha Mesquita e Aurora de Almeida e Silva. Neco, como ficou conhecido, passou décadas confinado dentro de um quarto convivendo com a “loucura” e sob os cuidados atenciosos de sua irmã Laura Mesquita. Ainda jovem, por volta dos 20 anos de idade – uns acreditam que foi antes disso –, Neco mergulhou nas águas profundas da loucura e não conseguiu mais retornar à superfície da sanidade mental. Sua história de vida é repleta de incertezas com relação à causa de seu enlouquecimento, que ainda hoje é um mistério. Ora associada a espíritos, ora à reação física de seu corpo em contato com a natureza, outras vezes sem explicações.

Narram – quase todo mundo repete essa história – que tudo começou por causa de um “choque térmico” após entrar na Gruta de Patamuté com o corpo quente. Dali em diante sua vida virou ao avesso e Neco começou a trocar o dia pela noite, começou a ficar agressivo e a fazer bastante xingamento. Mas há quem diga que foi coisa dos “espíritos”. O fato é que Neco passou anos, aliás, a maior parte da sua vida, “isolado”.

- Ele e a família moravam na fazenda Boa Esperança e foram pra Gruta de Patamuté, não sei se pra festa ou a passeio. Lá, Neco com o corpo quente, entrou de vez no buraco e recebeu a friagem do ambiente. Quando saiu de lá já saiu doido. Não sei se foi consequência do choque térmico ou se foi outra coisa, porém ele nunca mais ficou bom – relatou Milton Araújo.

Seu Milton ainda contou um caso de Neco.

- Ele era meu vizinho. Morava aqui no Calçadão. Um dia, nas poucas vezes que ele saía de casa, ele pegou um martelo e amassou um carro que tinha acabado de comprar - lembra.

Esperei alguns meses até conseguir falar com Dona Elita Ferreira, uma senhora de 83 anos, a sobrinha mais velha de Manoel Mesquita. Logo comecei a explicar o motivo da nossa conversa, que se tratava de uma pesquisa para elaboração de um livro sobre loucura. "Realmente, meu filho, é muito boa a sua escolha", disse-me a entrevistada, que se emocionou ao saber que eu tinha interesse em registrar a história de vida de Neco.

- Eu te digo do começo ao fim. Sou a mais velha da família e convivi muito com ele - comovida, pôs-se à disposição.

Dona Elita diz ter registrado na memória vários momentos da existência do tio que "enlouqueceu" muito jovem, inclusive esteve presente na viagem, nos idos dos anos 40, com os familiares à Gruta de Patamuté para pagar uma promessa. Foi depois desse dia que Neco, misteriosamente, começou a apresentar sinais de "loucura".

- Durante a viagem, ele [montado no animal] corria, corria e parava na frente pra esperar pela gente. Depois corria novamente. E foi desse jeito até chegarmos à Gruta. Mas um dia antes ele já estava meio diferente por causa de um banho que tinha tomado no açude - lembra.

As lembranças de Dona Elita ajudaram a reconstruir as veredas por onde Neco trilhou após aquele místico dia. "Ah minha mãezinha, eu andei num lugar lindo. Andei no céu e vi tanto

anjinho”, disse Neco à Mãe. A partir daí, a família percebeu que ele andava meio perturbado. Segundo declarações dos familiares, Neco era um homem trabalhador e zeloso, sempre cuidou de suas coisas. De repente começou a matar os animais e agir diferentemente daquilo que costumava ser, além de se tornar agressivo. Tanto, que foi necessário amarrá-lo.

- Tínhamos medo que ele corresse pra o mato e morresse de fome ou pra o rio e morresse afogado, por isso nós o prendíamos - justifica.

Familiares fizeram um esforço para tratá-lo. De Juazeiro até Salvador, Neco foi levado a diversos médicos, mas não se obteve sucesso nesse passadio.

“Ele fez tratamento numa cidade perto de Bonfim, que cuidava de doido. Os médicos em Juazeiro não resolveram. Ele é do tempo de Dr. Lauro Lustosa”, conta Dona Elita.

Curiosamente, Neco nasceu de sete meses. Foi o mais apressado dos irmãos. Queria chegar logo ao mundo.

Certo dia ele chamou o povo para ir à roça. Quando chegou lá, pediu umas velas que lhe foram negadas. Não conformado, ele despejou querosene do candeeiro na mão e pôs fogo. Fez isso pra mostrar que tinha umas estacas de pé pra cima e alegou a presença do pai já falecido. Inexplicavelmente ele não se feriu.

Ele tinha momentos de lucidez e conversava normalmente, inclusive saía pelas ruas. Outro detalhe de Neco era os seus nós, que ninguém conseguia desfazer. Era normal rasgar lençóis.

Assim que ele morreu, a irmã Laura implorou a Deus pela morte. Sentia muita falta de Neco, inclusive revelou um chamado do irmão nos seus sonhos.

Nunca se soube o que de fato fez Neco “enlouquecer”. Até hoje a sua loucura é um mistério. Apesar do sofrimento e do drama da família, parece que tinha algo divino e espiritual na vida de Manoel. Inclusive há uma passagem de um rezador, que deu esperança para a sua cura, mas ela nunca fora alcançada.

Neco não obedecia a qualquer um e se fugisse de casa precisaria de três ou quatro homens para pegá-lo. Uma das poucas pessoas que ele ouvia era Germano Oliveira, um amigo da família, que sempre conseguia controlá-lo em seus momentos de transe.

- Ele sofreu, sofreu, sofreu. Nunca fez o mal a ninguém e passou a vida preso – lamentou a Dejanira, outra sobrinha de Neco.

Depois de vasculhar o álbum de fotografias da família à procura de Neco, parecia que tínhamos fuçado com a saudade adormecida.

- Eu te amava, eu te amava Nequinho. Só veio ao mundo pra sofrer – disse a sobrinha emocionada.

Neco partiu aos 88 anos, quase 60 deles vividos enclausurados. Mas nunca lhe faltou o amor da família, que jamais descobriu o pretexto de sua loucura e preferiu conviver do lado dela a tentar compreendê-la.

2.1.10 “NASCI PEDINDO DESCULPAS AO
MUNDO”: O ANTI-HEROÍSMO DE PAULINHO
CARANDIRU





PCC: Paulinho Carandiru C...

Foto: Luciano Lugori

Curaçá. 4 de dezembro de 2014. 10h da manhã. Dia de Santa Bárbara. Na ocasião eu estava na “Casa dos Santos”, na travessa Duque de Caxias, número cinco, conversando com Rafael Torres sobre Neco, um antigo “doido” da cidade. De repente o acaso me trouxe Paulinho de Aidil, que apareceu na loja pela primeira vez para consultar os preços das imagens. Encantado, ele logo mostrou seus dotes religiosos e numa sabedoria nata expôs toda sua fé ao Cristianismo.

- Ali é Santa Luzia empinada pra trás. Maria de Nazaré, Frei Damião, Padre Cícero, São Benedito. Essa aqui é Nossa Senhora Aparecida. Aquela é Iansã - apontava para todos.

Depois de passar o olho em boa parte dos santos e orixás, de tocá-los e acertar quase todos os seus nomes e suas proteções, Paulinho quis comprar a imagem de São Sebastião fiado.

- Menino, quanto é essa imagem aqui? - consultou

- A de São Sebastião é 60 reais - respondeu

- Me reserve ela - solicitou ao vendedor

- Não dá Paulinho. Só posso vender os Santos à vista - replicou Rafael alegando que sua mediunidade não o permitia

- E como eu que faço pra você não vender essa imagem pra ninguém?

- Você vem e compra primeiro.

Paulinho não conseguiu comprar a imagem e continuou comentando sobre o que os olhos avistavam e rasgou elogios a Santo Expedito:

- Ditinho meu filho. Esse foi um dos primeiros mártires cristãos. Enfrentar o exército de Roma que era o cão para se converter ao cristianismo é ser o Paulinho de Aidil daquela época. Ele sabia que era condenação à morte. Mas ele acreditou. É morrendo que eu quero escapar “besta fera”.

Nesse momento eu intervi e perguntei com qual santo ele mais se identificava:

- Nenhum. Eu sou puro e cristão. Sou conhecedor da cristalinidade do cristianismo. E não o escolhi, eu fui escolhido.

- Poxa, que bom te encontrar por aqui. Estava mesmo à sua procura. Preciso conversar com você.

Paulinho, disposto e atento, comentou:

- Tudo bem, quem mais quer conversar sou eu. Eu sou um homem de diálogo, mas antes tenho que mijar, pois estou muito apertado e não aguento mais segurar.

Caminhamos juntos pelas ruas, nas proximidades do Teatro até orla. No percurso fui explicando sobre o meu trabalho. Ele escolheu as paredes da Casa Paroquial para, de costas pra rua, “tirar a água do joelho”. Depois sugeriu o lugar onde conversaríamos por quase quatro horas.

- Você tem que se ligar nessas “estratégias geodésicas”. Eu estou preocupado com a morte do rio. O ponto estratégico é aqui - escolheu.

- Tudo bem, então vamos sentar aqui, próximo do rio - concordei com a sua escolha.

- Meu depoimento a favor da sua intenção é você começar pela minha ficha criminal, do ex-presidiário do Carandiru, número 94492, que ficou cinco anos à disposição da psiquiatria.

- E o que foi que você fez pra se meter naquele lugar?

- Homicídio. A vítima morreu.

- Quando saiu de lá?

- Eu saí do Carandiru em outubro de 1982 e a cadeia foi a coisa mais bonita que aconteceu na minha vida.

Paulinho nasceu em Recife em 25 de maio de 1952. Sua mãe, Dona Aidil, filha de Curaçá, era professora na rede estadual de ensino em Pernambuco. No tempo que sua mãe engravidou, um “acidente de geológico”, segundo o próprio, o fez nascer na capital pernambucana.

- Ninguém sabe o que é a vida humana através de uma aberração da natureza que nem eu – expõe.

Paulinho se diz um ser de sorte:

- Boto pra fuder desde pequenino e Jesus ainda está me preservando – comemora.

- E por que você faz isso?

- Eu nem poderia ter nascido. Eu nasci pedindo desculpas ao mundo.

Na prisão, ele trabalhou como bibliotecário e leu vários livros simultaneamente. Paulinho revela que Macunaíma e o Testamento de Judas Iscariotes foram o que mais lhe chamaram a atenção. Logo que

saiu do presídio, a Rede Globo havia lançado o seriado “Bandidos da Falange”, inclusive, na época, foi assim apelidado por alguns amigos.

- O testamento de Judas Iscariotes é a coisa mais importante da minha vida, é o cumprimento literal daquele versículo, “conhecereis a verdade e verdade vos libertará”. Foi o último livro que eu li na cadeia e logo veio o meu alvará de soltura.

- O que você compreende como loucura, Paulinho?

- O problema é que a loucura é a coisa mais difícil de entender. Creio que quem compreendê-la, entenderá também o sentido da vida. Então, é melhor conhecer Jesus do que entender a loucura, pois se alguém conseguir isso será maior que Ele aqui na terra.

- E você se incomoda quando lhe chamam de louco?

- Até eu me rotulo de louco. Só que eu sou muito louco mesmo.

Após ser expulso do Colégio Dom Bosco, em Petrolina, Paulinho foi estudar no Colégio Marista, em Senhor do Bonfim, em 1966, onde viu escrito na carteira de um interno a seguinte “poesia”: “A vida é um navio carregado de merda, navegando num oceano de mijó, soprado por uma tempestade de peido”. Paulinho diz não saber o autor de tal pensamento, mas agora faz questão de reivindicar a autoria daquilo que ele acredita ser a vida.

Paulinho não mede as palavras e escancara a boca pra falar o que quer e de quem quiser. Por muitos anos foi paciente de Dr. Antonio Plauto Lima, mas agora se abdica a continuar sendo. Afirma ter cansado de ser cobaia da psiquiatria, a quem tem servido desde os anos 70.

- Vamos discutir o diploma de Dr. Plauto, esse assunto é uma tese. Porque eu já exonerei Dr. Prado no Carandiru nos anos 80. Mas agora eu preciso rasgar o diploma de Plauto se eu achar quem me apoie. Era paciente dele, mas agora me recuso a ser.

Paulinho de Aidil, ora “muito louco”, ora um “quase doido”, é também um “pensador do mundo”, como ele foi apresentado no documentário “O Estado da Arte da Fuleragem”⁴⁶, e um defensor do Rio São Francisco.

- Eu sou importante na vida desse rio - persevera

Certo que a “coroa da pistolagem” lhe pertence, Paulinho assegura que entrará na justiça para requerer a sua posse.

- Eu tô matando e roubando até hoje e mandando todo mundo tomar no cu. Eu tô requisitando a coroa da pistolagem na justiça porque sou filho do maior pistoleiro do nordeste do Brasil. Sou filho de Dedé de Arister.

O menino da professora Aidil Fernandes da Silva é um rebelde, por ora define-se no lema de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, e insiste em dizer que fez parte do primeiro grupo de extermínio, ainda no Carandiru, e que após sair em liberdade condicional, ficou em Recife e, logo depois, foi transferido para Petrolina, tornando-se o primeiro “bandido da falange” do São Francisco.

- O saco está carregado. Já faz cinco anos que não mato ninguém. Eu agora só quero matar muita gente. Esse negócio de

⁴⁶ Vídeo-debate realizado pelo Instituto Opara de Visão Ecosófica (INOVE), de Curaçá-BA e produzido por Luis Sérgio Ramos e Josemar Martins Pinzoh, cujo foco é a tematização da cultura da fuleragem e da erotização encontrada nas letras/músicas/danças de bandas de forró, pagode e funk.

matar de um por um, paulatinamente, é uma tortura. Eu sou o terror. Eu tô na terra pra aterrorizar.

A sua vocação profissional era ser caminhoneiro, mas a psicose do pai era torna-lo num doutor, formado em qualquer coisa. Paulinho diz tê-lo livrado dessa desgraça. “A verdade é uma tragédia”. Ele lamenta nunca ter recebido o caminhão do pai, mas ainda o tem como um herói. Também reclama da mãe, que tentou moldá-lo e transformá-lo numa pessoa normal.

Pelo menos Paulinho acredita em Deus. E no diabo também. Lastima porque ainda está vivo se é o culpado de muita coisa e admite que se já tivesse morrido estaria bem melhor. Mas tem um problema:

- Não sou suicida. Sou homicida.

Apesar de não ser um suicida, Paulinho garante que arquitetou a melhor arma para cometê-lo:

- Eu inventei uma arma para quem quiser cometer suicídio. Ela dá uma gravata e quebra a pescoço rapidamente. É uma espécie de Nunchaku⁴⁷, só que com duas bengalas de moto e uma corrente no meio.

Louco, ex-presidiário, uma aberração da natureza. Paulinho diz ser um ovo e não ter origem. Diz ter péssimas lembranças de suas primeiras professoras. Diz que não enxerga, mas fareja. Pede para não ligar a sua loucura a de Trasíbulo, um “parente” longínquo, por não pertencer a essa linhagem e assevera que o mesmo teria

⁴⁷ É uma arma de artes maciais e consiste de dois bastões pequenos conectados em seus fins por uma corda ou corrente. Foi popularizado por Bruce Lee.

enlouquecido por causa do dinheiro. Elogia Dona Feliciana⁴⁸, que foi a Ana Jansen⁴⁹ de Curaçá, e que ela deveria ser canonizada por liberar seus escravos por um dia.

Hoje aos 62 anos, Paulinho revela que não deu prioridade a nada na vida, nem mesmo a constituição de uma família, por nunca ter encontrado uma mulher digna para isso. Sobre os doidos, Paulinho confessa que Zé Doido era o radical e avaliza que, além dele, os que merecem destaques em Curaçá são Domingos e Kekê di Bela.

- Kekê di Bela é completamente alucinado, fora da realidade e um abençoado por Deus. Tudo que ele faz dá certo. Se eu tivesse a metade da sorte dele eu estaria milionário. Eu tenho muito mais talento que Kekê, só que a minha arte é outra.

Sobre a publicação da sua história, Paulino autoriza e ironiza.

- Eu deixo sim. Vou fazer igual a Jesus. É melhor sair qualquer coisa, do que não sair nada. Já pensou, fui citado em vida por um escritor curaçense, pense numa glória.

E me solicitou uma coisa:

- Olha só. No seu texto tem que aparecer o nome PCC, Paulinho Carandiru Carai ou Coração ou qualquer outra coisa com a letra “c”.

⁴⁸ Feliciania Maria de Santa Thereza de Jesus, considerada a fundadora de Curaçá.

⁴⁹ Ana Joaquina Jansen Pereira, apelidada de Donana, e denominada a “Rainha do Maranhão”.



“O enlouquecimento”



Todos os loucos podem
ser homens sãos.
Tudo que é são
pode enlouquecer.”

Arnaldo Brandão/Tavinho Paes

CAPÍTULO 3

3.1. ENQUANTO ENLOUQUEÇO: A LOUCURA EM VOLUME MÁXIMO

O título escolhido para este tópico é o mesmo do livro: enquanto enlouqueço. A sua escolha - citada anteriormente na introdução, mas explicada somente agora - é um tanto pessoal, mas proposital. Foi uma maneira que encontrei para evitar tachamentos estouvados aos meus perfilados ou ainda estigmatizá-los diante da sociedade, transformando-os em loucos, sem antes me incluir no meio deles. Noutras palavras é meu pedido de desculpas pelos possíveis erros cometidos na reconstrução de parte de suas histórias, além de expô-las ao mundo - pelo menos ao meu mundo. É como se eu dissesse assim: “Olha, eu também estou aqui entre vocês”.

Outra motivação para o seu uso foi o “grande” risco - ou azo - que corri de “enlouquecer”. Muitas vezes eu dizia para mim mesmo: “Já tô ficando louco”. E isso ainda não está - nem parcialmente nem totalmente - descartado. Creio que todos nossos somos loucos e que caminhamos lado a lado da loucura. Talvez eu, meu professor-orientador, meus amigos, todos nós estejamos sujeitos ao enlouquecimento. A qualquer momento pode acontecer de a loucura “desilenciar” e vir a ganhar forma, tomar conta do nosso tempo, se tornar parte de nossas vidas. Para melhor compreendê-la, mergulhei profundamente nas tuas águas e confesso que em alguns momentos quase me afoguei. Talvez eu tenha até morrido. E se eu pudesse defini-la como algo audível, ainda estaria aos berros. Gritando por dentro. Silenciando por fora. Enlouquecendo. Destilando-a através do meu corpo. Sentindo-a no seu todo. No seu volume máximo.

O que me motivou a escolher esse tema? Sinceramente eu não sei. No entanto, à medida que eu comecei a desenvolvê-lo encontrei algumas respostas pelo caminho. Parece que essa era a minha sina.

Minha mãe, que é evangélica, logo se assustou quando comentei que estava frequentando o CAPS. É um erro comum – e convencionalizado – às pessoas associarem esta instituição à loucura. E, imediatamente, me revelou algo que, até então, eu não sabia.

- Saí pelas ruas atrás de você. Procurando a um e a outro se tinham lhe visto. E perguntei a uma amiga se estudar demais enlouquecia.

Era um sonho – quer dizer, um pesadelo – que a minha mãe teve há uns anos. Ela sempre teve medo que eu surtasse. E ainda tem. Mas sempre se apega com Deus e ora – como dizem os “crentes” – para que eu não caia nas “tentações do cão”.

Depois disso, eu comecei a perceber que a loucura sempre esteve ao meu lado – ou dentro de mim, mas ainda não a tinha notado. É como se ela quisesse sair e vir para fora pelas minhas ações ou pelos meus “pré-textos poéticos”. Pelas mãos ou pela boca. Pelas palavras ou pelos gritos. De algum jeito. De qualquer forma. Ou sem forma e sem jeito. Deformada. Desajeitada. Pela vida ou pela morte.

Existem outros sinais. Quando eu ainda era apenas jovem, escrevi, mas nunca publiquei, textos que, às vezes evito chamá-los de poesia – por não me considerar um poeta nem tampouco algo parecido. Mas agora, devido à ocasião, decidi apresentar alguns trechos dos meus “rabiscos poéticos”.

“...E se eu for inocentemente um louco,
quem vai pagar pelo preço dessa estupidez?”

Mas, se eu, decididamente, optar por ser louco
E querer usufruir, exageradamente, dessa loucura
Então te direi:

Deixa-me viver do jeito que quero
Deixa-me ser louco e pensar não ser
Deixa-me ser louco e não querer ser normal
Deixa-me ser louco e ser intenso e verdadeiro

Deixa-me ser louco e fazer tudo que sempre quis
Deixa-me ser louco, no entanto, um louco feliz.

E, por favor, não me atrapalhe”.

Esse é um fragmento da poesia “Frenesi” escrita há dez anos, quando eu nem imaginava fazer o curso de jornalismo, muito menos produzir um livro sobre “loucura”. Existem muitos outros textos da minha juventude que enveredam por esse caminho. Parecia um anúncio ou apenas coisas da minha cabeça, mas foram muitas coincidências encontrados durante a pesquisa.

Nas vezes que frequentei o CAPS, conversei com a diretora sobre a possibilidade de marcar uma consulta pra mim com o psiquiatra da instituição, inclusive cheguei a marcar o encontro que, infelizmente, não aconteceu. Não por medo, mas por alguns imprevistos que aconteceram no decorrer do trabalho. O meu objetivo era passar pelos mesmos procedimentos médicos, como um paciente qualquer, para identificar qual o meu quadro clínico de acordo com a CID.

3.2. A LOUCURA EM TRAJE DE GALA

Sempre fui um bom observador sobre como as pessoas ditas “normais” se veem e de como estas enxergam as demais pessoas da sociedade. Também costumo questionar certos valores impostos pela sociedade consumista sobre essas pessoas. O que é ser decente? Por que se tem vergonha disso ou daquilo? Qual roupa se deve vestir nessa ou naquela ocasião? Por que certas pessoas são vistas como estranhas nas relações cotidianas? Creio que tudo isso também representa um certo tipo de produção da loucura. Talvez através dessas perguntas, obtenha-se um retrato do que somos e daquilo que queremos que os outros sejam. É como se tivéssemos o “pseudo-poder” de determinar e regular as relações sociais, estigmatizar e silenciar pessoas, definindo o que é ser normal e o que é ser louco perante o olhar do outro.

De acordo com Aguieros (1999), num artigo publicado sobre o “Traje e decoro”, “a preocupação com o traje na perspectiva do decoro, está intimamente ligada ao sentimento moral da vergonha, enquanto reguladora ética de comportamentos, resultando numa aprovação ou desaprovação social”. Pude comprovar isso em algumas situações rotineiras e, mais precisamente, durante a pesquisa para a elaboração deste livro. Nas entrevistas, pelo menos em algumas delas com os ditos “loucos”, eles apresentam-se como tal, enquadrando-se nesse “perfil de desaprovação”, principalmente, por causa das suas vestimentas. Eles provocam constrangimento e nojo e, em determinados ambientes sociais, ocupam um lugar de desprezo e rejeição confinantes, como se não fossem “ninguém” ou até são notados, mas somente em virtude da sua indecorosidade.

Certo dia, numa festa de aniversário de 15 anos de uma jovem, Kekê di Bela foi barrado na entrada por trajar roupas inadequadas para a ocasião. Depois de muito pelejar, o artista plástico conseguiu participar da festança, mas foi vítima do “olhar dos outros”. No dia seguinte, foram muitos os comentários sobre a sua atitude, inclusive a tacharam como inconveniente e “fora do normal”, não como loucura, mas como falta de educação. Certamente Kekê não estava preocupado com isso, ele não se incomoda, pois se autodeclara louco. No entanto, deve-se questionar a atitude dos convidados ou a de quem o barrou na portaria. Qual o principal motivo para a não permissão da sua entrada? Teria sido as suas roupas, rasgadas e sujas de tintas ou a falta de convite? O olhar atravessado dos convidados se deu porque Kekê não era bem-vindo naquele ambiente festivo? Será que houve uma cumplicidade dos outros na observância do “indecoro” de Kekê? Em casos como esse, o traje dá margem para realizar julgamentos e indicar a condição social – e até psicológica – de quem o veste.

Jorge “Doido” é epilético e às vezes sofre ataques no meio da rua, onde rola para lá e para cá e as pessoas que passam por perto só olham e dizem coisas do tipo: “Ele está bêbado”, “Ele é assim mesmo”, “Ele é doente”, “Ele é doido”. Suas roupas, geralmente, desgastadas e sujas, o colocam numa situação de “vítima da sociedade”, uma coletividade que, além de intitulá-lo de “doido”, ainda o ignora como ser humano. No livro “Produção social da loucura”, de Ciro Marcondes Filho (2003), o autor menciona que “a moderna desorganização da vida urbana é a fonte de produção da loucura” e que “valores associados à sociedade – como renda, prestígio e *status* – compõem o quadro de sintomatologia neurótica moderna”.

Outros entrevistados para este livro, como Josiná Possidônio – o Lalá –, também apresentam uma aparente rejeição social. Talvez o motivo seja o mesmo: a inconveniência e a indecorosidade. Lalá, apesar de trabalhar na limpeza dos esgotos e a andar maior parte do tempo com suas roupas sujas, tem acesso a determinados ambientes da sociedade, que talvez Jorge “Doido” não tivesse ou fosse constrangido, como, por exemplo, restaurantes e eventos festivos. Isso não o exime do preconceito, mas o coloca num patamar de aceitação superior a outros ditos “doidos”. Talvez Lalá seja um típico representante da “loucura em traje de gala”. Ele, em eventos políticos, se veste como tal e a rigor manifesta publicamente o seu interesse pela política, inclusive almejando assumir um possível cargo eletivo.

Os “doidos” de Curaçá, especialmente os mais novos, como Chupila e Juninho, são igualmente ignorados. Acrescenta-se aqui, além das vestes, outros fatores que permitem essa exclusão pelo “olhar do outro”. Escuto e sinto como esses loucos são tratados por pessoas próximas a mim. No entanto, é o olhar dessas pessoas que melhor expressa seus sentimentos de aversão. Martins (1999) afirma que:

O estabelecimento e o respeito aos padrões de decoro têm no olhar um grande aliado. Ele delimita, observa, constata e denuncia as regras de comportamento estabelecidas socialmente. [...] O olhar possui uma forma que penetra as demais pessoas e que permite que elas descubram a sua existência.

Tudo isso que foi relatado serve para justificar como as pessoas reagem numa dada circunstância. É evidente que a “culpa”

não é apenas do olhar. Mas este é o primeiro a manifestar-se contrário às regras de decoro existentes na sociedade. Talvez seja um erro afirmar isso, mas é interessante colocar em pauta, pois a “loucura” aparece associada a uma “cultura da visibilidade”, como sugere o sociólogo Darian Leader, no livro “O que é loucura?”. Sem dúvidas, digo isso porque percebi e comprovei durante a pesquisa, a maior parte das pessoas “vê” e “escuta” o louco, sem saber, cegos por sua ignorância, que a loucura nem sempre é manifesta, podendo ser invisível e permanecer em silêncio absoluto, antes de se rebelar em qualquer um de nós.

Os “doidos” são indecorosos ou seriam uma espécie de “outsiders⁵⁰”, por não viverem de acordo com as regras estipuladas pela sociedade ou por não encararem aqueles que os julgam, como competentes ou legitimamente, autorizados a fazer tal julgamento. Kekê certamente será barrado noutras festas, mas tentará entrar em todas, seja ela qual for, numa festa na porta de casa ou outra qualquer; Jorge Doido, logo deitará e rolará pelas ruas da cidade, enfrentando sua doença e o preconceito alheio; E ainda Josiná, que permanecerá sendo o que é, vivendo entre a vergonha e decência, exibindo sua loucura por ambos os lados. E tantos outros que se trajam com roupas de gala e creem serem pessoas normais.

Desde quando decidi escrever este livro, quis fazer uma experiência com os ditos “doidos”. A ideia ainda não vingou, mas tratava da possibilidade de colocá-los, individualmente ou em grupo,

⁵⁰ Marginais ou desviantes, alguém que está do lado de fora, para além das margens de determinada fronteira ou limite social.

do jeito que são e como se vestem, à prova na sociedade, para verificar e comprovar a sua aceitação ou não em ambientes onde as pessoas ditas “normais” frequentam com assiduidade, justamente por conta do *status*. Rejeição, comportamento, preconceito e outros valores seriam colocados em discussão. A experiência se dividiria em dois momentos distintos. No primeiro momento, o mais simples, eles frequentariam, por exemplo, uma lanchonete ou um restaurante, vestidos como se vestem no seu dia a dia. No segundo momento, eles estariam totalmente modificados e formalmente trajados. A intenção era avaliar a “aprovação” ou “desaprovação” social, perceber as diferenças no atendimento, avaliar o olhar dos outros sobre os doidos e confirmar como a sociedade capitalista é segregadora por natureza. Por ora, por motivos justos e de “segurança”, suspendi a experiência. Mas ficam as incertezas - ou certezas - que a vida cotidiana nos inflige e nem sequer nos questionamos sobre isso. Que a nossa loucura - quando vier ao mundo - venha bem trajada para não causar espanto nem vergonha.

3.3. A LOUCURA E SUAS DERIVAÇÕES ARTÍSTICAS

“Harmonia Enlouquece” é nome de um grupo carioca que canta os “delírios musicais” dos pacientes, em um projeto intitulado “Convivendo com a música”, do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (CPRJ⁵¹). Durante a pesquisa, por intermédio de integrantes do Núcleo de Mobilização Antimanicomial do Sertão (NUMANS⁵²), que debate a consolidação da reforma psiquiátrica e seus desdobramentos nas diversas esferas da sociedade, tive a oportunidade de conhecer e assistir a uma apresentação da “banda de doido” e ter contato com a “matéria sonora”, que, como eles registraram no site do grupo⁵³, “dão lugar à expressão, à criatividade e à comunicação”, onde cantam e compartilham as várias histórias de vidas.

“Estou vivendo no mundo do hospital, tomando remédio de psiquiatria mental, Haldol, Diazepam, Rohypnol, Prometazina, meu médico não sabe como me tornar um cara normal”, diz trechos da música “Sufoco da Vida”. Parece surreal, porém a ideia de musicar o cotidiano de um hospital psiquiátrico e temas derivados dessa “convivência” com os “loucos” mostra que a arte – as mais diversas facetas artísticas – tem uma relação tênue com a loucura. Digamos que arte e loucura se namoram. Elas se completam e se comunicam artisticamente – ou loucamente falando. Raul Seixas, Chico Buarque,

⁵¹ O CPRJ é a única unidade de saúde pertencente à Secretaria Estadual de Saúde (SES) especializada no tratamento de saúde mental que oferece diversas modalidades de serviços como emergência, enfermaria de crise, ambulatório e hospital-dia.

⁵² Movimento social em prol da reforma psiquiátrica na região do Submédio São Francisco. O NUMANS conta com representantes do UNIVASF, da UNEB, do Conselho Regional de Psicologia (sub-sede Petrolina-PE), trabalhadores dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de Juazeiro-BA e Petrolina-PE e da rede de saúde, estudantes e usuários dos serviços de saúde mental.

⁵³ www.harmoniaenlouquece.com.br

Arnaldo Brandão (do Hanoi-Hanoi) são algumas testemunhas desse galanteio.

“A loucura é consequência da sanidade”, comentou Hamilton, líder do “Harmonia Enlouquece” e responsável pela maioria das composições do grupo. Ele, que serviu ao Exército, contou que sofreu muito com a “tortura” e com a “ditadura” dos militares e que escreveu suas canções motivadas pelos problemas e pelo sofrimento – o seu e o daqueles que frequentam instituições psiquiátricas. Hamilton viu na música uma forma de “desabafar” a dor.

“É conseguir fazer uma logística das necessidades do interior de cada um, numa visão mais humana, mais real, sem a hipocrisia do dinheiro, da enganação e do querer ser mais do que o outro. Meu mundo é mais humano”, revela o cantor quando indagado sobre a sua forma de “expressão musical” e afirma que a loucura “é uma síndrome que não é compreensível dentro da visão de quem não a está sentindo”.

Outro grupo carioca – dos anos 80 – lançou, no disco Coração Geiger (1992), a canção “Loucos”, de Arnaldo Brandão e Tavinho Paes. Nela, os autores citam que “todos os loucos podem ser homens sãos, mas tudo que é são pode enlouquecer”.

No âmbito local, onde se deu a pesquisa para elaboração deste livro, os “Bichos Escrotos”, grupo de rock curaçaense, também se expressou musicalmente sobre a loucura. A música “Mundo Virtual” apresenta alguns personagens da cultura de Curaçá considerados “loucos”. Num trecho, a letra expõe que existem “tantos loucos normais andando por aí”.

Já o professor e poeta Josemar Martins Pinzoh, também filho de Curaçá, foi mais enigmático e provocativo na poesia de sua autoria intitulada “Culpa”, publicada em 1986 no livro “Cometendo Poesia”: “Não tenho culpa se a minha loucura fura as tripas daqueles que estão prestes a defecar a própria consciência”. Pinzoh dedicou o seu texto à “sociedade bem comportada”.

Um dos perfilados deste livro, Kekê di Bela, tem uma relação estritamente amorosa com as artes. Um artista plástico nato, Kekê faz tatuagens, desenha e pinta – em telhas, camisas, telas etc. – desde criança. Toda a sua “loucura” é canalizada pelas suas produções artísticas. É, modéstia à parte, uma espécie de “Basquiat⁵⁴” do sertão.

No CAPS I de Curaçá, os pacientes, espontaneamente, se envolvem com atividades artísticas. Durante as oficinas são confeccionados diversos produtos artesanais, de desenhos mais simples até peças mais elaboradas com sobras de tecido, madeira, jornais e revistas.

⁵⁴ Foi um artista americano que ganhou popularidade como um grafiteiro e com sua pinturas neo-expressionistas. As pinturas de Basquiat ainda são influência para vários artistas e costumam atingir preços altos em leilões de arte.

UMA “INVENÇÃO” DA LOUCURA

Mas afinal, o que é a loucura? O que é o enlouquecimento? Em nenhum momento, ao longo dos últimos dias, antes e durante a produção deste livro (reportagem, perfil, entrevista e sei lá mais o quê), eu quis – e mesmo que quisesse não poderia – responder, ao menos conclusivamente, tais questionamentos. Levando em consideração que a sua concepção é, antes de tudo, uma construção cultural, apenas tomei como base o que a nossa sociedade convencionou chamar de loucura. Se observarmos bem, todos os estereótipos presentes em nosso meio estão na origem dos preconceitos que habitam o senso comum e todos nós somente os repetimos. Nesse caso, a Antropologia pode nos ajudar a compreender a ideia de loucura, a partir da investigação das origens dessa construção. Creio que por meio da experiência antropológica perceberemos que a loucura é uma “alucinação” das verdades do homem e ela está acima dessa compreensão. Como disse Paulinho de Aidil, “quem entender a loucura será maior que Deus”. Então, me conformei em ouvir e registrar as histórias dos nossos “loucos”, que por ora resolvi chamá-los de “bailarinos”.

“Enquanto Enlouqueço” é uma invenção da própria loucura e seus personagens, os ditos “doidos” de Curaçá, a representam das mais diversas formas. Kekê di Bela, por exemplo, usa a arte como expressão e talvez ele use a ideia de louco para criar uma

“representação social” que lhe convém como artista. Nesse caso, a loucura pode assumir uma máscara e uma “performance social”. A loucura de Jorge Doido, que é epilético, vai além dos seus trajes e pode nos fazer problematizar a própria ciência e a medicina, responsável por criar um rótulo/código para representar esse tipo de loucura. Em outros casos, podemos nos questionar sobre os hábitos da própria família de esconder seus “doidos” e protegê-los dos estigmas. Preconceitos com relação à questão étnica, como no exemplo de Macacuí, podem ser refletidos e interrogados como na sociedade, alguns comportamentos tidos como desviantes escondem problemas de classe. Enfim, o livro se veste do compromisso jornalístico, mas despe-se na experiência humana. Todos os personagens aqui citados têm uma importância ímpar na história de Curaçá, cada um com o seu legado.

EPÍLOGO

Ao ler os originais de **Enquanto Enlouqueço** tive a impressão de que estava diante de um minucioso e alentado ensaio sobre a loucura. O assunto fascina pela incursão no recôndito da fragilidade humana e, mais do que isto, dá a bitola da complexa dificuldade que a sociedade tem de compreender o mundo e organizar o caos através de ideias e conceitos.

Contudo, o que mais fascina na obra é o empenho do autor sobre o assunto, que escapa à vulgaridade do cotidiano e se agiganta diante do interesse de especialistas.

Bergson, filósofo independente, falava de uma “loucura normal”. Neste ponto, o autor parece aproximar-se da intuição de que, toda vez que a razão se distancia da realidade, o conhecimento se empobrece. Ele mergulhou na realidade, sem abdicar do conhecimento discursivo e necessário.

O livro começa por um oportuno esquadrinhamento sobre a loucura, fundamentando-a na opinião de estudiosos universalmente respeitáveis, examina o âmago das dúvidas e, por último, faz um apanhado empírico sobre o mundo dos loucos de Curaçá.

O cerne do livro parece ser mais a perquirição do que seja a loucura do que, propriamente, a história dos loucos curaçaenses, o que em nada arranha o objetivo colimado pelo autor. Ao contrário,

enriquece-o. Reside aí sua grande importância, porque é abrangente, filosófico, investigativo, questionador.

A loucura não deixa de ser uma avassaladora forma de viver em solidão. Intenso observador, o autor procurou construir este monumento aos loucos. O estar-só dos loucos, o isolamento que eles experimentam é o prelúdio da solidão. E aí reside a violência que a sociedade dita normal pratica sobre esses loucos, nem sempre loucos, relegando-os, repelindo-os, marginalizando-os.

Embora apoucado, tendo em vista a importância da obra, não devo ir além dos limites estruturais do epílogo. Epilogar significa recapitular, resumir. Todavia, confesso que diante de um livro tão monumental, tenho dificuldade de fazê-lo.

O autor vai longe, ao abeberar-se nos conceitos de Foucault e Erasmo de Rotterdam, dentre outros, razoavelmente aceitos até hoje. Em todas as referências, fica claro o papel da sociedade relativamente à loucura: uma sepulcral indiferença.

O livro faz um paralelismo entre “loucos” e “doidos”, palavras fundamentais para a compreensão do texto. Parece inquestionável a diferença entre eles. Os exemplos contemplados pelo autor são claros porque, ademais, a loucura está impregnada na sociedade, clandestinamente. A doideira é visível.

Quanto aos perfis jornalísticos sobre a loucura do universo de Curaçá, o trabalho do autor é completo. As pesquisas se debruçaram com afincamento sobre nossos loucos e doidos e ainda se enriqueceram com abalizadas entrevistas acostadas ao texto.

No capítulo “O enlouquecimento” está, em resumo, a grandeza da obra. O autor se despe de toda e qualquer vaidade e mortifica-se diante da realidade, para tentar entender a loucura. O ponto alto deste **Enquanto Enlouqueço** é exatamente a humildade do autor.

São Bernardo do Campo (SP), dezembro de 2014.

Walter Araújo Costa



CONVERSÇÕES

Encontros e desencontros



Os loucos de verdade
não jogam lixo nos rios,
não derrubam árvores,
não matam os animais e nem
enganam seus semelhantes.”

Maciel Melo



TRECHO DE UMA CONVERSA COM UM “ANARQUISTA REACIONÁRIO E SEM CAUSA” SOBRE OS “DOIDOS” DE CURAÇÁ



Esmeraldo no "divã" de Dona Cilá.

Foto: Jucélia Almeida.

Foram seis horas de muita conversa. A princípio fui convidá-lo para prefaciar este livro – o que obviamente não vingou – e falar um pouco sobre os “doidos de Curaçá”, mas o bate-papo, talvez instigado pela cerveja e pela própria loucura, nos conduziu a uma discussão bem mais ampla.

O cenário: o muro da casa de Dona Cilá, com um monte de roupas penduradas no varal e algumas plantas que “enfeitavam” de caatinga o lugar.

Ele xingava, esculhambava, excomungava e bebia. Contava história, fazia discurso, instigava. Fiquei boa parte do tempo só escutando sua prosa. E ele preocupado sempre me perguntava:

- Tá compreendendo?

Falamos dos doidos e dos loucos, discutimos conceitos à luz de Foucault e ele dizia:

- Cuidado! Você está numa "zona de perigo".

Sempre esclarecendo que existem diferenças entre o “doido” e o “louco”. Um é mais agressivo, outro é mais aceito na sociedade. Mas esses significados se confundem e misturam.

Ele sempre alertava para eu sair desses quadrados, das opiniões de filósofos, da reprodução acadêmica e daquilo que estava pronto. E convidava para descobrir o novo e não ficar/viver escravo de certas leituras de mundo.

- Os tempos são outros. A sociedade mudou. Hoje não existe mais espaço para os doidos. De uns tempos pra cá eles “fugiram” daqui.

E contava trechos dos livros Opara, Vozes do Mato, Caminhos de Curaçá, Caatinga e Caatingueiros. E revelou que certo professor chamou sua atenção sobre a expressão “andava andando” que ele colocara num de seus textos, dizendo estar errada, que era uma redundância, que existia uma regra gramatical que a condenava.

- Eu posso "andar pensando", "andar sonhando", ou não posso?!

Então disse:

- Foda-se a gramática. Eu trabalho com expressões. Não vou empobrecer um texto só por causa da gracinha da gramática. Reconheço a sua importância, mas ela não é absoluta.

E finaliza:

- Eu escrevo ouvindo!

A conversa foi um pouco de tudo. Foi aula, orientação, humor, revelação, pesquisa, imaginário. Esmeraldo não é herói, aliás, ele detesta esse adjetivo. Homenagens? Nem agora nem depois, afirma. Ele não se sente mais seguro em Curaçá. E conta que certo dia quase brigou por causa de Nerimar.

- Estava tomando uma cerveja quando Nerimar chegou com a porra da sua “guitarra invisível” e alguém o insultou. Tomei as dores e disse que o “estranho” ali era ele. E disse ao agressor, se está incomodado, se pique daqui. Toque nele aí que eu quero ver se você é macho mesmo.

Assim como Nerimar, tantos outros foram agredidos pela coletividade, por estranhos. Se antes os doidos andavam por aí, entravam em nossas casas e faziam parte do nosso convívio; hoje é bem diferente, talvez tenha sido por isso que eles “sumiram” daqui. Agora são “lendas”.

Esmeraldo Lopes pode até não querer rótulos ou, como ele mesmo se intitula, ser um “reacionário”. Mas eu digo, querendo ou não ele é um dos sustentáculos da nossa cultura, um guardião. Não só por registrar e publicar em suas obras parte de nossa história, recuperar nosso passado e preencher lacunas. Ele, por si só, é um livro em pessoa, com infinitas páginas, cheio de vírgulas, exclamações, interrogações, mas sem ponto final. Ele registrou o seguinte em seu site pessoal: “os rótulos que já me deram e que tomei conhecimento: radical, tarado, doido, inconsequente, inconveniente... Resolvi, então, me oferecer um rótulo mais simpático: anarquista reacionário e sem causa”.



“UM VEIO D'ÁGUA”: UMA CANÇÃO INSPIRADA PELOS DOIDOS DE CURAÇÁ



Maciel Melo: o caboclo sonhador.

Foto: Blog do Elisberto Costa

Luciano Lugori – O que lhe inspirou a escrever a canção "Um veio d' água"? Já ouvi falar que se deu após uma visita sua a Curaçá, na Bahia. Isso é verdade?

Maciel Melo – É verdade sim. Essa música foi composta lá. Eu tinha vinte e poucos anos na época. Foi a primeira vez que fui naquela cidade. Identifiquei-me de imediato. A única coisa que não parecia com Iguaraci, era o Rio, porque na minha cidade só existiam açudes e barreiros, e quando chovia muito, o que era uma raridade. A gente via uns riachos, umas grotas, uns fiapinhos d'água que, mesmo assim, nos enchiam de esperança. Esses dias que passei em Curaçá foram uns dos melhores momentos da minha vida. Passei uns quatro dias lá. Só fui embora quando terminei de compor essa canção. É uma das minhas prediletas.

L.L - O trecho "... há um louco vencendo o preconceito, com a inocência de um macacuí. Pingo d'água de esgoto lava os dedos de outro doido que passa por ali..." me chamou a atenção justamente por me fazer lembrar dois "doidos" sobre os quais estou escrevendo, Macacuí e Zé Doido. Isso é um "retrato musical" seu sobre estes, ou são "doidos" de Iguaraci com características parecidas com os de Curaçá?

M. L - É Macacui de Curaçá mesmo. Ele me lembrava Pedro Maraváia, que era o doido da minha infância. Esses loucos que passearam pela meninice da gente e que permanecem na nossa lembrança como se fossem tatuagens gravadas no nosso inconsciente, dosando a lucidez com um pouco de loucura.

L.L - Como você visualiza, digo artisticamente, esses ditos "doidos"? Como é/foi expressar musicalmente essa "loucura"?

M.L - Todos nós temos todos os dias alguns momentos de desvio mental. Acho que Deus era muito louco também, porque pra fazer essa imensa maravilha que é a natureza, ninguém em sã consciência conseguiria. Uma lagarta se transformando numa borboleta, um passarinho que se chama João de Barro fazer sua própria casa em cima de uma árvore e a chuva de vento não derrubar, isso é coisa de doido. Os rios, os mares, os oceanos, enfim, tanta coisa bonita de se ver nesse mundo. A única coisa que ele fez, fora de sua loucura, foi o homem. Talvez até pra variar um pouco e sair da monotonia. Acho que ele queria fazer a política de boa vizinhança com a coisa ruim. Mas tenho certeza que ele deve ter se arrependido. Porque daí veio os políticos, os ambiciosos, os capitalistas, os caretas e os "sei lá mais o quê". Caetano Veloso diz numa de suas canções uma frase assim: "... da força da grana que ergue e destrói coisas belas". Loucos não fazem isso não. Os loucos de verdade não jogam lixo nos rios, não derrubam árvores, não matam os animais, nem enganam seus semelhantes. Muito pelo contrário. É por isso que adoro os loucos.

Tem muita gente que se faz de doido só pra sacanear os outros. Esses de quem estou falando não, eles são loucos lindos. Loucos que conseguem me mostrar que a vida está muito além da materialidade. Esses que conversam com as plantas, que dormem ao relento, tendo como teto o céu cheio de estrelas e quando lhes perguntam “por quê?”, eles dizem que sua casa é o infinito, as paredes são horizontes e o mar é sua banheira de espumas.

L.L - Você me autoriza usar trechos desta música no meu livro?

M. L - Eu, Maciel de Melo Santos, em artes Maciel Melo, autorizo a Luciano Lugori, utilizar qualquer trecho de qualquer música minha em seus livros.



“FOI UMA EXPERIÊNCIA RIQUESSIMA QUE DEIXOU MUITAS SAUDADES”: ENTREVISTA COM A PSICÓLOGA GINA LOUREIRO, EX-DIRETORA DO CAPS DE CURAÇÁ



Gina Carla, psicóloga e uma das primeiras diretoras do CAPS de Curaçá

Foto: perfil no Facebook

Luciano Lugori - Como você avalia a chegada do CAPS na sociedade curaçense?

Gina Loureiro - Foi um marco divisor da saúde mental no Município. Antes do CAPS, os portadores de transtornos mentais não tinham atendimento psicossocial, apenas consultas ambulatoriais.

L. L - Durante o período em que você permaneceu como coordenadora do CAPS, o que mais lhe marcou dentro e fora da instituição?

G.L - Ver de perto o poder transformador da assistência humanizada na vida dos pacientes e seus familiares. Acompanhar a evolução de pessoas que antes se encontravam à margem da sociedade, em crise, e reencontraram sua dignidade. E, além disso, perceber que a situação desses curaçenses passou a ter visibilidade, o que ajudou a diminuir o preconceito.

L. L - Você recorda quem foram os primeiros pacientes e quais foram as reações dessas pessoas sobre a importância do CAPS em suas vidas?

G. L - Não poderia citar nomes, mas lembro de cada um deles. A reação inicial foi de encantamento e, ao mesmo tempo, de susto e desconfiança. Tudo era muito novo, e muito além do padrão de tratamento que eles haviam recebido até então. No CAPS essas pessoas passaram a se sentir acolhidas, respeitadas, incluídas, enfim.

L. L - Muitos associam o CAPS e as pessoas que o frequentam à loucura, isto é, na cabeça do povo, quem convive no Centro é considerado “doido”. O que deve ser feito para acabar com esses estigmas?

G. L - Essa é uma questão secular, mas entendo que as coisas estão melhorando nesse sentido. Os transtornos mentais se apresentam nos mais diversos níveis, e as pessoas estão percebendo claramente a diferença entre o CAPS e o manicômio, principalmente porque no CAPS não há segregação. Essa interação, aliada a um amplo trabalho de esclarecimento de uma comunidade cada vez mais informada, hão de reverter esse quadro de preconceito.

L. L - Sobre a Luta Antimanicomial, o que tem a dizer?

G. L - É um importante movimento na área de saúde mental, pois propõe uma ampla mudança na forma de ver e tratar as pessoas que sofrem desses transtornos. A ideia é acolher, integrar e combater o preconceito, atendendo pacientes e familiares de forma humanizada. Mas trata-se de um processo em construção, uma questão complexa que ainda precisa ser muito debatida, pois não basta apenas fechar os manicômios.

L. L - Psicologicamente falando, o que é ser louco e o que é ser normal? E pra você, o que é loucura?

G. L - Para a sociedade o louco é aquele que está fora dos padrões de comportamento; aquele em falta a lucidez. Para a Psicologia aquele que é considerado louco pela sociedade é um portador de um transtorno mental, mas não se resume a ele. Psicologicamente o termo loucura está em franco desuso, por embutir uma alta carga de preconceito. Chamamos psicótico o indivíduo que apresenta um rompimento com a realidade, rompimento este que pode se apresentar em diversos níveis e, na grande maioria dos casos, é tratável. A ideia de normalidade é muito relativa. Em geral, considera-se normal a pessoa que consegue manter uma vida produtiva, com interação social e vínculos afetivos, mantendo a noção do que é real. Importante destacar, no entanto, que a Psicologia não usa esses estigmas.

L. L - Você sabe informar se foi publicada pelos jornais da época alguma matéria sobre a inauguração do CAPS ou se algum evento posterior realizado pela instituição foi noticiado?

G. L - Os jornais da região divulgaram bastante a inauguração. Alguns eventos, como os aniversários, palestras e as passeatas do dia da Luta Antimanicomial também foram bem difundidos.

L. L - O CAPS está completando nove anos. Deixe, se possível, uma mensagem.

G. L - Apenas gostaria de expressar meu desejo de vida longa ao CAPS e reiterar que foi uma grande honra contribuir de alguma forma na implantação desse serviço tão importante para a população. Foi uma experiência riquíssima que deixou muitas saudades, bons amigos e a certeza de que fizemos o melhor possível para proporcionar qualidade de vida a todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ARICÓ, Carlos Roberto. **Reflexões sobre a loucura**. São Paulo: Ícone, 1986.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

DAMETTO, Carmem. **Loucura: mito e realidade**. Petrópolis: KBR, 2012.

FILHO, Ciro Marcondes. **A produção social da loucura**. São Paulo: Paulus, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed., LTC, 1988.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

LEADER, Darian. **O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LOPES, Esmeraldo. **Caminhos de Curaçá**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 1999.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Hospício de Diamantina: a loucura na cidade moderna**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

MARCOLINO, Eliana. **Comunicação e Loucura: a representatividade da Lei Antimanicomial nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *A Tribuna***. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.

MARTINS, José de Souza [*et al.*]. **Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MENDES, Eliezer C.O **O universo paralelo da loucura: a do louco e a dos outros**. Rio de Janeiro: Ground, 1987.

NEVES, Lucília de Almeida. **Historia oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESSOTTI, Isaias. **Os nomes da loucura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PASSOS, Izabel Christina Friche. **Loucura e Sociedade: discursos, práticas e significações sociais**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

TAVOLARO, Douglas. **A casa do delírio: reportagem no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha**. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.

TOLEDO, Luiz Celso Castro. **Diálogos familiares sobre a loucura**. São Paulo: Vetor, 2006.

VALENTE, Nelson. **Mito, sonho e loucura**. São Paulo: Intermedial, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

Fonte Oral

Agenor dos Santos. Entrevistado em Curaçá, na Avenida dos Vaqueiros, s/n, no dia 25 de Setembro de 2014.

Alda Martins Rodrigues. Entrevistada em Curaçá, na Rua Hermes Duarte Lima, nº 84, no dia 17 de Setembro de 2014.

Alexandre Barreto. Entrevistado em Juazeiro no dia 08 de Outubro de 2014.

Anselmo Vital Mattos. Entrevista via facebook no dia 20 de Maio de 2014.

Benedito Franco de Andrade. Entrevistado em Curaçá, na Rua Francisco Arnóbio Varjão, 36, no dia 10 de Outubro de 2014.

Carlos Eduardo Coelho dos Santos. Entrevistado em Curaçá, na Praça José Félix Filho, s/n, no dia 22 de Outubro de 2014.

Cleuton César Ferreira dos Santos. Entrevistado em Juazeiro em 13 de Abril de 2014.

Dejanira Torres Soares. Entrevistada em Curaçá, na Avenida Dr. Pedro Santos Torres, s/n, no dia 08 de Dezembro de 2014.

Edna Maria Pereira Martins. Entrevistada em Curaçá, na Avenida dos Vaqueiros, s/n, no dia 25 de Setembro de 2014.

Elita Soares Ferreira. Entrevistada em Curaçá, na Avenida Dr. Pedro Santos Torres, s/n, no dia 8 de Dezembro de 2014.

Esmeraldo Lopes. Entrevistado em Curaçá, na Avenida Dr. Pedro Santos Torres, s/n, no dia 29 de Novembro de 2013.

Faustino Gomes da Silva. Entrevistado em Curaçá, na Avenida dos Vaqueiros, s/n, no dia 25 de Setembro de 2014.

Gina Carla Conduru Loureiro. Entrevistada via facebook no dia 31 de Outubro de 2014.

Hamilton Assunção. Entrevistado em Juazeiro no dia 08 de Outubro de 2014.

José Clodonildo Duarte de Andrade. Entrevistado em Curaçá, na Rua Dário Lopes da Costa, 130, no dia 08 de Novembro de 2014.

José Jorge dos Santos. Entrevistado em Curaçá, na Praça Marieta Bahia, s/n, no dia 23 de Maio de 2014.

José Pereira da Silva. Entrevistado em Curaçá, na Rua Rui Barbosa, s/n, no dia 29 de Maio de 2014.

Josiná Possidônio da Silva. Entrevistado em Curaçá, na Avenida Dr. Pedro Santos Torres, nº 50, no dia 10 de Abril de 2014.

Juscelita Rosa Soares Ferreira de Araújo. Entrevistada em Curaçá no dia 25 de Junho de 2014.

Luiz Lopes Filho. Entrevistado em Curaçá, na Rua Rui Barbosa, s/n, em 10 de outubro de 2014.

Maciel de Melo Santos. Entrevistado via facebook no dia 24 de Setembro de 2014.

Marlene Monteiro de Brito. Entrevistada em Curaçá, na Praça Professora Marieta Bahia, s/n, no dia 06 de Outubro de 2014.

Milton Nunes Araújo. Entrevistado em Curaçá, na Rua Rui Barbosa, s/n, no dia 05 de Novembro de 2014.

Manoel Ednor Fonseca Ribeiro. Entrevistado em Curaçá, na Rua Hermes Duarte Lima, nº 52, no dia 08 de Dezembro de 2014.

Omar Dias Torres. Entrevistado em Petrolina, na Rua dos Migrantes, nº 83, no dia 06 de Dezembro de 2014.

Paulo Fernandes da Silva. Entrevistado em Curaçá, na Praça São Benedito, no dia 04 de Dezembro de 2014.

Pedro Rodrigues dos Santos. Entrevistado em Curaçá, na Rua Hermes Duarte Lima, nº 84, no dia 17 de Setembro de 2014.

Rafael Torres Ribeiro da Silva. Entrevistado em Curaçá, na Travessa Duque de Caxias, nº 5, no dia 25 de Setembro de 2014.

Ricardo de Oliveira Silva Pereira. Entrevistado em Curaçá no dia 12 de Novembro de 2014.

Rosa Amélia Rodrigues. Entrevistada em Curaçá, na Avenida dos Vaqueiros, s/n, no dia 25 de Setembro de 2014.

Wellington Cordeiro Lima. Entrevistado em Curaçá, na Praça Bom Jesus da Boa Morte, s/n, 22 de Outubro de 2014.

Wilson Sena. Entrevistado em Curaçá, na Praça Raul Coelho, s/n, no dia 03 de Dezembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e de todos agradeço a Deus por me manter vivo para que eu pudesse subir mais um degrau na minha vida acadêmica, sempre iluminando o meu caminho e me mantendo firme nos meus propósitos.

Abaixo Dele, agradeço aos meus pais, Ednor e Cleuza, e ao meu irmão, Matheus Clesley, por todo apoio dado ao longo da minha vida, sempre estando presente, na minha alegria e na minha tristeza.

Agradeço também a minha esposa, Jaqueline Isabel, e aos meus filhos, Yuri Kauan e Yelena Zahara (que nasceu durante a escrita deste livro), ambos pelas inspirações e por ser a razão do meu viver.

Agradeço de forma especial ao meu orientador João José pelo incentivo, pela paciência e mais ainda pela energia que me passou durante nossas conversas, além, claro, por aceitar e compartilhar da mesma loucura.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte dessa caminhada de quase cinco anos pela UNEB, especialmente, as professoras Andrea Cristiana Santos (que ainda contribuiu escrevendo a orelha do livro), Odomaria Bandeira (a xodomaria, a quem tenho um carinho especial), Renata Freitas, Fabíola Moura e Gislene Moreira; e aos professores Cosme Batista dos Santos, Luiz Adolfo Andrade e Jota Menezes.

Não poderia deixar de agradecer a minha sogra, a professora Isabel Pereira Martins, pelos “puxões de orelha”, pelo o incentivo e pelas revisões de texto. Da mesma forma agradeço a Jucielly Isabel,

Julliane Isabel e Valéria Ataídes que ajudaram na correção final do livro, criando uma espécie de “conselho editorial” em família.

A Walter Araújo e a Omar Torres, agradeço pelas contribuições ao longo do livro e também por aceitaram o convite para escrever o epílogo e o “mesofácio”, respectivamente. E à Dione Félix que sempre estive por perto quando mais precisei de uma amiga, acompanhando toda a produção do *Enquanto Enlouqueço*.

Não poderia deixar de agradecer a turma 2009.2 (os “páias”) em nome dos meus preferidos: Raianne Guimarães, Taiane Sandes e Danilo Duarte e Mário Alves pela amizade verdadeira e presente. Agradeço aos meus amores mundo afora.

Agradeço ainda ao pessoal do CAPS de Curaçá em nome de Rosa Amélia Rodrigues. Eles abraçaram o meu projeto e muito contribuíram durante as pesquisas.

E, de forma mais que especial, agradeço aos familiares dos ditos “doidos” e aos próprios “doidos” que permitiram contar parte de suas vidas. Eles são os protagonistas.

Meu muito obrigado a todos!



APÊNDICE

Breca de Pedra, 3 de setembro de 1984.

Brigido Lobo.

Eu não tinha escrito antes para você porque não queria importuná-lo. Todavia, em face dos tropeços e pelanqueias políticas que estão bombardeando os céus do Brasil, com sinal de pouca chuva na festa do povo, decidi escrever esta carta para um breve papo a esse respeito. Kriber, porém, quando registrar aqui o meu sincero elogio pelas suas grandes virtudes de político e de grande virtude humana que até é, as quais ninguém, de bom senso, pode negar. Você é um homem de muita fé e um símesis e um seus conselheiros. É lúcido, íntegro e de vasta visão política-social. É um lutador dinâmico em defesa do bem comum, e um orientador correto dos destinos do povo da nossa terra, povo que, talvez por influência de fatores biológicos hereditários, já nasce com a infeliz vocação de ser filhos dos barões do sertão e dos donos das metrópoles. É por identificá-lo dentro de tão alto conceito, que acredito nos frutos positivos da sua luta cívica e humanitária, pois somente um batalhador firme e brio do seu gabarito é capaz de curar a cura desse povo e romper o círculo vicioso dos políticos de aluguel que dele fazem escada para subir na vida.

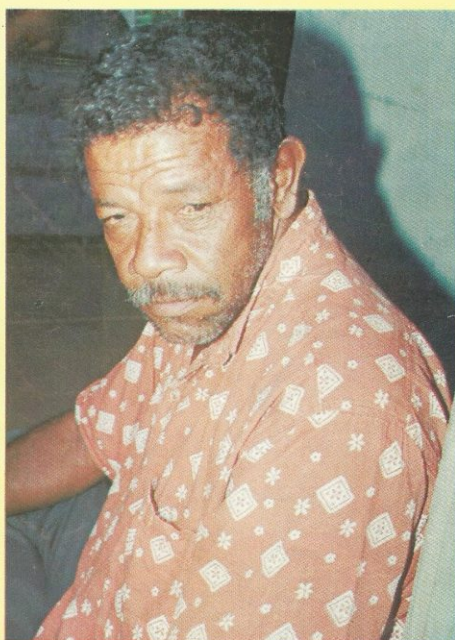
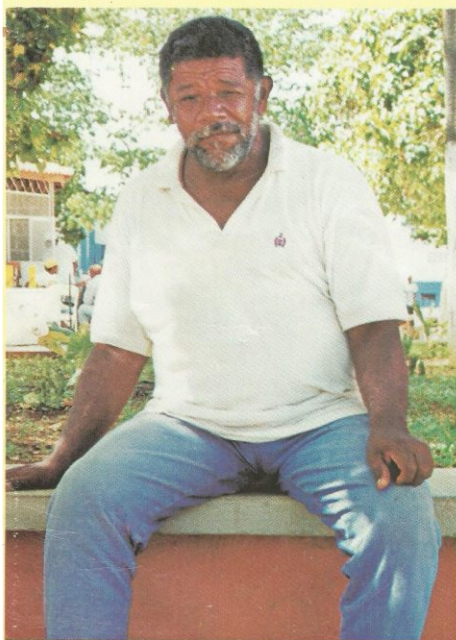
Evidentemente, é em razão disso - da exigência do povo e da agiotagem dos políticos insulsos - que estudei métodos em papo-de-arruela, que pelo jeito parece ser a nossa eterna verdade. Pelo menos é o que nos dá a entender o malabarismo político

ESTE É O NOSSO AMIGO DOMINGOS QUE ESTÁ DESAPARECIDO DESDE 20/11/02. QUEM O VER OU TIVER INFORMAÇÕES FAÇA A GENTILEZA E CARIDADE DE AVISAR AOS SEUS FAMILIARES NOS TELEFONES ABAIXO:

(74) 531-1587 - Alda Martins Rodrigues - Curaçá/BA

(74) 531-1817 - Isabel Martins De Sousa - Curaçá/BA

(87) 3869-1400 - End. Coml. de Maria Rodrigues dos Santos - Stª Mª da Boa Vista/PE



Domingos sofre de deficiência mental e não fala. Ele é uma pessoa de natureza muito boa, não é violento e sempre foi tratado com muito carinho pelos seus familiares e por toda a comunidade curaçaense. Ele deverá estar com a barba e os cabelos crescidos.

A família de Domingos e a sociedade curaçaense ficarão muito agradecidas a quem colaborar na sua localização, por este gesto de solidariedade e compaixão.

PEDIMOS A DEUS QUE NOS CONCEDA A GRAÇA DE PASSARMOS O NATAL COM DOMINGOS, EM CURAÇÁ.

Cartaz divulgado na época do desaparecimento de Domingos

COMPOSIÇÃO INSPIRADA POR CURAÇÁ E PELOS SEUS “DOIDOS”

Um Veio D'água
Maciel Melo

Composição inspirada por Curaçá e pelos
seus “doidos” Curandeiro cura Curaçá
Dos anseios famintos dessa terra
E o vermelhar do Sol por entre as serras
Anuncia ao cair que a tarde finda
E o negrume que a noite dissemina
Reforçando a memória de Maria
Vai-se a noite e se espera mais um dia
Que se abre em rotinas de gorjeios
Um cavalo de bonitos arreios
Ver-se um homem enrugado pelo tempo
Uma mulher e o cansaço de um jumento
Faz madrugada na entrega do seu leite
Há um louco vencendo o preconceito
Com a inocência de um macacuí
Pingo d'água de esgoto lava os dedos
De outro doido que passa por alí
Tudo isso retrata Iguaraci
Numa cura fiel dos meus anseios
Matuto sem estilo eu sou um veio
D'água do rio Pajeú
Lá onde tem festa de janeiro
Pro padroeiro São Sebastião
E quando chego na porta da igreja
Me calo, e paro para ouvir
Um pifeiro soprando
Livrai-nos da peste São Sebastião

PRINCIPAL MATÉRIA PRIMA: A MEMÓRIA DOS MAIS VELHOS



Sr. Milton Araújo, 88 anos.



Sr. Luizinho Lopes, 95 anos, e Sr. José Pereira, 87 anos.



Luciano Lugori, como é conhecido, nasceu em 1984, em Curaçá, na Bahia, onde reside até os dias de hoje. É professor, pesquisador e jornalista. É licenciado em Biologia pela Universidade de Pernambuco e bacharel em Jornalismo pela Universidade do Estado da Bahia. É amante da poesia e da boa música. “*Enquanto Enlouqueço: livro-reportagem sobre os ditos doidos de Curaçá*” é a sua primeira obra.

algum tipo de distúrbio mental, mas também são incompreendidos, podem ser condenados ao esquecimento e à exclusão.

Neste livro, Lugori nos traz instantâneos da vida desses personagens. O livro não se propõe a trazer novas figurações sobre essas pessoas que habitaram a cidade, convivem e constroem laços com os demais habitantes. Também não pretende explicar os motivos que os levaram a ser estigmatizados. O autor simplesmente se propõe a buscar os rastros da existência desses personagens e narrar suas experiências de vida.

Se por um lado o jornalismo nos exige buscar explicações e esclarecimentos sobre a complexa realidade que envolve a todos, Lugori escolheu uma narrativa que permite reconstruir os laços invisíveis que, de alguma forma, permanecem na memória de quem habita a cidade de Curaçá ou que está de passagem por ela. Quem já visitou a cidade e curtiu o pôr do sol na beira do cais, na margem do rio, já ouviu parte das histórias de Domingos, Zé Doido, Lalá, Boscão, Kekê di Bela, “Valmir Macacuí” e Paulinho Carandiru, entre tantos outros. De alguma forma, já fomos ao encontro de todos esses personagens e saímos modificados dessa relação, seja pelas histórias narradas sobre eles ou pela convivência, quase sempre alegre, afetiva, risonha. Esse livro, portanto, é um legado à memória desses personagens que são a alma da cidade e tornam a sua paisagem humanamente mais sensível e diversificada.

””

Andréa Cristiana Santos

Jornalista e professora da
Universidade do Estado da Bahia.

vá pá porra!



SAI DA
MINHA PORTA



AO TRATAR DOS PERSONAGENS TOMADOS COMO LOUCOS em Curaçá, o livro-reportagem *Enquanto Enlouqueço* nos leva a questionar nossa própria sanidade mental e os seus padrões. Mais que isso, nos faz acolher o louco dentro de nós e desconfiar das normoses que nos acometem em nosso desprezo pelo diferente. *Enquanto Enlouqueço* é uma declaração de amor às pessoas pouco amadas, pouco respeitadas, pouco compreendidas, um exercício jornalístico que rompe padrões e se ousa compor-se com híbrida formatação. Temos, em certa medida, um produto literário, um experimento sociológico, uma aventura antropológica.

Mas, para além da reportagem e dos perfis que o livro nos traz, a humanidade grita em suas páginas, e o amor fraterno aos loucos é escandalosamente noticiado pelo autor.